

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

Cristiana Patrícia dos Santos Louzada

***Fatores chave na reconstrução de laços sociais em
indivíduos em situação de sem-abrigo***

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Serviço Social

Orientadora:

**Doutora Maria Inês Martinho Antunes Amaro, Professora
Auxiliar Convidada**

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2020

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

Cristiana Patrícia dos Santos Louzada

***Fatores chave na reconstrução de laços sociais em
indivíduos em situação de sem-abrigo***

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Serviço Social

Orientadora:

**Doutora Maria Inês Martinho Antunes Amaro, Professora
Auxiliar Convidada**

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2020

Dedicatória

À minha família, em especial à minha mãe, ao meu irmão e ao meu namorado pelo apoio incondicional de todos os momentos, especialmente os de incerteza e desespero.

Agradecimentos

Dedico este espaço a todas as pessoas que me apoiaram e estiveram comigo ao longo deste percurso que acabou por se prolongar mais do que inicialmente desejado.

Num primeiro instante agradeço aos meus pais pelo apoio incondicional que me ajudaram a tornar possível a realização deste trabalho, a eles só posso expressar a minha enorme gratidão.

À minha mãe pela força que me tem dado ao longo deste percurso estando sempre a meu lado, como também ao meu irmão me mostrando sempre de nunca desistirmos dos nossos sonhos, custa o que custar.

Não posso também deixar de agradecer à minha madrinha por estar sempre a meu lado, como aos meus avós maternos.

As amigas que fiz ao longo do mestrado, Clarisse Garcia e Sílvia Ferreira em que nos apoiamos a todas neste percurso.

Sem esquecer os meus amigos de sempre Mariana Neves e Emerson Indequê, que apesar da distância partilharam as minhas angústias. E, todos os meus amigos “antigos” e “novos” que estiveram presentes nesta fase.

À professora Doutora Maria Inês Amaro que orientou esta tese de forma a ser possível a publicação da mesma, pelo rigor, empenho demonstrado.

À Comunidade Vida e Paz, em especial ao Espaço Aberto ao Diálogo, que sem os colegas da instituição nada disto seria possível. E, a todos os utentes que aceitaram dar o seu depoimento para este trabalho.

Um muito obrigado para todos vocês!

Resumo

A presente investigação procura compreender quais os fatores chave na reconstrução de laços sociais em indivíduos em situação de sem-abrigo, com o apoio de uma metodologia qualitativa.

Os dados qualitativos assentam numa lógica investigação indutiva, em que obtivemos respostas a partir da aplicação de entrevistas semiestruturadas, tanto para as pessoas em situação de sem-abrigo (8 entrevistados), como para os técnicos (5 entrevistados) e da análise de conteúdo.

Podemos observar que apesar de existir uma maior preocupação em relação ao fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo, ainda existe um deficiente conhecimento científico e empírico do complexo problema social. Sendo que a intervenção junto desta população acaba por ser complicada devido à falta de respostas sociais neste campo e à morosidade das mesmas.

Palavras-chave: Pessoa em situação de sem-abrigo; Reconstrução dos Laços Sociais; Mudança Social; Intervenção Social.

Abstract

This thesis seeks to understand which are the key factors in the reconstruction of social ties in individuals in situations of homelessness, supported by a qualitative methodology.

The qualitative data is based on an inductive research logic, in which we obtained answers from the application of semi-structured interviews, both for people in situations of homelessness (eight interviews), as well as for technicians (five interviews), followed by content analysis.

We can observe that, although there is a greater concern in relation to the phenomenon of homelessness, there is still a deficient scientific and empirical knowledge of this complex social problem. Therefore, the intervention within this population turns out to be complicated, due to the lack of social responses in this field and their slowness.

Keywords: Homelessness; Reconstruction of Social Ties; Social Change; Social Intervention.

Índice

Dedicatória	I
Agradecimentos	II
Resumo	III
Abstract	IV
Lista de abreviaturas e siglas	VIII
Introdução	1
Capítulo 1 – Contributos para a Compreensão do Fenómeno de Sem-abrigo... 3	
1.1. As pessoas em Situação de Sem-Abrigo	3
1.1.1. Por que as Pessoas são Sem-Abrigo?	5
1.1.2. O fenómeno dos Sem-Abrigo em Portugal	6
1.1.3. Opacidade de Pobreza – Os significados de ser Pobre	10
1.1.4. Pobreza, Vulnerabilidade e Exclusão Social – Perspetiva dos Sem- Abrigo 12	
Capítulo 2 – Laços Sociais e os Sem-Abrigo.	16
2.1. A importância da rede social pessoal no indivíduo em situação de sem- abrigo	16
2.2. Laços Sociais nas pessoas em situação de sem-abrigo.....	18
2.3. A Desqualificação Social.....	20
2.4. Vulnerabilidade e Desafiliação Social	22
Capítulo 3 – Representação do Serviço Social	24
3.1. Políticas Sociais – Conceitos e Contextos	24
3.2. Ativação das Políticas Sociais na Intervenção junto da população-alvo	27
Capítulo 4 – Percurso Metodológico	32
1.1. Objeto empírico concreto	33
1.2. Campo Empírico	33
1.3. População/amostra	34
1.4. Métodos e Técnicas	39

1.4.1. Modelo de Análise	40
Capítulo 5 – Análise e Interpretação de Dados	44
5.1. Estar em situação de sem-abrigo.....	44
5.2. Laços Sociais	47
5.2.1. Laços de Filiação	47
5.2.2. Laços de Participação Eletiva.....	48
5.3. Relacionamento entre profissionais e utentes	49
5.4. Processo de intervenção.....	50
5.4.1. Obstáculos na Intervenção	51
5.4.2. Respostas existentes.....	51
5.4.3. Mudanças que deveria haver para intervenção	51
5.4.4. Pontos fortes da Intervenção	52
5.5. Reconstrução dos laços sociais	52
5.6. Mudança Social.....	53
Conclusão	54
Referências	57
Anexos	62
Anexo 1 – Consentimento Informado	63
Anexo 2 – Guião das entrevistas (utentes/técnicos)	65
Anexo 3 – Entrevistas (utentes)	70
Anexo 4 – Entrevistas (técnicos).....	92
Anexo 5 – Análise de conteúdo.....	107

Índice de Figuras

Figura 1- Percentagem de Casos de sem-abrigo identificados, por Distrito..... 9

Índice de Quadros

Quadro 1 – ETHOS Tipologia Europeia de Exclusão relacionada com Habitação	8
Quadro 2 – Caraterização dos utentes entrevistados	35
Quadro 3 – Caraterização dos técnicos entrevistados	38
Quadro 4 - Operacionalização dos conceitos do Enquadramento Teórico	41
Quadro 5 - Guião das entrevistas para os utentes	66
Quadro 6 - Guião de Entrevistas para os técnicos.	68
Quadro 7 – Análise de Conteúdo: Estar em situação de sem-abrigo (utentes)	115
Quadro 8 - Análise de Conteúdo: Estar em situação de sem-abrigo (técnicos)	117
Quadro 9 – Análise de Conteúdo: Laços de Filiação (utentes)	127
Quadro 10 – Análise de Conteúdo: Laços de Participação Eletiva (utentes) .	134
Quadro 11 – Análise de Conteúdo: Laços Sociais (Técnicos)	139
Quadro 12 – Análise de Conteúdo: Relacionamento entre profissionais e utentes (utentes)	150
Quadro 13 – Análise de Conteúdo: Relacionamento entre profissionais e utentes	158
Quadro 14 – Análise de Conteúdo: Reconstrução dos laços sociais (utentes)	163
Quadro 15 – Análise de Conteúdo: Reconstrução dos laços sociais (técnicos)	164
Quadro 16 – Análise de Conteúdo: Mudança Social.....	173

Lista de abreviaturas e siglas

A.S – Assistente Social;

CVP – Comunidade Vida e Paz;

CI – Comunidade de Inserção;

CT – Comunidade Terapêutica;

Curso EFA – Cursos de Educação e Formação para Adultos;

EAD – Espaço Aberto ao Diálogo;

Eurostat – Direção-Geral de Estatísticas da União Europeia;

FEANTSA - Federação Europeia das Associações Nacionais que Trabalham com os Sem-Abrigo;

INE – Instituto Nacional de Estatística;

ONU – Organização das Nações Unidas;

PLA – Problemas Ligados ao Álcool;

PIB – Produto Interno Bruto;

PPC - Paridade do Poder de Compra Padrão;

PARES – Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais;

PSSA – Pessoa em Situação de Sem-Abrigo;

REAPN – Rede Europeia Anti-Pobreza - Portugal;

RSI – Rendimento Social de Inserção;

RVCC – Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências;

SAD – Serviço de Apoio Domiciliário;

SICAD - Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências;

UE – União Europeia.

*“O que mata um jardim não é o abandono. O que mata um jardim é o olhar
vazio de quem por ele passa”.*

Mário Quintana

Introdução

A presente investigação tem como tema, os fatores chave na reconstrução de laços sociais em indivíduos em situação de sem-abrigo.

Em relação ao tema é fundamental para o Serviço Social que se lute pelo bem-estar e qualidade de vida dos utentes e para isso é necessário que se tente ao máximo garantir apoios e atividades que despertem sentimentos positivos e benéficos para os indivíduos que vivem em situação de sem-abrigo, sendo ainda pertinente perceber a influência destes dois conceitos, laços sociais e indivíduos em situação de sem-abrigo. Esta investigação concretiza-se a partir da seguinte pergunta de partida:

“Quais os fatores críticos que contribuem para contrariar o processo de rutura com os laços sociais de indivíduos que se encontram em situação de sem-abrigo?”.

A partir daí definiu-se o objetivo geral, compreender os fatores críticos que contribuem para contrariar o processo de rutura com os laços sociais de indivíduos que se encontram em situação de sem-abrigo. Sendo, que o objetivo geral pode ser decomposto por objetivos específicos. Nomeadamente:

– Identificar os fatores críticos que contribuem para contrariar o processo de rutura com os laços sociais de indivíduos que se encontram em situação de sem-abrigo;

-Conhecer a perspetiva dos sem-abrigo no que concerne à sua perceção sobre a rutura dos laços sociais;

-Entender a perceção dos técnicos da Comunidade Vida e Paz (CVPaz) sobre a importância na construção de projetos de intervenção e da implementação dos mesmos junto destas pessoas.

A presente dissertação encontra-se dividida em 5 capítulos. Três dos capítulos são teóricos: Capítulo 1 – Contributos para a Compreensão do Fenómeno de Sem-Abrigo; Capítulo 2 – Laços Sociais e os Sem-abrigo e

Capítulo 3 – Representação do Serviço Social. Mais ainda, existe o capítulo 4 tem a ver com o percurso metodológico. E, por fim o capítulo 5 – Análise e Interpretação de dados, seguido pelas conclusões finais.

Capítulo 1 – Contributos para a Compreensão do Fenómeno de Sem-abrigo

1.1. As pessoas em Situação de Sem-Abrigo

O fenómeno de Pessoas em situação de sem-abrigo não é recente e tem perpetuado ao longo da história do ser humano. Nas sociedades mais antigas a pessoa em situação de sem-abrigo era reconhecida como o vagabundo, o indigente, o vadio e mendigo. Esta estigmatização negativa ainda se conserva nos dias de hoje. Anderson & Snow (1993); Bento & Barreto (2002); Menezes (2012).

No ano de 1912 em Portugal surge a “Lei da vadiagem” que autorizava a mendicidade mediante uma licença. Além disso, esta lei fez com que se criasse espaços para a correção dos “vadios”, ou seja, aqueles que eram impossibilitados de trabalhar eram encaminhados diretamente para asilos ou albergues. Os que se encontravam aptos e realizavam mendicidade eram sujeitos a pena de prisão ou eram enviados para as colónias (Barreto, 2000:47-48).

Mais tarde, com a emergência do Estado Novo, as políticas à repressão à mendicidade e vadiagem passam a fazer parte da função da Polícia de Segurança Pública. Barreto (2000:49) Controlar estes grupos sociais de ameaçarem a ordem pública passa a ser fundamental para o Estado e por isso, começam a surgir a criação de albergues, asilos, bairros, etc. Esta população era sobretudo composta por pessoas idosas, menores, tuberculosos, prostitutas, homossexuais, delinquentes, reincidentes, alcoólicos. Barreto (2000:49)

A partir da implementação da democracia em Portugal, em abril de 1974, começa a construir-se o Estado de Providência que põe fim à repressão da mendicidade, passando esta a ser vista como um problema social (Bento *et al*, 2002:43).

Contudo Leão (2014) refere que o significado das palavras “pessoas em situação de sem-abrigo” surge pela primeira vez na década 60 do século XX, através da palavra inglesa “*homeless*” e pela qual se define um sem-abrigo como alguém que não tinha uma casa condigna. Mais tarde, na década 80 aparecem em França as expressões “*sans domicile fixe*”, “*sans abri*” ou ainda “*clochard*”, passando a ideia de um sem-abrigo é como alguém que não tem domicílio. A partir da década de 90, as pessoas em situação de sem-abrigo deixam de ser marginalizadas e passam ser as excluídas (desempregados, sem vínculo familiar, problemas ligados às substâncias ilícitas e lícitas, incapazes de manter uma habitação com os seus meios ou com o apoio dos serviços sociais).

Deste modo, verificamos que este conceito tem vindo a evoluir: começa por alguém que é desprovido de habitação, para passar para alguém que está ligado a problemas de pobreza e de exclusão social. A Federação Europeia das Associações Nacionais que Trabalham com os Sem-Abrigo (FEANTSA) define certos critérios para a definição de um sem-abrigo, não sendo uniforme a definição do conceito de sem-abrigo em todos os países. Por exemplo, na Dinamarca um sem-abrigo é alguém que tem problemas sociais, que está sem habitação ou sem capacidade para sustentar uma habitação e necessita de um sítio para ficar. Por outro lado, a Holanda refere-se a um sem-abrigo, como alguém que não tem alojamento com condições básicas, ou alguém que vive em pensões por não ter habitação. Mais ainda, alguém, que vive em alojamento de serviços de saúde. Estes dois países são ilustradores da complexidade da definição deste conceito, entre os diferentes países da União Europeia.

Para além disso, de acordo com Semedo (2012:10) o conceito não é algo definitivo, pois varia consoante o tempo e o espaço, como podemos ver na seguinte definição de “sem-abrigo” dada pela EU:

(...) “aquele que não tem acesso a acomodações que possa ocupar razoavelmente, através de uma situação legal, quer de pertença de habitação, quer seja arrendada ou proporcionada por empregadores, ou ainda por ocupação livre de renda através de um qualquer contrato. Desta forma, o indivíduo vê-se forçado a pernoitar em locais como: ao ar livre; em edifícios que

não reúnem condições de habitação; em locais que recebem por curtos períodos tais; e em casa de amigos ou familiares”.

Na atualidade, na sociedade portuguesa, a Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo (ENIPSSA) 2017-2023 tem como objetivo de adotar um conceito harmonizado de pessoa em situação de sem-abrigo para que todos utilizem os mesmos critérios, facilitando a intervenção junto desta população. Uma das mudanças foi a alteração da designação de “sem-abrigo” para “pessoa em situação de sem-abrigo”, deixando-se de ser visto como condição de vida e passando a ser visto como uma situação que caracteriza uma determinada fase na vida de uma pessoa.

1.1.1. Por que as Pessoas são Sem-Abrigo?

Diversos são os fatores que podem levar a esta condição e as suas consequências estão relacionadas com uma grande diversidade cultural e com as particularidades dos grupos afetados. (Marques, 2012)

Em que de acordo com Bento e Barreto (1996), a manutenção da situação de sem-abrigo advém de fatores de ordem estrutural e individual. O nível estrutural refere-se ao desemprego, à pobreza, às políticas habitacionais e sociais. Quanto ao nível individual, este diz respeito às doenças físicas e mentais, opção de vida, desafiliação, os consumos de substâncias ilícitas e/ou lícitas e as perdas de valores. Sem existir uma ordem exata destes fatores. Permitindo assim uma abordagem multidisciplinar que tem diferentes escalas (micro, meso e macro). Numa perspetiva micro, a explicação centra-se na pessoa:

- 1) Ser sem-abrigo como uma opção de vida;
- 2) Ser sem-abrigo por problemas patológicos;
- 3) Ser sem-abrigo como consequência de acontecimentos ou circunstâncias negativas. ISS (2005:43)

O nível meso prende-se com a incapacidade de respostas das estruturas sociais e o nível macro tem a ver com a forma como a sociedade se encontra organizada:

- 1) Mercado de habitação incapaz de responder de forma satisfatória a todas as situações;

- 2) Mercado de trabalho caracterizado por altos níveis de desemprego e baixos salários;
- 3) Serviços sociais incapazes de fornecer suportes apropriados no tempo e no espaço.
- 4) Uma sociedade que produz mecanismos de desigualdade e segregação. ISS (2005:43)

No entanto, as necessidades que este grupo social apresenta dificultam o reconhecimento das medidas de emergências a adotar, sendo indispensáveis combater as necessidades primárias, bem como as medidas de fundo estruturais, sem negligenciar nenhuma delas. Bruto da Costa (1998:80)

Com isto, Rivlin (1986) e Kulhn e Culhane (1998) citado por Menezes (2012:9) distingue 4 grupos de sem-abrigo com base na duração da sua condição: “O Crónico”; “O Periódico”; “O Temporário”; “O Total”. O grupo dos sem-abrigo crónicos são pessoas que vivem à margem da sociedade e que têm problemas ligados aos consumos ou à saúde mental. O grupo dos sem-abrigo periódico são os que perdem a sua habitação devido ao desemprego, prisão, internamento hospitalar, etc. Quanto ao grupo dos sem-abrigo temporários, encontram-se nesta situação devido a um acontecimento inesperado (catástrofes naturais, divórcio ou perda de emprego, etc.), mas a sua capacidade de manter uma casa ou de ter uma, mantém-se estável. E, por último o grupo dos sem-abrigo total são os indivíduos que não têm qualquer capacidade de ter ou manter uma casa e nem qualquer tipo de suporte social. Menezes (2012:9)

Contudo, inicialmente o surgimento dos sem-abrigo estava centrado apenas na identificação dos fatores de vulnerabilidade e não nas causas dos problemas. No entanto, com a continuação da existência de pessoas em situação de sem-abrigo coloca em causa as explicações de carácter individual. (Pereira *et al*, 2001:19)

1.1.2. O fenómeno dos Sem-Abrigo em Portugal

De acordo com Rosa & Abreu (2015:158) as estatísticas existentes deste fenómeno em Portugal apresentam diversas limitações na caracterização de sem-abrigo. Uma vez, que apenas caracterizam um sem-abrigo centrado na categoria dos “Sem-teto” (INE, 2012), em que de acordo com a tipologia ETHOS

distinguem 4 situações de sem-abrigo: 1) sem-Abrigo; 2) sem alojamento; 3) com habitação precária; 4) com habitação inadequada. As duas primeiras são as que estão mais associadas à situação de sem-abrigo, como se pode observar no quadro 1.

Categoria Conceptual	Categoria Operacional	Definição Geral
Sem-Abrigo	Pessoas que vivem na rua	Dormir na rua (sem acesso a alojamento de emergência) / sem-Abrigo
	Pessoas em alojamento de emergência	Alojamento de emergência
Sem Alojamento	Pessoas em lares de alojamento, para pessoas sem domicílio	Lar de alojamento em fase de inserção Alojamento provisório
	Pessoas em lar de alojamento para mulheres	Lar de alojamento para mulheres
	Pessoas em alojamento para imigrantes	Alojamento provisório/ Centro de Acolhimento (requerentes de asilo Lar para trabalhadores migrantes
	Pessoas que saíram de instituições	Instituição penal Instituição médica
	Beneficiários de um acompanhamento em alojamento	Instituição de cuidados destinada às pessoas sem domicílio Alojamento acompanhado Alojamento de transição acompanhado Alojamento assistido
Habitação Precária	Pessoas em habitação precária	Provisoriamente alojado pela família ou amigos Sem arrendamento Ocupação ilegal de uma construção Ocupação ilegal de um terreno

	Pessoas à beira de despejo	Aplicação de uma decisão de expulsão (aluguer) Pareceres de apreensão (propriedade)
	Pessoas vítimas de violência doméstica	Incidentes registados pela polícia ligada à violências domésticas
Habituação Inadequada	Pessoas que vivem em estruturas provisórias e não se adequam às normas sociais	Habituação móvel/caravana Construção não conforme com as normas Estrutura provisória
	Pessoas em alojamento indigno	Habituação (ocupado) declarada inabitável em conformidade com a legislação nacional
	Pessoas vivem em condições de sobrepopulação severa	Normas nacionais mais severas

Quadro 1 – ETHOS Tipologia Europeia de Exclusão relacionada com Habitação¹

Nos censos de 2011² verifica-se que 682 pessoas se encontram em situação de “sem-abrigo”. Sendo que este número não corresponde exatamente à realidade, como é demonstrado pelo estudo do ISS (2005): baseado na tipologia ETHOS, este estudo aponta para 13677 casos a nível nacional, em que cerca de 48% dos casos evidenciam-se no distrito de Lisboa, como se pode ver na figura 1

¹ Fonte: https://www.feantsa.org/download/ethos_pt_final1893132162398804628.pdf, acedido no dia 14 de Junho de 2019;

² Ver em Anexo 1 – Fonte: <https://ine.pt/>;

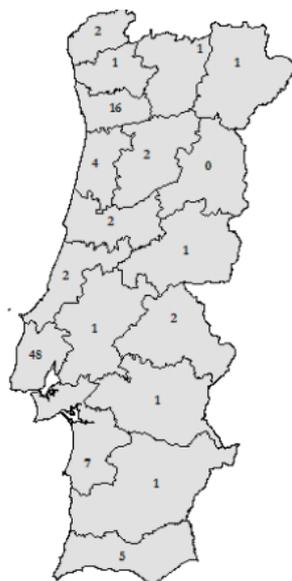


Figura 1- Percentagem de Casos de sem-abrigo identificados, por Distrito³

Este estudo integrou duas fases. A primeira procurou uma definição concetual sobre o que é um sem-abrigo. A segunda tentou obter uma análise abrangente dos “sem-abrigo” residentes em Portugal. Das pessoas em situação de “sem-abrigo” (2717 pessoas), verificou-se que grande maioria era do sexo masculino, solteiro e de nacionalidade portuguesa, ainda que existindo uma predominância de indivíduos originários dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Isto acontece pelo facto destes imigrantes procurarem em Portugal melhores condições de vida, acabando por se deparar com alguns obstáculos, nomeadamente, na obtenção do título de residência, de emprego, a barreira do idioma, ausência de rede de suporte, tudo isto pode levar à situação de sem-abrigo.

Mais ainda, o número de pessoas em situação de sem-abrigo mais de metade encontra-se em idade ativa (25 a 64 anos). As explicações para estes dados encontram-se relacionados com a fluência de respostas sociais para as pessoas idosas (+ 65 anos) e com a rede familiar (-25 anos).

Um outro dado tem a ver com o baixo nível de escolaridade. Sendo algo que dificulta a integração no mercado laboral. E, a forma de subsistência acaba por ser a realização de atividades esporádicas, os biscates.

De acordo com o estudo realizado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, no Programa Intergerações/Intersituações em relação à cidade de

³ Fonte: Lúcio, Marques, Almeida, & Carvalho (2009), *cit.* ISS (2005).

Lisboa no ano de 2013, verifica-se que a grande maioria das pessoas em situação de sem-abrigo se encontra há mais de um ano a pernoitar na rua. Devido aos modos de vida que adotam, em relação à permanência nesta situação, a sua aparência descuidada faz com que se tornem alvo de estereótipos (alcoólicos, drogados, etc.) e estigmatizações, que em muito agrava a sua condição, e contribui para o seu isolamento e afasta qualquer hipótese de integração no mercado de trabalho (Bento & Barreto, 2002:59). Em que a partir da experiência de rua se vai criando uma nova identidade, como refere Bento & Barreto (2002:90) “ser sem-abrigo implica mais do que um modo de viver é um modo de sobreviver”.

Os resultados obtidos neste estudo demonstram que as pessoas em situação de sem-abrigo dão maior importância a serviços que lhes permitam resolver a sua situação de forma duradoura (habitação permanente – 40,9%, emprego – 27,3%) do que a serviços que pretendam apenas minorar a situação (habitação temporária – 2,3%). No entanto, reconhecem também a importância de satisfazer as necessidades mais básicas (alimentação, segurança física, assistência médica). Outros serviços são também reconhecidos, como lhes ser prestada mais informação (informação sobre serviços públicos – 6,8%, informação sobre saúde – 2,3%), outros que são serviços para lidar com dificuldades específicas (apoio jurídico – 2,3%). Gonçalves (2016:39-40)

Por fim, um outro dado que se pode retirar tem a ver com a rede de suporte familiar. Apenas 24% dos inquiridos referem que contactam uma vez por semana com os familiares, não sendo por isso considerados como uma rede de apoio. As pessoas em situação de sem-abrigo vão passando por diversas ruturas ao longo da vida, sendo a mais extrema a rutura dos laços sociais. Este resulta de um processo progressivo de perda de laços afiliativos com as várias estruturas sociais: a família, a escola, o trabalho, a religião, a política e o lazer (Bahr, 1973).

1.1.3. Opacidade de Pobreza – Os significados de ser Pobre

O significado social de pobreza e as respetivas características variam de sociedade para sociedade, não raramente de forma bastante acentuada. Ao

longo do tempo tentou-se encontrar uma definição de quem devia ser considerado realmente pobre (com direito à esmola) e rico (com obrigação de dar) e como devia ser repartida a esmola. Historicamente, a Igreja definiu três géneros de bens: necessários *ad vitam*, necessários *ad status* e supérfluos. O pobre era aquele que não possuía rendimentos necessários à subsistência e/ou à preservação do estatuto em que sempre vivera. Todo aquele a quem sobravam rendimentos depois de providas as duas necessidades era considerado rico. (Lopes, 2016:72)

Em conformidade com Costa (1984) citado por Reis (2010:20), no século XX, já na década de 90 o pobre era visto como um “objeto” e não realmente como uma pessoa. De acordo, com a autora, “Pobre não é aquele que se encontra em situação de privação, com falta de recursos a todos os níveis. Pobre, é o que, debatendo-se com a privação e a falta de recursos, vive na dependência”. Reis (2010:20)

De facto, alguém que se encontra em situação de pobreza, está limitado em diversos domínios, nomeadamente nas relações sociais. Uma condicionante de ser pobre refere-se à “exclusão”, sobretudo nos meios sociais da sociedade, a convivência torna-se agrupado a um pequeno grupo (família, vizinhos com condições semelhantes e colegas de trabalho). No caso, de ser desempregado, torna-se a sua convivência ainda mais limitada.

Retomando ainda Costa, citando Zorrilla (1987:14), aponta que um pobre é aquele que se depara com uma situação de fraqueza, de dependência, de humilhação, assinalada pela privação de meios variáveis segundo as épocas e as sociedades, de poder e de consideração social: dinheiro, relações, influência, ciência, capacidade intelectual, liberdade e dignidade pessoais.

O pobre pode ser definido como alguém sem qualquer tipo de poder na sociedade, como se refere Capucha (2005) “do lado do pobre é importante reconhecer que a sua condição é marcada, além do mais pela total ausência de poder, a ponto de nem sequer ter poder para reivindicar os seus direitos mais elementares”.

De acordo com Malik (2014) na categorização atual os pobres que classificamos de destituídos (sem nada) são aquelas pessoas que não têm

capacidade para obter os bens ou rendimentos necessários para a sua sobrevivência, sendo as categorias mais comuns:

- As crianças (numa situação precária como o abandono, etc);
- As pessoas com deficiências físicas ou mentais;
- Os idosos.

Encontra-se ainda o estabelecimento da distinção de dois tipos de pobreza: a estrutural e a conjuntural. No que respeita à primeira, os pobres estruturais são pessoas que têm capacidade física e mental para poder lutar pela obtenção de bens e recursos, mas que, no entanto, não têm terras ou capital próprio, nem educação, nem emprego estável. (Barros; Camargo; Mendonça, 1994)

Quanto à pobreza conjuntural, esta engloba as pessoas que têm capacidade física e mental, dispendo ainda de alguns bens ou recursos (como terra, capital, educação, material ou imaterial). No entanto, estes indivíduos estão dependentes das conjunturas, isto é, se as conjunturas são favoráveis têm como se sustentar e se conjunturas são desfavoráveis não são suficientes para que elas não resvalém (ex.: uma série de maus anos agrícolas).

Os pobres de crise são as situações de pobreza que resultam da impotência das pessoas diante a uma catástrofe. Exemplo: catástrofes naturais – terramoto, *tsunami*, etc; ou catástrofes ocasionadas pelo homem, sobretudo as guerras.

Nos dias de hoje, a pobreza reflete-se em vários parâmetros. De acordo com Crespo & Gurovitz (2002:5) refere que a privação de capacidades elementares pode refletir-se em morte prematura, subnutrição considerável (especialmente de crianças), morbidez persistente, analfabetismo e outras deficiências. Essa definição não despreza o facto de a pobreza também ser caracterizada como uma renda inferior a um patamar pré-estabelecido, pois uma renda baixa pode ser a razão primeira da privação de capacidades de uma pessoa.

1.1.4. Pobreza, Vulnerabilidade e Exclusão Social – Perspetiva dos Sem-Abrigo

A situação de sem-abrigo é o estado mais extremo de exclusão social e pobreza, envolvendo problemas complexos: materiais, sociais, psicológicos,

culturais e patológicos. (Bento e Barreto, 1996). A pobreza e a exclusão social são traços existentes na sociedade portuguesa. O elevado número de pessoas nesta situação o indica. Diogo, Castro, e Perista (2015:17)

Apesar de os conceitos de pobreza, vulnerabilidade e exclusão social serem diferentes, estes interligam-se entre si. Pode-se identificar que a pobreza é um fenómeno multidimensional, que engloba questões económicas, culturais, relacionais e simbólicas. Estas dimensões, articuladas entre si e tornadas estruturais, apresentam-se um obstáculo à inserção e ao sentido de pertença e de identificação simbólicas dos indivíduos e dos grupos.

De acordo com Oliveira (2014) o termo de exclusão social apenas surge na década 60 em França, como se pode ver no livro publicado por René Lenoir⁴ “*Les exclus: un français sur dix*”, citado pelo autor. Ao longo do livro pode-se ver que o termo da “exclusão” tem o sinónimo de “inadaptação social”. Esta inadaptação social atingia todos os que eram pobres e eram cobertos pelo sistema de proteção social em França. A partir da década de 1970 a noção de exclusão social passa a ser dividida em duas dimensões: a subjetiva e a objetiva. Por um lado, a exclusão subjetiva considerava os indivíduos como objetos, e por outro aqueles que eram afastados da sociedade pelo crescimento económico enquadrava-se numa dimensão objetiva. Ao longo do tempo, este conceito surge especialmente em debates sobre a pobreza e a desigualdade social.

Para além disso, para Coelho (2016), as análises dos processos de exclusão social resultam de várias perspetivas teóricas. A abordagem culturalista defende que a vivência da pobreza incita certos modos de vida, valores, atitudes e comportamentos que são transmitidos de geração a geração. Lewis (1969), citado pela autora, define a “cultura da pobreza” como sendo uma acomodação da sua condição na sociedade.

Uma outra, a abordagem estrutural, refere-se à multiplicidade das causas da exclusão social. Por exemplo, o crescimento económico pode levar à inabilidade de conseguir proteger a população mais vulnerável. Por isso, surgiu

nos países ocidentais um novo termo a “nova pobreza”, conceito que se refere à falta de empregos estáveis, à deterioração do mercado de trabalho, ao aumento do desemprego de longa duração, entre outros. A exclusão da vida ativa pode desencadear muitas vezes um afastamento da vida social, uma crise de identidade, problemas de saúde e não raras ruturas familiares. A diminuição de rendimentos e a precariedade das condições de vida levaram os indivíduos confrontados com esta nova situação a frequentar serviços sociais para obter auxílio financeiro, mesmo que contra a vontade e para vergonha dos próprios. Leeds (1971) citada pela autora.

Para Tavares (2013) os conceitos de pobreza e exclusão social, apesar de serem próximos, não são iguais, como refere o próprio indicando outros autores:

“Estes conceitos são próximos, mas não confundíveis. Almeida, *et al* (1994), citado por (Rodrigues, E. *et al.* s.d: 66)⁵, refere que “a pobreza é uma das dimensões, talvez a mais visível, da exclusão social. Empiricamente, a utilização difusa do termo exclusão social tende, em alguns discursos, a substituir a pobreza”. Contudo, uma não implica necessariamente a outra. Porque pode haver pobreza sem exclusão social. Bruto da Costa (1998) é elucidativo ao considerar que pobreza e exclusão são realidades distintas e nem sempre coexistem.” Rodrigues *et al* (s/d:66)

Como referido anteriormente, a pobreza é uma das causas da exclusão social ou marginalização social face a recursos obtidos no mercado ou face a recursos distribuídos pelo Estado. São, portanto, conceitos que se relacionam fortemente, conforme refere Pereirinha (2008:71):

“A pobreza e exclusão social constituem uma das grandes preocupações atuais da Humanidade, integrando as agendas políticas e as cimeiras de alto nível, que procuram definir estratégias orientadas para a resolução do problema. O combate à pobreza, à exclusão social e à precariedade constituem desígnios nacionais, europeus e mundiais. Numa sociedade cada vez mais global, é imperioso corrigir assimetrias e promover a participação social de todos”.

⁵ Rodrigues, Eduardo, *et al* (s.d:66), *A Pobreza e a Exclusão Social: Teorias, Conceitos e Políticas Sociais em Portugal*. (Também pode ser consultado em PDF on-line em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1468.pdf>);

Mais ainda, Alves (2010:43-44), citado pelo autor, aponta que os vários estudos e publicações realizados, especialmente no campo da sociologia, têm demonstrado que muito embora nos últimos trinta a quarenta anos o país tenha conhecido e vivido um conjunto de transformações estruturais nos planos espacial, demográfico, socioprofissional, cultural, educativo, do desenvolvimento, entre outros, tais mudanças não afastam a permanência de debilidades, com carácter estrutural umas, e conjuntural outras, relacionadas com os fenómenos da pobreza e da exclusão social. Estas debilidades, tanto estruturais, como conjunturais, vão justificando a permanente necessidade de refletir, ensaiar e implementar novas políticas que materializem soluções e estratégias de mudança em ordem à erradicação, ou pelo menos à atenuação, daqueles problemas.

De acordo com os autores, Carmo *et al* (2008:54), devido às crises, especialmente a nível financeiro, as desigualdades sociais continuam a persistir, nos dias de hoje. Estes investigadores entendem a pobreza como algo que representa uma forma de exclusão social, reforçando que não existe pobreza sem exclusão social. Contudo, o contrário não se aplica, uma vez que existem formas de exclusão social sem ser derivadas da pobreza, pois “do ponto de vista teórico, podem existir situações de altos níveis de desigualdade sem pobreza, bem como altas taxas de pobreza praticamente sem desigualdade” (Carmo *et al*, 2008). Um exemplo bastante patente revela-se do isolamento social da pessoa idosa nas sociedades ocidentais capitalistas.

Guerra & Pinto (2015:167-168) referem que as mudanças da sociedade atual estão a alterar os perfis de pobreza e de vulnerabilidade introduzidas por um Estado cada vez menos Providência e cada vez mais colado à lógica da competitividade a todo o custo. A pessoa vê-se obrigada a reestruturar a sua identidade, os seus modos de vida e como também reestruturar as suas redes sociais.

De acordo, com a Rede Europeia Anti-Pobreza - Portugal (REAPN) (2009:12) os reformados, as crianças e jovens, as mulheres e os imigrantes são os grupos sociais mais vulneráveis. No que respeita aos idosos e reformados, o baixo valor das prestações trazem repercussões nas suas condições de vida e no acesso a bens e serviços. Por sua vez, no caso das crianças e jovens, os baixos ou até

os inexistentes rendimentos provocam situações de pobreza e de exclusão social. No caso das mulheres, as situações de exclusão podem surgir devido às diferenças salariais entre sexo e nos imigrantes elas devem-se à elevada precariedade laboral.

A partir destes aspetos, de acordo com Costa *et al* (2015), conseguimos perceber que os fenómenos das desigualdades envolvem interseções de desigualdades distributivas e categoriais. Nas primeiras, evidenciam-se as distribuições desiguais de recursos económicos, podendo ser mencionadas com as desigualdades europeias ou as desigualdades de rendimentos, e de recursos educativos. As segundas são referentes às desigualdades entre classes sociais e entre estados nacionais, ou seja, relacionado com as desigualdades entre pertenças étnicas, género sexual ou fases dos ciclos de vida.

Para além disso, como bem-estar significa mais do que riqueza, pobreza significa mais do que renda insuficiente para cobrir as necessidades mínimas de uma família. Sinais de que as necessidades básicas não estão sendo atendidas – como saúde frágil, baixa escolaridade, discriminação e marginalidade – também são indicadores de pobreza.

Por fim Sané (2007) refere que devemos ter consciência de que a característica mais marcante de nossa civilização, num tempo em que ela se globaliza em torno da aspiração a uma prosperidade sem precedentes, é a persistência e até mesmo o agravamento da pobreza. O facto é opressivo: a pobreza afeta metade da população do mundo e tem vindo a aumentar.

Capítulo 2 – Laços Sociais e os Sem-Abrigo.

2.1. A importância da rede social pessoal no indivíduo em situação de sem-abrigo

De acordo com Guadalupe (2016:43) que cita Mercklé (2004:6) refere que o conceito de rede tem surgido em diversos domínios e com diversas designações associadas. O conceito de rede remete para pontos ligados entre

si. Simmel (1999) refere que a existência de rede depende de “ações recíprocas” entre indivíduos.

Num plano social, podemos distinguir as redes de parentesco, de suporte, de afinidade, de vizinhança, etc. Alegre (2015) refere que a rede social é o conjunto das diferentes formas de entreatajuda, bem como das entidades particulares sem fins lucrativos e dos organismos públicos que trabalham na ação social, articulam entre si e com o Governo, com o principal objetivo a erradicação ou atenuação da pobreza e exclusão social.

Apesar do termo rede ser aplicado de forma geral, desde da sua origem, Barnes (1969) defendia que deveria aplicar-se a algum tipo de campo social, designando-se “um primeiro nível de abstração da realidade”, chamando a esta “rede total”.

No Serviço Social português, Guadalupe (2016:43) refere que a apropriação deste termo foi feita nem sempre com a maior correção, aplicando-se indiscriminadamente e sem especificações e contextualizações devidas. Uma das pioneiras no estudo das redes sociais foi Elisabeth Bott (1990) que afirmava que “não é um novo enfoque” e de que “não há nada revolucionário nesta ideia de rede social”.

De forma geral, as redes sociais podem ser consideradas como Fischer et al (1977) citado pela autora “os sistemas particulares de relações que unem atores sociais”, assumindo diversas formas consoante o tipo de laços e o tipo de atores sociais implicados. Wellman (1981) citado pela autora, no mesmo sentido, considerou-as como um conjunto de nós e laços de ligação entre os nós, em que os nós podem ser pessoas, grupos, empresas ou outras instituições.

Numa perspetiva centrada no indivíduo, podemos designar a rede como a “rede social pessoal”. Como designa Sluzki (1996:13-42) citado por Guadalupe (2016:51), este autor define a rede social pessoal dizendo que é constituída por todos os atores sociais com quem o indivíduo estabelece uma relação interatuante dentro do seu “universo relacional”. Barnes (1969) refere que este é um dos aspetos da rede total, designado por “estrela”, sendo esta formada por pessoas que conhecem o ego e se destaca na “zona” do ego, que é relativa ao conjunto dessas pessoas mais as suas inter-relações. Estas estrelas e zonas

podem ser consideradas com os seguintes níveis: primárias (constituída por pessoas que conhecem perfeitamente o ego) e as secundárias (constituída pelas pessoas que o ego conhece através de escalões intermédios), abrindo a hipótese de estipular outros níveis.

No Serviço Social, a rede social primária e secundária é equacionada como doente de suporte social. Apesar, que a existência de uma rede social, não implica existir suporte social. Aliás, as redes sociais podem ser destrutivas favorecendo à sua exposição e riscos sociais.

Sendo, que uma das causas de a pessoa se encontrar em situação de sem-abrigo tem mesmo a ver com problemas familiares e relacionais, ou seja, mais do que carência de recursos existe um problema de cidadania em que o sem-abrigo ao longo da sua trajetória individual de vida, acumula e reforça inúmeras ruturas e perdas.

2.2. Laços Sociais nas pessoas em situação de sem-abrigo.

De acordo com Castel (1990) muitas das vezes a situação de sem-abrigo resulta da exclusão social que envolve diversos fatores e incessantes ruturas com os sistemas sociais básicos e de pertença. Um estudo realizado pela FEANTSA citado por Costa (2007) vem a demonstrar precisamente isso, refere que e “os fatores que mais frequentemente conduzem à situação de sem-abrigo situam-se nas áreas da saúde, desemprego, problemas familiares e relacionais”, ou seja, mais do que carência de recursos existe um problema de cidadania em que o sem-abrigo ao longo da sua trajetória individual de vida, acumula e reforça inúmeras ruturas e perdas.

Estas ruturas averiguam-se nos laços sociais, conforme Paugam (2009:63) afirma que os laços sociais “são múltiplos e de natureza diferente, mas todos eles fornecem aos indivíduos simultaneamente a proteção e o reconhecimento necessário à sua existência social”, o mesmo autor distingue 4 tipos de laços sociais:

1. Laços de filiação – referem-se aos laços familiares, tendo funções ao nível da socialização e da construção identitária dos indivíduos. Podem ser entendidos como laços de proteção, a sua ruptura potencia sentimentos como o abandono e a rejeição;
2. Laços de participação eletiva – tratam-se dos laços da socialização extrafamiliar (cônjuges, amigos, etc.). Supõem que seja o indivíduo, o responsável pela construção da rede de pertença. A ruptura deste tipo de laço está relacionada com um potencial isolamento relacional, podendo provocar rejeição do grupo de pares e sentimentos de traição e abandono.
3. Laços de participação orgânica – remetem para os laços estabelecidos entre os atores da vida profissional. Tais laços proporcionam o reconhecimento social pelas funções laborais que o indivíduo desempenha. A ruptura destes laços faz frequentemente emergir sentimentos de inutilidade e de humilhação social, sendo quase sempre tida como uma ruptura-chave nos processos de vulnerabilização e de exclusão social.
4. Laços de cidadania – estabelecem-se entre os membros de uma comunidade política, favorecendo a proteção conferida pelos direitos civis, políticos e sociais, e reconhecendo o sujeito enquanto cidadão, em igualdade perante a lei. A ruptura dos mesmos, poderá significar o não reconhecimento dos direitos ao cidadão, diminuindo, restringindo ou usurpando a sua cidadania.

As autoras Rosa e Abreu (2015:160), aludem que estes quatro tipos de laços são complementares e cruzam-se entre si, como referido anteriormente, o enfraquecimento desses laços sociais pode levar à desfiliação. A noção de desfiliação permite-nos entender as mudanças estruturais de forma dinâmica e, a partir daqui compreender como estas se fazem sentir nas vidas individuais. Castel (2003:51) diz que o risco de desfiliação surge quando “o conjunto das relações de proximidade que um indivíduo mantém a partir de sua inscrição territorial, que é também sua inscrição territorial familiar e social, é insuficiente para reproduzir sua existência e para assegurar sua proteção”.

Em suma, podemos referir que um dos fatores que leva o indivíduo encontrar-se em situação de sem-abrigo tem a ver com o enfraquecimento ou a falta de

redes sociais fundadas no bem-estar, presentes nas sociedades contemporâneas, (Domandzic (s.d:18) citado por Rosa e Abreu, (2015:160).

2.3. A Desqualificação Social

No momento, que Portugal entrou num período de recessão económica, têm-se visto nos últimos anos um aumento considerável da taxa de desemprego, precariedade no trabalho, dificuldade crescente dos sistemas clássicos de proteção para cobrir os riscos sociais. De acordo, com Dias (2016:31-44), antes de poder falar do desemprego em si, é necessário abordar alguns conceitos chaves, nomeadamente, o trabalho, o emprego e o desemprego. Segundo o mesmo autor, o sentido de “trabalho” refere que é uma necessidade do ser humano para a sua existência e sobrevivência. A autora citando Duque (2013:81-82) alude que o trabalho é uma necessidade básica, sendo considerado como a autorrealização da pessoa, garantindo ainda a subsistência do ser humano. Por outro lado, existe a ideia de “emprego” que é muitas vezes confundida com a ideia de trabalho. Este pode ser referido como um cargo atribuído a um indivíduo numa determinada empresa ou num órgão público, e, por conseguinte, a falta de emprego leva ao desemprego.

Desde os anos 80 verificou-se um aumento no desemprego, constituindo-se num dos mais graves problemas sociais, uma vez que é um mecanismo de inclusão/exclusão social, gerador de problemas sociais e de novas formas de pobreza. Simultaneamente com a crise financeira surge uma necessidade de reorganizar as políticas sociais (políticas de inserção), que vai atuar nas áreas de formação profissional, educativas, habitacionais e rendimentos dos mais desfavorecidos. Atualmente observa-se que as dificuldades de inserção no mercado de trabalho e a instabilidade do emprego e dos recursos fomentam uma exclusão simbólica, ou seja, o sujeito deixa de participar na produção de bens e na produção social, abdicando de um papel ativo na sociedade.

Podemos afirmar, que o trabalho é compreendido como principal fornecedor de “lugares” na sociedade e apresenta-se como a única porta de entrada no sistema social. Consequentemente a experiência do desemprego é

desestabilizadora, na medida em que a insuficiência de recursos necessários, nomeadamente monetários, condiciona a participação em atividades fora do ambiente familiar, acarretando um estado de satisfação interior no indivíduo e, logo, uma integração efetiva na sociedade.

É incontestável que desde a industrialização e a expansão do trabalho assalariado, o trabalho remunerado tornou-se um fator elementar da integração social, pois é uma componente estruturante da composição psicológica da pessoa e do ciclo das suas atividades diárias. Efetivamente, o trabalho possibilita ao indivíduo sentir-se valorizado, ampliando a sua autoestima e a confiança em si mesmo.

Com tudo isto, Paugam (1991:162-175) ao analisar as mudanças do mercado de trabalho nas cidades e suas consequências para os indivíduos, concluiu que essas mudanças seriam responsáveis por um processo que ele designou de desqualificação social. Para o autor este termo «*présentait l'intérêt de mettre l'accent à la fois sur le caractère multidimensionnel, dynamique et évolutif de la pauvreté et sur le statut social des pauvres pris en charge au titre de l'assistance*». A seguir a uma desqualificação profissional, ou sucessivas tentativas falhadas de inserção profissional, os indivíduos acabam por perder sucessivamente a sua dignidade. Com o tempo estas situações podem agravar-se e conduzir a situações de rutura dos laços sociais (desde família, a mercado de emprego, etc).

Apesar da noção de exclusão social nos anos 90 começa a ser usado por parte de diversos autores, Paugam (1991) quis mostrar a diferença entre estes dois termos, exclusão social e desqualificação social. Para o autor este termo de desqualificação social retorna ao processo de enfraquecimento e de rutura dos laços que o indivíduo tem com a sociedade ou o sentido da perda da proteção e do reconhecimento social. O homem socialmente desqualificado é vulnerável ao futuro e sobrecarregado pelo peso do olhar negativo que os outros têm nele.

Paugam (1991:163) refere que nos anos 80 começaram a surgir a “*nouvelle pauvreté*”, ou seja, quem vinha pedir ajuda não era as famílias que eram consideradas “*familles lourdes*” ou designadas de “*cas sociaux*”, mas sim os jovens que vinham de famílias consideradas sem problemas, e que tinham ficado

desempregados. Muitas vezes contra a sua própria vontade estes indivíduos são obrigados a frequentar os serviços de ação social, o que torna maior o constrangimento sobre a desqualificação profissional.

De acordo, com o mesmo autor, a desqualificação social abrange um processo em três fases: 1) fragilidade; 2) Dependência e 3) Rutura dos Laços Sociais. Ou seja, demonstra que o processo de desqualificação social não começa obrigatoriamente pela experiência de desemprego, mas pode-se encontrar no mundo do trabalho, em situações de precariedade comparadas com a experiência de desemprego, a partir de crises de identidade e do enfraquecimento dos laços sociais.

A fragilidade encontra-se relacionada com a dificuldade da inserção no mercado de trabalho ou à perda do local de moradia. Sendo, experiências dolorosas que provocam ao indivíduo a sensação de estar deslocado. A situação contínua da fragilidade vai fazer com que se passe para a fase segunda dependência. A dependência é quando surge a responsabilidade dos serviços sociais pelas dificuldades enfrentadas pelos indivíduos. A grande maioria das pessoas que se encontram nesta fase já desistiram de arranjar um emprego. A continuação da dependência pode levar à fase seguinte, a rutura dos laços sociais. Surgindo assim, a desqualificação social, que revela uma nova forma de pobreza, que diz menos respeito a situações de carências materiais, passando a estar relacionado com situações de assistência.

2.4. Vulnerabilidade e Desafiliação Social

O aumento das desigualdades sociais leva os indivíduos sentirem-se na atualidade «inseguros» e «vulneráveis». A pobreza e a exclusão social, que nunca foram totalmente erradicadas, são hoje uma realidade pública e do conhecimento de todos nós. Como referem Rosa & Abreu (2015:96) vive-se a era da vulnerabilidade social, do desemprego e da desafiliação. Em que a “desfiliação ou desqualificação revelam-se como o resultado da degradação da função integradora do trabalho, dado que esta estruturava a densidade da integração noutros eixos sociais, tais como as redes de sociabilidade e

familiares” Rosa e Abreu (2015:96). Ou como também refere Amaro (2004:99) um “encadeamento de infortúnios”, onde se assoma um conjunto de ruturas negativas. Em que a desafiliação ocorre pela intersecção dos processos de precarização laboral e enfraquecimentos das relações sociais. (Amaro, 2015:187)

É a partir dos finais dos anos 80 na União Europeia surge o desenvolvimento de conceito desafiliação social, como rutura de vínculos sociais e falta de raízes territoriais, como um déficit de integração identitária. Esta corrente francesa de desafiliação e desqualificação social faz ressaltar a ideia de exclusão enquanto rutura social associada à situação de não realização de direitos. (Rosa e Abreu, 2015:101)

As autoras referem três noções que tentam esclarecer a realidade multidimensional da desafiliação: 1) Desapropriação; 2) desqualificação social e; 3) Desinserção.

Para Robert Castel, a *desapropriação* traduz um “processo de perda de estatuto e consideração, perda de identidade que resulta no enfraquecimento das redes de sociabilidade” (Castel, 1995). As vulnerabilidades crescentes das sociedades capitalistas centram-se essencialmente em dois eixos: o trabalho e as relações concretas de sociabilidade. Segundo Robert Castel (2000:30), os excluídos decorrem da própria reorganização da estrutura social. A crise atual enfraquece o sistema de proteções sociais que permitia o desenvolvimento de uma dinâmica de integração. De acordo com o autor, as implementações de novas políticas de inserção têm vindo a difundir e o sucesso destas políticas acabam por ser negativamente afetados por existir um aumento de casos de vulnerabilidade social.

A desqualificação adiciona o elemento da “dependência relativa a dispositivos de ajuda e intervenção social”, o que segundo Paugam “conduz os indivíduos desde a fragilidade a dependência e por último a rutura do laço social, provocada pela perda de emprego, rutura familiar, problemas de saúde, desvalorização de si próprio, o que contribui por fim para a sua desinserção” (Paugam, 1991). Neste processo, Gaulejac & Léonetti (1995:2018) referem existir fatores que o influenciam, como as trajetórias de vida, o momento em que

ocorreu e a reação da pessoa. Também a noção de destituição é utilizada para refletir a imagem dos mais pobres dos pobres, nas sociedades contemporâneas. Rosa e Abreu (2015:101)

São estes os conceitos que qualificam o processo de exclusão. Assim, para que haja a criação de modelos de reafiliação social terá de se corresponder às mutações sociais da atualidade.

Capítulo 3 – Representação do Serviço Social

3.1. Políticas Sociais – Conceitos e Contextos

Mioto & Nogueira (2013:63) relatam que as funções desempenhadas pelos assistentes sociais, até meados da década de 1960, comprovavam a preocupação com a integração dos indivíduos e a regularização das suas condutas. Não se discutia a relação com as políticas sociais, as quais não eram identicamente tratadas no plano analítico, tanto pelo Serviço Social como por outras áreas do conhecimento. Questões mais graves com explicações teóricas mais densas não faziam parte do quotidiano profissional. A intervenção convergia aos objetivos institucionais de integração social e redução dos “desvios de conduta”.

As circunstâncias sociais económicas, como a crise financeira, levaram a uma alteração das políticas sociais, surgindo as políticas sociais ativas, em que se observa uma substituição da lógica solidariedade passiva para a solidariedade ativa, a flexibilidade dos dispositivos institucionais, baseados na descentralização da ação administrativa relativamente às redes de atores entre a esfera pública e a sociedade civil, a participação ativa do movimento associativo formal e informal, novas formas de cooperação baseadas no partenariado e ainda a articulação entre políticas sociais e económicas.

O programa de ação social da Comissão Europeia também deu grande importância ao desemprego e à necessidade de alcançar um equilíbrio entre as empresas e a segurança dos trabalhadores, bem como à persistência da pobreza e da exclusão social. Assim, torna-se necessário criar uma sociedade

fundada na integração, desenvolvendo postos de emprego, sistemas de proteção social e integração social. Verifica-se assim, uma reforma do sistema de segurança social e a implementação do RSI em que se pretende o apoio às famílias, responder às novas problemáticas sociais (toxicodependência), bem como às minorias sociais, onde o RSI permite criar relações entre o cidadão beneficiário e a sociedade, pois visa a sua integração social mais plena e duradoura.

Branco (2008:81) refere que na transição para o séc. XXI verificou-se a acentuação das dinâmicas de individuação da sociedade, que conduziu à redefinição das políticas sociais e da ação social, assistindo-se ainda às relações entre a sociedade/instituição e indivíduos, que conseqüentemente irão ser confrontados pela produção de si próprios.

A lógica estatutária é substituída pela lógica contratual das políticas sociais, pretendendo assim uma intervenção individualizada com os utentes, onde a biografia e as particularidades do indivíduo se tornam fundamentais na intervenção. O Estado Social ativo procura que os sujeitos sejam ativos, participativos e responsáveis, ou seja, pretende que tenham vontade de se integrar na sociedade e que saibam agir sobre os seus próprios problemas, tornando-se socialmente úteis. O processo de individuação é desenvolvido através de dois movimentos articulados, isto é o sujeito social concreto que se baseia na construção do utente como pessoa e o sujeito social contratual que é a construção de um sujeito responsável.

Assim, a construção do trabalho com o outro designa-se como a proximidade social entre o interventor e o utente, de forma a facilitar o acompanhamento, tendo em conta ainda a proatividade, onde deve ser suscitada a sua expressão pelo utente, em que os profissionais constroem novos quadros de trabalho que devem englobar a capacidade de autonomia, o risco, bem como a iniciativa, sendo valorizada uma relação baseada na confiança. Esta construção do trabalho com o outro fundamenta-se numa abordagem compreensiva, onde se procura entender melhor os problemas com que os utentes se confrontam.

De acordo com Egg (1995) as áreas de intervenção do serviço social são as seguintes, saúde, educação, emprego, serviços sociais pessoais, moradia e urbanismo e seguros de renda e outras prestações económicas. Os setores de prestação de serviços sociais pessoais integram o bem-estar social da família, promoção e bem-estar para a infância e adolescência, serviços de assistência e apoio à terceira idade, serviços para a juventude, prevenção da delinquência juvenil, integração social dos marginalizados, entre outros. Nas áreas e campos de atuação, nomeadamente, em indivíduos em situação de sem-abrigo, o papel do assistente social baseia-se na premissa das relações entre o sem-abrigo e os fatores sociais. A partir desta ideia da dimensão social do sem-abrigo é que derivaram as funções dos assistentes sociais neste campo de ação.

Quaisquer que sejam as atividades neste campo o Assistente Social visa proporcionar aos indivíduos em certo grau de autonomia quanto aos seus problemas. Estes serviços foram concebidos para atender a problemática sociais específicas e particulares de determinados grupos de pessoas para os quais os serviços de base não são suficientes. Tentam complementar a assistência oferecida pelos serviços polivalentes, evitando assim a marginalização no tratamento de determinados problemas. Ainda, assim estes serviços devem ser utilizados quando se esgotem a possibilidade dos primeiros, já que muitas vezes um problema específico pode ser resolvido através de serviços sociais de base.

As funções dos assistentes sociais nos setores de intervenção se traduzem em tarefas concretas: serviço para o bem-estar social da família (ajuda económica a famílias necessitadas ou carentes – Terapia Familiar; SAD); serviço para o bem-estar social da terceira idade (serviços de orientação a respeito de problemas pessoais, pensões, recursos sociais, etc. - Centros de dia; Clubes de aposentados; SAD); serviços sociais para o bem-estar da infância e da juventude (berçários, creches, escolas infantis, encaminhamento de menores abandonados, situações de maus tratos físicos); promoção da mulher (informação e sensibilização sobre os problemas que afetam as mulheres na sociedade atual; Serviços de informação e orientação jurídica e psicológica, dedicados à problemática da mulher; Serviços de planeamento familiar; Centros de atendimento para mulheres maltratadas; Casas-refúgio); serviços para atendimento de grupos em situação de alto risco ou com necessidades especiais

de reinserção (refeitórios sociais; Desintoxicação e reabilitação de viciados em entorpecentes; Serviços de orientação, diagnósticos e tratamentos sociais).

3.2. Ativação das Políticas Sociais na Intervenção junto da população-alvo

De acordo com Carreira (1996:265) “O nosso país terá sido dos últimos, no oeste europeu, a empreender mais intensos esforços públicos para o desenvolvimento das políticas sociais. Um conjunto de fatores poderá explicar esse atraso. A pobreza geral e acentuada, expressa em baixos rendimentos per capita, até ao arranque para o desenvolvimento, operado a partir de meados deste século, não constituía o suporte económico indispensável de políticas sociais de algum relevo.”

O surgimento das políticas sociais foi sempre condicionado pelo desenvolvimento das formas de Estado que foram tendo existência histórica em Portugal. (Rodrigues:202) As políticas sociais tiveram sempre como objetivo “ajudar as pessoas a se inserirem socialmente, seja nos mercados de trabalho, seja em atividades socialmente reconhecidas.” (Hespanha, 2008:1)

Uma das medidas criadas de proteção social para apoiar pessoas ou famílias que se encontram em risco de exclusão social e o combate à pobreza foi o Rendimento Social de Inserção, aprovada pela Lei n.º 13/2003, de 21 de Maio. Para as pessoas serem beneficiários desta prestação pecuniária é celebrado e assinado um Contrato de Inserção, no qual consta um conjunto de deveres e direitos, tendo como objetivo a integração social e profissional.

Em relação às pessoas em situação de sem-abrigo, muito deles não conseguem pedir o RSI, pela falta de documentação (cartão de cidadão/bilhete de identidade, estrangeiros com a situação irregular, sem a autorização de residência no país, etc.)

No que diz respeito à área da família e comunidade, existe os projetos de intervenção precoce e competências parentais e o Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais (PARES). Este programa tem como finalidade

apoiar o desenvolvimento e consolidar a rede de equipamentos sociais no território continental.

No que concerne a área da educação, destaca-se o programa “Escolhas”, em relação à condição de sem-abrigo, age junto da comunidade e dos cidadãos mais jovens, facilitando a sua integração socioprofissional e nas redes sociais. Em relação à população adulta, por via de valorização das competências ao longo da vida, surge o Curso EFA (tem como objetivo qualificar e potenciar as condições de empregabilidade dos adultos, atribuindo também um nível académico) e o Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) (permite certificação escolar e profissional, através da valorização das aprendizagens realizadas fora do sistema de educação ou formação profissional). MTSS (2006:53-81)

Outra medida em relação à terceira idade tem a ver com a pensão social de velhice e o complemento solidário a idosos, destinado a proteger os beneficiários do regime geral de Segurança Social (idade de 66 anos e 5 meses em 2019). Idade inferior é possível pedir a pensão antecipada por desemprego de longa duração, pensão antecipada pelo regime de flexibilização da idade, pensão antecipada por carreiras muito longas e regimes especiais de antecipação da idade de acesso à pensão por velhice.⁶ Mais ainda, existe o direito à pensão de invalidez (pessoa com incapacidade permanente, relativa ou absoluta, para o trabalho)⁷.

No entanto, para as pessoas em situação de sem-abrigo poder conseguir obter estes direitos acaba por se tornar difícil pela burocratização dos serviços. Por isso, em 2004-2005 o ISS realizou um estudo sobre a população-alvo. O estudo revelou a existência de 205 respostas sociais e serviços espalhados pelo país, sendo o Porto e Lisboa as metropolitanas onde existe maiores respostas para estes casos. No entanto, as intervenções realizadas por estas respostas são baseadas numa ordem assistencialista, como a distribuição de géneros alimentares, refeitórios sociais, cuidados de higiene e entrega de vestuário.

⁶ Informação retirada em: <http://www.seg-social.pt/pensao-de-velhice>;

⁷ Informação retirada em: <http://www.seg-social.pt/pensao-de-invalidez>.

Mais ainda, no estudo a grande maioria dos encaminhamentos foram para a realização do pedido do RSI e para o alojamento temporário (ISS, 2005:17). Com isto, emerge a necessidade de criar um plano para a integração de pessoas em situação de sem-abrigo dando origem ao ENIPSSA (2009-2015), composto por inúmeras entidades públicas e privadas. Um dos aspetos mais relevantes da estratégia refere-se à atribuição da responsabilidade de operacionalização das políticas de territorialização, por encaminhamento pelos Conselhos Locais de Ação Sociais (Rede Social). A ENIPSSA criou dois eixos. O Eixo 1 tem como objetivos estratégicos essencialmente a ver com três níveis de intervenção:

- “Uniformização do conceito de sem-abrigo;
- Implementação de um sistema de informação e monitorização e;
- Implementação de NPISA a nível local. ENIPSSA” (2009:27)

E, por fim o eixo 2 visa a garantir a qualidade, eficiência e eficácia em duas vertentes essenciais:

- “Formação dos técnicos;
- Qualidade das respostas”. ENIPSSA (2009:28)

Atualmente estão em funcionamento 20 NPISA (Almada, Amadora, Aveiro, Barreiro, Braga, Cascais, Coimbra, Espinho, Évora, Faro, Figueira da Foz, Lisboa, Loulé, Loures, Oeiras, Porto, Santarém, Seixal, Setúbal e Tavira)⁸.

A intervenção com esta população visa a promover a autonomia e a capacitação do indivíduo, no entanto as respostas sociais existentes persiste numa intervenção assistencialista, ou seja, resume-se à satisfação das necessidades básicas. Em que de acordo com Menezes (2012:26) “persiste uma filosofia de reparação do dano ao invés de uma aposta na intervenção social precoce”.

⁸ Informação retirada em: <http://www.enipssa.pt/npisa>.

3.3. Abordagem do Serviço Social sobre os indivíduos em situação de Sem-Abrigo

Com base de Amaro (2008), o Serviço Social é permanentemente confrontado com a pressão da resolução de problemas reais, que afetam indivíduos/populações e que influenciam o funcionamento da sociedade – é essa a sua natureza profissional e na sua finalidade são evidentes os propósitos de mudança, ou pelo menos de intervenção, societal. São estas ideias que estão na base da irreconciliabilidade do pensar com o agir e da teoria com a prática.

Em relação ao serviço social, a pobreza e a exclusão social fazem parte da experiência diária do trabalho dos assistentes sociais. Sendo, que a pobreza é “expressão direta das relações vigentes na sociedade, relações extremamente desiguais, em que convivem acumulação e miséria”. Yazbeck (2010:153)

Como também refere a autora:

“Quanto mais os assistentes sociais forem capazes de explicar e compreender as lógicas que produzem a pobreza e a desigualdade, constitutivas do capitalismo, mais condições terão para intervir, para elaborar respostas profissionais qualificadas do ponto de vista teórico, político, ético e técnico (o conhecimento teórico é a primeira ferramenta do trabalho do assistente social)” Yazbeck (2010:154)

Na atualidade, a pobreza e a exclusão podem ser consideradas como manifestações da falta de poder, de disempowerment, através da não participação em processos democráticos de decisão e pela ausência de poder e oportunidades dos cidadãos exercerem influência, no que diz respeito às suas condições de vida. Faleiros (1997:59)

Por isso, o serviço social tem que utilizar estratégias relacionais e situacionais na sua intervenção, como refere Faleiros (2013:31) são “oriundas de um confronto aberto ou fechado de forças, dos recursos disponíveis, da organização, do timing de enfrentamentos, sem separação da visão estrutural da conjuntural.” Os assistentes sociais que trabalham com a população em situação de sem-abrigo, tem como objetivo dar reconhecimento das competências e

potencialidades que encontram em cada pessoa para facilitar a integração da pessoa na sociedade (Sousa et al., 2007:79).

Para facilitar a intervenção junto desta população um dos pontos fulcrais são as equipas de rua, compostas sempre por equipas multidisciplinares (assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros, sociólogos, etc.). Pelo facto, de se deslocarem ao local onde pernoitam, prestando apoio e acompanhamento psicossocial de forma digna e personalizada, respeitando sempre o utente.

Este tipo de intervenção facilita o estabelecimento da relação de confiança com o utente, permitindo uma maior e fácil articulação com os serviços e acompanhamento às respostas devidas.

No concelho de Lisboa, existem diversas equipas de rua realizadas pelas seguintes instituições: AMI; Associação Crescer na Maior; Associação Conversa Amiga; Câmara Municipal de Lisboa; Comunidade Vida e Paz; Comunidade Santo Egídio; Centro de Apoio ao Sem-Abrigo (CASA); Exército da Salvação; Legião Boa Vontade; Liga dos Combatentes; Médicos do Mundo; Movimento ao Serviço da Vida (MSV); Novos Rostos Novos Desafios e Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS). (ISS, 2006)

Um outro ponto fulcral na intervenção do assistente social, passa pelo atendimento social, resposta pela qual foi desenvolvida através de um serviço de primeira linha. Tem como objetivos informar, orientar e encaminhar. Em relação à pessoa em situação de sem-abrigo este tem como objetivo intervir na emergência e no acompanhamento após a emergência. A emergência passa pela sinalização da situação do PSSA e a sua identificação ao NPISA, com o intuito do utente ficar-lhe atribuído um técnico de referência, conhecido como gestor de caso.

Após o diagnóstico social da situação e a atribuição de um técnico poderá ser encaminhado para um centro de alojamento temporário: resposta social que visa o acolhimento, por um período limitado, para adultos, que visa o encaminhamento para uma resposta social mais adequada. Sendo, que na cidade de Lisboa, existem: AMI – Centro de Abrigo da Graça; Exército de Salvação – Centro de Acolhimento Temporário para Sem-Abrigo Xabregas; VITAE – Centro de Acolhimento de Alcântara; VITAE – Centro de Acolhimento

do Beato; SCML – Centro de Acolhimento Temporário Mãe d'Água; JRS – Centro de Acolhimento Pedro Arrupe; Projeto Orientar Associação de Intervenção para a Mudança; Projeto é uma casa Associação Crescer na Maior e; Projeto Casas Primeiro AEIPS. (ENIPISA, 2009-2015)

Ao longo da intervenção por parte do assistente social no acompanhamento após emergência do processo do utente assume uma função de mediador com os serviços. Este acompanhamento e monitorização do processo é realizado até o ponto de situação do PSSA estiver estabilizado. O assistente social deverá por 3 anos saber a evolução do caso, garantindo o acompanhamento e *follow-up* do utente. (ENIPSSA 2009-2015)

Capítulo 4 – Percurso Metodológico

Antes da decisão de escolha da metodologia é importante esclarecer esse mesmo conceito. Em que de acordo com Ferreira (1987) a metodologia é "...a arte de dirigir o espírito na investigação da verdade; estudos dos métodos e, especialmente, dos métodos das ciências."

Mais ainda, Oliveira (2011:61) refere que nesta fase procura-se clarificar aspetos de natureza metodológica que orientaram o estudo. Inicia-se com a contextualização do estudo, procedendo à justificação e finalidade do estudo. Ao longo deste capítulo procura-se descrever e fundamentar as opções tomadas ao longo do percurso de investigação relativamente aos métodos adotados tendo em conta a definição da problemática. Na apresentação do desenho do estudo, descreve-se o tipo de estudo adotado, bem como a estratégia utilizada para a recolha e análise de dados. Passa-se então a referir os motivos que norteiam a decisão por esta análise e que justificam a pertinência do mesmo.

Após esta breve análise, para a elaboração da presente dissertação será utilizada a metodologia qualitativa. De acordo, com Trivños (1987:124) a metodologia qualitativa é conhecida como o "estudo do campo". Posto isto, rejeita a utilização instrumental estatístico na análise dos dados. Esta metodologia procura compreender os fenómenos segundo a perspetiva dos

participantes da situação em estudo. Como Flick (2009) refere pretende entender, descrever, explicar os fenómenos sociais de diferentes maneiras. Reunindo dados que são coletivos de forma narrativa, como diários, questionários abertos, entrevistas e observações que não são codificadas usando um sistema numérico.

1.1. Objeto empírico concreto

Primeiramente em relação ao objeto empírico concreto, de acordo com Bourdieu (2007:48):

“Por mais parcial e parcelar que seja um objeto de pesquisa, só pode ser definido e ‘construído’ em função de uma problemática teórica que permita submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade colocados em relação entre si pela questão que lhes é formulada”. Bourdieu (2007:48)

A lógica da construção de objetos numa pesquisa empírica e a função da teoria na observação do mundo empírico. Neste caso, o objeto empírico concreto alude aos fatores críticos que contribuem para a reconstrução dos laços sociais de indivíduos que se encontram em situação de sem-abrigo.

1.2. Campo Empírico

O presente estudo incide na cidade de Lisboa, mais precisamente no Espaço Aberto ao Diálogo – Comunidade Vida e Paz (localizado em Chelas – freguesia de Marvila). Neste local, constitui uma intervenção complementar diurna à intervenção das equipas de rua, com o objetivo de motivar as pessoas em situação de sem-abrigo para a mudança social. Esta intervenção é realizada por uma equipa técnica multidisciplinar, em que em conjunto com o utente define-se um plano de intervenção para a realização do projeto de vida de cada utente que frequenta o EAD.

1.3. População/amostra

A população em estudo são as pessoas em situação de sem-abrigo que se encontram a frequentar o Espaço Aberto ao Diálogo da CVPaz, como referido anteriormente. Foram entrevistados 8 utentes que se encontram nesta condição.

Para as PSSA que se encontram a frequentar o EAD o único critério aplicado foi:

- Estar a pernoitar na rua (incluindo abrigos improvisados) ou em centros de acolhimento temporário (sem-teto ou sem-casa).

Mais ainda, foram também entrevistados 5 técnicos da CVPaz, o único critério é que estejam a trabalhar juntamente com esta população-alvo.

Segue a caracterização da amostra:

No que se refere às idades das pessoas em situação de sem-abrigo todas são do sexo masculino, 3 têm uma idade compreendida entre os 40 a 44 anos; 2 PSSA apresentam uma idade compreendida entre os 45 a 49 anos; 1 PSSA com idade compreendida entre os 25 a 29 anos; 1 PSSA tem idade entre os 50 a 54 anos; 1 PSSA com idade dos 55 a 59 anos e por último um PSSA com idade compreendida entre os 60 a 64 anos. Em relação ao estado civil 6 são solteiros e 3 divorciados/separados. Em relação à naturalidade: 4 PSSA são de São Sebastião da Pedreira – Lisboa; 1 de Luanda; 1 de Paris; 1 de Odivelas; 1 de Portalegre e; 1 de Torres Vedras.

Mais ainda, em relação às habilitações literárias, 2 pessoas em situação de sem-abrigo têm o 4º ano, ou seja, o 1º ciclo completo; 2 PSSA têm o 2º ciclo completo (6º ano); 1 tem o 8º ano (3º ciclo incompleto); 1 PSSA tem o 3º ciclo completo (9º ano); 1 PSSA com o 12º ano (secundário completo) e; 1 PSSA licenciado em Gestão (ensino superior).

Em relação à profissão que exerciam 3 eram operários da construção civil; 1 padeiro; 1 jardineiro; 2 eram cozinheiros e; 1 assistente de palco. Encontrando-se todos desempregados, vivendo 4 do RSI, 3 de dádivas, 1 de salário ocasional (conhecido por biscates) e 1 outro.

Além disso, em relação à permanência dos utentes em situação de sem-abrigo (sem-teto e sem-casa) 5 utentes encontram-se entre 1 a 6 meses a pernoitar na rua; 2 estão entre 12 a 24 meses em PSSA e por último; 2 encontram-se nesta situação há mais de 36 meses.

Por fim, a problemática principal destes utentes para se encontrarem em situação de sem-abrigo 5 tem a ver com os consumos de substâncias ilícitas (ex.: cocaína e heroína); 3 dos utentes entrevistados tem a ver com os consumos de substâncias lícitas (ex.: álcool e benzodiazepínicos – comprimidos usados para incitar o sono ou controlar a ansiedade) e; 1 por policonsumos (uso de substâncias ilícitas e lícitas). Sendo a problemática secundária mais recorrente a rutura familiar (4 PSSA deixaram de ter qualquer suporte familiar); 3 PSSA acabaram por se encontrarem nesta situação pela carência económica; 1 por desemprego e 1 por saúde física.

Toda esta informação encontra-se sintetizada no quadro 2 da página a seguir.

Quadro 2 – Caracterização dos utentes entrevistados

Nome do PSSA	Idade1	Idade2	Nacionalidade	Naturalidade	Estado Civil	Habilitações Literárias	Profissão	Tempo de PSSA	Problemática 1	Problemática 2	Fonte de rendimento	Problemas judiciais
SL-FR	49	[45; 49]	Portugal	França	Solteiro	1º Ciclo Completo	Operário da Construção Civil	1 a 6 meses	Dependência em Substâncias Ilícitas	Rutura Familiar	RSI	Não
JR-PR	49	[45; 49]	Portugal	Lisboa	Divorciado/ Separado	3º Ciclo Completo	Operário da Construção Civil	12 a 24 meses	Dependência em Substâncias Ilícitas	Rutura Familiar	RSI	Não
JR-FN	59	[55; 59]	Portugal	Lisboa	Divorciado/ Separado	1º Ciclo Completo	Churrasqueiro	Mais de 36 meses	Dependência em Substâncias Ilícitas	Rutura Familiar	RSI	Não
MR-PN	40	[40; 44]	Portugal	Lisboa	Divorciado/ Separado	2º Ciclo Completo	Padeiro	1 a 6 meses	Dependência em Substâncias Ilícitas	Rutura Familiar	Dadivas	Não
VT-FB	60	[60; 64]	Portugal	Odivelas	Solteiro	2º Ciclo Completo	Cozinheiro	1 a 6 meses	Dependência em Substâncias Ilícitas	Carência Económica	Outro	Não

J-PR	27	[25; 29]	Portugal	Angola	Solteiro	Ensino Superior	Gestor	1 a 6 meses	Dependência em Policonsumos	Rutura Familiar	Dadivas	Não
ML-RM	51	[50; 54]	Portugal	Torres Vedras	Solteiro	3ºCiclo Incompleto	Operário da Construção Civil	1 a 6 meses	Dependência em Substâncias Ilícitas	Desemprego	Dadivas	Não
RC-LP	41	[40; 44]	Portugal	Lisboa	Solteiro	2º Ciclo Incompleto	Jardineiro	Mais de 36 meses	Dependência em Substâncias Ilícitas	Carência Económica	RSI	Sim
CR-MR	40	[40; 44]	Portugal	Portalegre	Solteiro	Secundário Completo	Assistente de Palco	12 a 24 meses	Dependência em Substâncias Ilícitas	Carência Económica	Salário Ocasional	Não

Fonte: Própria, 2020

Em relação aos técnicos entrevistados 2 têm idades compreendidas entre os 25 a 29 anos; 2 têm idades compreendidas entre os 35 a 39 anos e 1 apresenta uma idade compreendida entre os 50 a 54 anos. Sendo, que todos exceto, um técnico (brasileiro), têm a nacionalidade portuguesa. Em relação às habilitações literárias 2 técnicos têm o mestrado (1 em psicologia e 1 em antropologia), 2 técnicos com a licenciatura (serviço social e ciências sociais) e um com o 12º ano (ensino secundário completo). Em relação à durabilidade do tempo de trabalho na instituição, 3 estão há menos de 1 ano, 1 encontra-se há 10 anos e por fim, 1 encontra-se há 21 anos.

A informação encontra-se sintetizada no quadro 3 apresentado na página a seguir.

Quadro 3 – Caracterização dos técnicos entrevistados

Nome do Técnico	Idade 1	Idade 2	Nacionalidade	Naturalidade	Habilitações Literárias	Grau e diploma do Ensino Superior	Instituição de Ensino	Profissão	Tempo na CVPaz
TEC 1	39	[35;39]	Portugal	Lisboa	Ensino Superior	Mestre em Psicologia Clínica	Instituto Superior de Psicologia Aplicada - ISPA	Psicólogo Clínico	8 meses
TEC 2	53	[50;54]	Portugal	Inhambane - Moçambique	Secundário Completo	12º Ano	Escola Secundária Professor José Augusto Lucas	Terapeuta Ocupacional	21 anos
TEC 3	26	[25;29]	Portugal	Portalegre	Ensino Superior	Licenciada em Serviço Social	Instituto Politécnico de Portalegre	Assistente Social	3 meses
TEC 4	33	[30;34]	Brasil	Rio de Janeiro - Brasil	Ensino Superior	Licenciada em Ciências Sociais	Pontifícia Universidad e Católica do Rio de Janeiro	Cientista Social	4 meses
TEC 5	36	[35;39]	Portugal	Lisboa	Ensino Superior	Licenciado em Sociologia Mestre em Antropologia	Universidade do Minho ISCTE-IUL	Sociólogo	10 anos

Fonte: Própria, 2020

1.4. Métodos e Técnicas

Antes de mais, a lógica usada nesta investigação é indutiva. De acordo, com Bryman (2012:380) é *“inductive view of the relationship between theory and research, whereby the former is generated out of the latter (though see the section below on abduction as a qualification of this view)”*.

Face ao exposto, torna-se imperativo explicitar os procedimentos que irão servir na base da recolha de informação. Numa primeira fase os métodos e técnicas a utilizar para a realização da dissertação serão a recolha de dados preexistentes, como dados secundários e dados documentais. Numa segunda fase os métodos e técnicas a utilizar, não é mais do que a observação direta - é aquela em que o investigador procede diretamente à recolha das informações, sem que exista intervenção dos sujeitos observados, podendo o investigador tomar notas do que observa através de registo numa grelha de observação antecipadamente estruturada. (Quivy & Campenhoudt, 1995).

Mais ainda, pretende-se aplicar entrevistas semiestruturada que, segundo Raymond Quivy (1992):

“(...) Instaura-se assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reacções, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objectivos da investigação e permite que o seu interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade.” (Quivy, 1992:193)

A escolha da entrevista semiestruturada deve-se ao facto de permitir ao entrevistador colocar questões obtendo uma panóplia de respostas relativo a um tema e possibilitará abrir um leque de questões a serem estudadas aprofundando assim o conhecimento (Malaton & Ghiglione, 2001:88).

Para tal, tenciona-se empregar as entrevistas aos utentes que se encontram em situação de sem-abrigo (EAD da CVPaz) Mais ainda, pretende-se realizar entrevistas aos técnicos da CVPaz. Antes da aplicação das mesmas, realizou-se um guião de entrevista para as pessoas em situação de sem-abrigo e os técnicos do EAD.

A técnica realizada para a análise de dados através das entrevistas foi a análise de conteúdo, tendo uma dimensão descritiva (conta o que foi narrado) e tem uma dimensão interpretativa (centrada no significado que os indivíduos dão aos fenómenos). Tendo como, “objetivo compreender o funcionamento da linguagem (...) tratar de forma metódica as informações e os testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade”. (Quivy & Campenhoudt, 1998: 226).

No seguimento da transcrição integral de todas as entrevistas (pessoas em situação de sem-abrigo e técnicos), serão analisadas individualmente com apoio do modelo de análise realizado por fonte própria, com base no enquadramento teórico.

1.4.1. Modelo de Análise

O modelo de análise pertence ao momento da construção. O momento da construção é quando se faz a pesquisa da informação, muitas vezes, nesta fase o investigador toma consciência de novas realidades e por isso há um novo momento de rutura. O modelo de análise, por consequente, é onde se organiza a informação pesquisada. Nesta altura devem ser organizados os conceitos, as dimensões e os indicadores. Sendo que, os conceitos são temas abstratos. As dimensões são derivadas dos conceitos, estes são itens que se podem usar para uma pesquisa. Os indicadores são uma consequência dos conceitos. (Quivy & Campenhoudt, 1998:14-17)

Quadro 4 - Operacionalização dos conceitos do Enquadramento Teórico

Conceitos	Indicadores Trabalhados	Autores
Situação de Sem-Abrigo	<ul style="list-style-type: none"> • Estigmatização Negativa; • Pobreza e Exclusão Social; • Sem vínculo familiar; • Problemas ligados às substâncias lícitas e/ou ilícitas; • Desemprego; • Incapacidade de manter uma habitação com seus próprios meios ou apoio dos serviços sociais; • Problemas de saúde (doença física e/ou doença mental); • Durabilidade da Condição (Crónico, Periódico, Temporário e Total) 	Anderson & Snow (1993); Barreto (2000); Bento & Barreto (2002); Bento e Barreto (1996); Bruto da Costa (1998); ENIPSSA 2017-2023; ISS (2005); Leão (2014); Menezes (2012); Pereira et al (2001); Semedo (2012).
Pobreza	<ul style="list-style-type: none"> • Sem poder na sociedade; • Sem poder para reivindicar os seus direitos; • Destituídos; • Estrutural; • Conjuntural; • Fenómeno multidimensional (económica, cultural, relacional e simbólica). 	Capucha (2005); Costa (1984); Crespo & Gurovitz (2002); Diogo, Castro e Perista (2015); Guerra & Pinto (2015); Malik (2014); Pereirinha (2008); Reis (2010); Sané (2007); Tavares (2013).
Exclusão Social	<ul style="list-style-type: none"> • Inadaptação Social; 	Alves (2010);

	<ul style="list-style-type: none"> • Subjetiva; • Objetiva. 	<p>Carmo et al (2008) Coelho (2016); Lewis (1969); Oliveira (2014).</p>
Laços Sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Rede Social; • Laços de Filiação; • Laços de Participação Eletiva; • Laços Participação Orgânica; • Laços de Cidadania. 	<p>Alegre (2015); Barnes (1969); Castel (1990); Elisabeth Bott (1990); Guadalupe (2016); Paugam (2009); Rosa e Abreu (2015); Simmel (1999).</p>
Desqualificação Social	<ul style="list-style-type: none"> • Sucessivas tentativas falhadas de inserção laboral; • Desemprego; • Exclusão Social; • Reorganização das Políticas de Inserção (áreas de formação profissional, educativas, habitacionais e rendimentos); • Rutura dos laços sociais; • Perca da proteção e do reconhecimento social; • Dependência; • Fragilidade; • Crise de Identidade 	<p>Dias (2016); Paugam (1991).</p>
Desafiliação Social	<ul style="list-style-type: none"> • Desigualdade Social; • Vulnerabilidade Social; • Pobreza; • Exclusão Social; • Enfraquecimento das redes de Sociabilidade; • Precarização laboral; 	<p>Amaro (2015); Robert Castel (1995); Gaulejac & Léonetti (1995); Robert Castel (2000); Rosa & Abreu (2015); Amaro (2004).</p>

	<ul style="list-style-type: none"> • Desapropriação; • Desqualificação social; • Desinserção. 	
Serviço Social	<ul style="list-style-type: none"> • Políticas Sociais; • Redução dos "Desvios de conduta"; • Solidariedade Ativa; • Ação Social; • Intervenção Individualizada; • Estado Social Ativo. 	<p>Amaro (2008); Branco (2008); Carreira (1996); Egg (1995); ENPISSA (2009); Faleiros (1997); Faleiros (2003); Hespanha (2008); ISS (2005); Menezes (2012); Mito & Nogueira (2013); MTSS (2006); Yazbeck (2010); Sousa et al (2007).</p>

Fonte: Própria, 2020

Capítulo 5 – Análise e Interpretação de Dados

Neste capítulo, pretende-se comparar os resultados das entrevistas (utentes e técnicos) com a literatura existente. E, no final um confronto entre as respostas das pessoas em situação de sem-abrigo e os técnicos do Espaço Aberto ao Diálogo da Comunidade Vida e Paz. Com o intuito de dar resposta à pergunta de partida – **“Quais os fatores críticos que contribuem para contrariar o processo de rutura com os laços sociais de indivíduos que se encontram em situação de sem-abrigo?”**.

5.1. Estar em situação de sem-abrigo

Antes de chegar ao objetivo de compreender os fatores que contribuem para o retrocesso da rutura dos laços sociais, torna-se imperativo perceber quais as características que levaram os entrevistados (utentes) a ficarem nesta condição.

Em primeiro lugar é importante relembrar o que é uma pessoa em situação de sem-abrigo é “toda aquela que, independentemente da sua nacionalidade, origem racial ou étnica, religião, idade, sexo, orientação sexual, condição socioeconómica e condição de saúde física e mental, se encontre:

- **Sem teto**, vivendo no espaço público, alojada em abrigo de emergência ou com paradeiro em local precário;

ou

- **Sem casa**, encontrando-se em alojamento temporário destinado para o efeito.”⁹ (definição do ENIPSA)

Questionou-se aos profissionais sobre o que considerava uma pessoa em situação de sem-abrigo (PSSA) a maior parte utilizou a definição do conceito da ENIPSA, mostraram conhecimento sobre as categorias definidas pela tipologia ETHOS, sem-teto, sem-casa, habitação precária e habitação inadequada. No

⁹Informação retirada em: <http://www.enipssa.pt/conceito-de-pessoa-em-situacao-de-sem-abrigo>

entanto, um dos técnicos refere que esta definição acaba por ser escassa... “uma pessoa que se encontre em situação de sem-abrigo perde muito mais que um teto, abrigo, perde o seu espaço simbólico, perde a sua privacidade, o seu lugar de segurança, a sua rede de vizinhança, entre outros.” (TEC5).

Tentando agora perceber os motivos que levaram os utentes a esta situação, a grande maioria dos entrevistados referem que ficaram nesta condição por diversos motivos, e não apenas por uma situação.

Nomeadamente, a rutura dos laços de filiação, o abandono de familiares próximos (ex.: mãe), rutura dos laços de participação eletiva, nomeadamente conjugal (divórcio ou separação). Os PSSA também admitem que o que acabou por originar esta situação tem a ver com o facto de serem consumidores ativos de substâncias psicoativas, ou que foram nalgum momento das suas vidas.

“Eu cheguei à situação de sem-abrigo, porque me separei. Naquela altura a casa era da rapariga com quem eu vivia... o que é que acontece? Tive que sair de lá e depois eu tive um desgosto muito grande e acabei por me meter na bebida. Na qual eu perdi tudo, vendi tudo, vendi o carro, gastei o dinheiro todo no casino, fiquei sem nada, fiquei sem emprego.” (JR-FN). Como se pode ver chegou em situação de PSSA por causa da rutura dos laços com a sua ex-companheira, de seguida por problemas ligado às substâncias lícitas, o que originou o desemprego e por fim, a incapacidade de manter uma habitação com os seus próprios meios.

“Foi através de uma separação. Não reagi bem à separação e para abafar um bocadinho. Refugiei-me na droga”. (SL-FR) *“Foi uma sequência de eventos. Primeiro comecei a consumir drogas e depois deixei ter dinheiro para pagar a renda, fiquei sem casa, estava a viver no carro e, entretanto, o carro avariou deixei de ter dinheiro para arranjar o carro e acabei, acabei por ir viver para a rua (...)”* (CR-PR)

Os técnicos do EAD da CVPaz vão ao encontro desta ideia em que *“...regra geral falamos de dependências, doenças do foro mental e ultimamente o desemprego”* designado como uma *“...bola de neve...”* (TEC 3) sem esquecer também a *“...quebra do vínculo familiar”* (TEC 4).

Todos os técnicos referem a mesma situação. Uma pessoa nunca se torna em situação de sem-abrigo por apenas uma única causa. Como refere o TEC 5 “nunca é monocausal. Existem sempre vários fatores que concorrem entre si. Contudo, a ausência de rede familiar ou uma rutura com esta acaba por definir uma posição de vulnerabilidade enorme e é um fator bastante decisivo.”

Para estes utentes o estar na rua “não é vida. Sobrevives... estar na rua... têm vários stresses.... Alguém que te pode fazer mal...roubar, não saber o que é que vou fazer no dia seguinte, não tens nenhum plano ou estrutura. A cabeça dificilmente fica tranquila.” (J-PR) ou como referem outros utentes “a vida na rua é terrível, a vida de rua não é aconselhável para ninguém.” (JR-FN) “é muito má. Já não tenho estofos para isto, para aguentar estar na rua. Mal consigo andar, por isso é que vou-me internar. Só quero sossego e paz.” (SL-FR) ou mesmo “não é fácil, temos os amigos que temos na rua são os sem-abrigo. Pois as pessoas da sociedade mandam-nos para trás. Nós somos como lixo. Eu não era assim, mas pronto. Agora estou a passar por isto. Estou a ver o que é o lado bom e mau da vida.” (MR-PN). Nesta resposta, demonstra exclusão social quando refere que a sociedade o manda para trás. Outro conceito patente aqui tem a ver com a pobreza (sem poder na sociedade) e a desqualificação social, quando refere que “nós somos como lixo”, ou seja, indica a perda de proteção e de reconhecimento social e a fragilidade. Como também, a desafiliação social (vulnerabilidade social). Todos os utentes têm o mesmo parecer, nenhum utente acha que a vida de rua é fácil, acaba por ser cansativa e perigosa.

No entanto, todos os entrevistados referem não terem nenhum familiar nesta situação, que apenas só eles é que estão em situação de sem-abrigo. E, verifica-se também que mais de metade dos utentes entrevistados escondem aos familiares a situação em que se encontram, “a minha família na verdade não tem nenhuma notícia minha. Se calhar não sonham, nem têm nenhuma ideia” (J-PR), “eu tentei sempre esconder esta situação à minha família, para não terem nenhum desgosto. Eles estavam habituados a verem-me sempre bem.” (JR-FN)

5.2. Laços Sociais

5.2.1. Laços de Filiação

Como referido anteriormente, estes laços referem-se aos laços familiares, especialmente a relação entre pais e filhos. A nível de manter contacto com os membros da sua família metade dos entrevistados referem “*não há muito tempo que não tenho*” (ML-RM), os restantes permanecem em contactos esporádico “*... não tão regular como gostava... família de sangue, a minha irmã e a minha companheira... com a minha irmã não tanto como mantinha e tinha, primeiro porque nos chateamos... quando comecei a meter-me na droga e com isso a relação estragou-se um bocado...*” (CR-MR).

A grande maioria da comunicação entre os familiares e os utentes são realizadas a partir das redes sociais, “*... comunicámos-mos por mensagens, Facebook*” (JR-FN), “*... com a minha irmã... hoje dissemos no Messenger do Facebook: Bom dia um para o outro...*” (VT-FB)

Daqueles que não tem qualquer contacto com os membros da sua família referem que a rutura foi causada por recaídas em substâncias lícitas e ilícitas “*foi desde que recaí. Primeiro fiquei sem telemóvel no meio disso e depois desde desse dia não voltei a ter contacto com eles até hoje.*” (J-PR) “*... orgulho, não dar a entender que estava assim...*” (SL-FR).

Mais ainda, o que ajudou na grande maioria ao afastamento tem a ver com o facto de estarem a pernoitar nas ruas de Lisboa e não ser a sua terra natal. Sendo assim, que os membros da sua família não estão no local onde se encontram em situação de sem-abrigo, “*A distância, cada um chega a uma certa idade, cada um para o seu lado é normal.*” (ML-RM).

Em relação aos utentes que ainda tem algum contacto com algum familiar (especialmente mãe e irmãos), 7 entrevistados referem não terem qualquer tipo de ajuda “*não, não tenho. Nunca tive e nunca pedi.*” (JR-FN). Os restantes dois referem terem, “*tenho, quando eles podem ajudar, ajudam. Não me sinto em dívida com eles*” (RC-LP), o outro utente VT-FB refere que apenas tem ajudas por parte da irmã “*... só a minha irmã que vem cá e compra-me um maço de*

cigarros” referem também se sentir em dívida com ela “sinto, sinto muito, porque estão ajudar-me numa fase difícil...”

Neste contexto, os técnicos referem que normalmente os utentes não têm nenhum apoio externo, como menciona a TEC3 *“quase que arrisco a dizer que mais de 95% dos utentes não tem qualquer apoio, seja a que nível for. Infelizmente assim que há a recaída na vida de rua, a família principalmente deixa de querer ter contacto com a pessoa. Muitas das vezes os utentes falham a promessa e compromisso de melhorar e recuperar a sua vida que estas famílias deixam de acreditar em qualquer mudança”*. Mais ainda, o TEC1 refere que aqueles que ainda tem algum apoio familiar *“a maioria destes utentes terá uma figura, usualmente feminina, que ainda não desistiu deles...”*

5.2.2. Laços de Participação Eletiva

Mencionado já anteriormente este tipo de laços referem-se aos laços de sociabilização extrafamiliar (amigos, cônjuges e outros membros da rede social pessoal informal). E, com isso junto dos utentes entrevistados, tentou se perceber se tinham ou não.

Em relação a este ponto, mais uma vez vemos, que os utentes têm os laços de participação eletiva muito fraca, *“Amigos? Eh pá digo-te a verdade tenho algumas pessoas com quem partilho alguns momentos. Mas assim amigos não tenho”* (J-PR), *“Agora por ninguém, não tenho amigos, não tenho ninguém. Conhecidos mais nada.”* (SL-FR), *“por eu, não tenho amigos”* (RC-LP). Aqueles que referem terem alguns laços, apenas dizem *“tenho alguns...um ou dois. O resto são conhecidos”* (ML-RM) ou então referem que *“o meu grupo de amigos são vocês aqui no EAD, são a minha família. São vocês que estão a cuidar de mim e que me deram a mão para me levantar.”* (JR-FN), *“neste momento, a CVPaz, 4 ou 5 que estão na Vitae é com eles com quem falo e mais alguns que conheça”*. (MR-PN)

E, desses poucos utentes que referem terem alguns amigos dizem que não têm qualquer apoio da parte deles. Nomeadamente, porque *“...também estão na mesma situação que eu... é complicado ajudar-me”* (MR-PN) ou referem ter ajudas *“ajudam são os meus amigos, mas chega uma fase que não*

tens que contar só com os teus amigos, tens que contar mais contigo...” (ML-RM). Como alega o TEC1 “...os amigos substituem-se e renovam-se. São raros os amigos que assumem esse papel de apoio, a tendência será a de procurar pessoas de que possam esperar identificação à problemática atual. Outros sem-abrigo, toxicodependentes...”

Daqueles que dizem não ter algum laço de participação eletiva referem que foi à causa das *“mudanças, as mudanças de sítios, mudanças de lugar e agora vejo aqui em baixo (vitae) aquilo é cada um por si, não há amizade, não há conforto”* (SL-FR) ... *“não conheço ninguém aqui em Portugal. Estou cá há 2 anos, por isso conheço pouquíssimas gente e as pessoas que eu conheço ninguém que eu realmente me identifico... bah minto tenho, tenho dois amigos bons, mas um está em comunidade e outro está no Algarve, pronto. De resto é tudo conhecimentos circunstâncias. Por isso, porque lá está a vida de rua, tenho pessoas que confraternizo, porque tenho que confraternizar. Eu não tenho nada em comum. E, amigo é alguém com quem partilhamos coisas e o espaço é a única coisa com que partilho com as pessoas que estão à minha volta.”* (CR-MR)

Estes laços enfraquecidos devem-se ao contexto em que vivem ao isolamento racional, à rejeição do grupo de pares e a sentimentos como abandono por parte dos laços criados anteriormente, antes de se encontrarem nesta situação. Procurando valores nas pessoas que não conseguem encontrar como *sinceridade, honestidade, verdadeiras, respeito, lealdade, fiel, amigos dos seus amigos e humildade*, dito por todos os entrevistados. Como referido anteriormente, o contexto de rua leva ao medo de confiar no outro, ao tentar se proteger para não se magoarem, o aprender a não confiar em ninguém pelo medo de serem enganados, roubados...

5.3. Relacionamento entre profissionais e utentes

Antes de mais, o primeiro contacto que houve com os utentes e a instituição teve com o conhecimento da mesma. Isto resultou a partir das voltas noturnas realizadas pelos técnicos em contexto de equipa de rua, a partir das voltas dos voluntários das CVPaz e a partir do centro de acolhimento do Beato.

Os utentes referem que a integração no EAD acaba por ser fácil, no entanto, não conseguem criar relações fortes com as pessoas em situação de sem-abrigo que frequentam o espaço. “... *no geral foi fácil, não senti que tive dificuldades na integração.*” (J-PR), “...*sei que grupo está sempre a mudar, mas em geral foi boa. Lá está embora, embora eu dissesse no início que ninguém é realmente amigo, porque sou muito diferente de toda a gente, mas ao mesmo tempo integro-me bem com qualquer tipo de pessoa. Eu não preciso de sentir um laço muito forte entre duas pessoas para se darem bem. Podem ter acabado de conhecer e darem-se bem, lá está desde que haja respeito. Normalmente dou-me bem com toda a gente... há pessoas que precisam de conhecer o ambiente primeiro para se integrar, eu não sou assim. A princípio para mim está tudo bem e depois eventualmente é que posso escolher coisas que não gosto sobre esta pessoa ou aquela... em princípio para mim toda a gente é bom com o potencial de ser mau. E, toda a gente é má com o potencial de ser bom...*” (CR-MR)

Em relação aos laços criados entre técnicos e utentes, a maior parte dos utentes demonstra ter mais relação com os técnicos de referência e com os restantes muito pouco contacto. No entanto, um deles demonstra estar um pouco perdido, sem saber realmente quem é o seu técnico de referência: “*Para ser sincero não sei quem é o meu técnico referência. Normalmente, tenho falado mais com o TEC2 ou a TEC3, por isso não sei qual deles é que será, mas boa acho eu. Com os outros técnicos, não tenho muito contacto, lá está dependendo... dependendo das circunstâncias é isso.*” (CR-MR), “... *com o TEC5 é fixe, ele é porreiro. Vem sempre ter comigo troca uma palavra... o resto, na verdade não tenho muita interação com eles...*” (J-PR)

5.4. Processo de intervenção

Em Portugal com o passado do tempo, ocorre a evolução das respostas sociais, sendo que ainda existe um grande défice das mesmas com a população alvo. E, isto é demonstrado a partir das respostas dadas pelos entrevistados (técnicos).

5.4.1. Obstáculos na Intervenção

Os obstáculos encontrados na intervenção de acordo com os técnicos têm a ver com a falta de respostas sociais e morosidade das mesmas. As políticas sociais são insuficientes, a motivação do utente para a mudança social pode não ser o suficiente e as más condições laborais. *“Inadequação dos instrumentos conceptuais de intervenção, principalmente, o conceito de sem-abrigo, redutor e que conduz em si a respostas também redutoras. As respostas sociais, como o alojamento, empregabilidade, documentação, como já dito, estão mal estruturadas. Burocracia, que se relaciona com maior valorização de procedimentos formais, ênfase em números e estatísticas e não numa relação com as pessoas. Más condições de trabalho dos profissionais, que se defrontam com situações constantes de precariedade, baixos salários e condições físicas nos locais de trabalho, desajustadas.”* (TEC 5)

5.4.2. Respostas existentes

Em relação às respostas existentes a intervenção acaba por ser condicionada às respostas atuais, uma vez que existe falta de respostas. E, as poucas que existem deveriam receber uma reforma da prática. Estas foram as ideias retiradas a partir das entrevistas dos técnicos. O TEC1 refere que *“estamos condicionados por respostas sociais de contingência que se tornaram respostas permanentes e conseqüentemente acabam por falhar porque não tinham estrutura a longo prazo. Dando um exemplo: ... utentes que nunca irão deixar de ser dependentes de respostas sociais, não por vontade própria, não falo de pessoas que se acomodaram, falo de pessoas inválidas cujo apoio dispensado é insuficiente para uma vida digna.”* Ou a grande maioria dos técnicos referem o mesmo que são *“insuficientes e muito limitadoras, tendo em conta o objetivo pretendido, a reinserção bio-psico-social.”* (TEC5)

5.4.3. Mudanças que deveria haver para intervenção

A mudança que os técnicos propõem “*recursos humanos e económicos... os técnicos de intervenção estão numa profissão de desgaste rápido a que acresce terem de fazer o trabalho de dois ou três técnicos que não foram contratados. A matemática é simples 1 técnico = 1 desgaste → 3 técnicos = 3 Desgastes, por oposição a 1 técnico = 3 desgastes.*” (TEC 1) ou então “*menos burocracia para conseguir respostas*” (TEC4). No entanto, a TEC3 menciona que “*...o problema é mesmo a parte da reinserção, assente numa lógica de prevenção de recaída. O problema existente é resolvido, mas depois tem de haver... um suporte para que cada pessoa se consiga reorganizar e refazer a sua vida.*”

5.4.4. Pontos fortes da Intervenção

Contudo referem existir alguns pontos fortes na intervenção, nomeadamente, “*o estabelecimento de uma relação de confiança e assertividade*” (TEC3), “*a relação de empatia e os encaminhamentos dos utentes*” (TEC2) e “*a lei da descriminalização dos consumos e modelo de apoio em comunidades terapêuticas...permite em concreto dar resposta às situações de dependência*” (TEC5).

Apesar destas situações, acontece muitas vezes o abandono do projeto iniciado com o utente. Isto advém, com a “*morosidade, burocracia, falta de meios, burnout dos colegas, idiossincrasias do próprio utente e inclusive das suas famílias,*” (TEC 1), “*criação de expetativas, falta de apoios concretos e de respostas potenciam um impulso ao invés de mitigarem as situações, falta de tempo dos técnicos para investir na relação com as pessoas*” (TEC 5) e “*o tempo que leva todo o projeto a ser iniciado é o principal fator. O sentimento de impotência perante toda a política e burocracia que muitas vezes é necessária leva o utente à desacreditação das instituições e respostas sociais*” (TEC 3)

5.5. Reconstrução dos laços sociais

Um ponto curioso retirado nas entrevistas realizadas aos utentes é que a grande maioria não mostra interesse em reatar os laços sociais, que foram

quebrados no passado. Outros manifestam esse desejo, mas só no final de deixar a condição em que se encontram.

As PSSA demonstram o desejo de mostrar que a fase anterior foi apenas má e que tinham conseguido mudar de vida. No entanto, mostram fragilidades neste campo e que precisam de equipa técnica, para conseguir reatar esses mesmos laços. *“Familiares! Que é o mais que gostava de reatar num futuro próximo. Se calhar preciso de algumas luzes. Porque sinceramente já pensei: fogo, não pode ser assim tão difícil, pego no telemóvel e depois penso e quando ligar o que é que vou dizer? Se calhar preciso de conversar com alguém sobre isso. Se calhar para me orientar um bocado. Se calhar é mesmo da minha cabeça que me está a impedir.”* (J-PR)

Para os técnicos a reconstrução dos laços sociais dos utentes já é o produto final bem-sucedido da intervenção, junto com o mesmo. Antes de esta fase final é necessário que se trabalhe a relação interpessoal, a intervenção individualizada, que haja da parte do utente desejo pela mudança e empatia da parte dos técnicos *“com disponibilidade e tentar dar o máximo sentido às suas palavras e pensamentos. Sobretudo, não usar formulas para tentar encaixar em cada um.”* (TEC5)

5.6. Mudança Social

Antes de mais, a mudança social ocorre quando as estruturas da sociedade sofrem uma transformação motivada pela ocorrência de fenómenos socioculturais. Castro (2006)

Em relação às entrevistas, nas diferentes respostas dos utentes consegue-se ver diferentes conceitos, como a desqualificação social (dependência e fragilidade), a desfiliação social (precarização laboral). Em relação a este ponto consegue-se ver que os utentes têm o desejo de mudar a sua condição, de conseguir deixar as substâncias lícitas e ilícitas e reatar laços de participação orgânica; revelam, o desejo de realizar tratamento, ter apoio nesse sentido e reunir condições para a procura ativa de emprego conseguirem um.

Mais ainda, um dos utentes entrevistados, JR-FN, mostra interesse em reconstruir laços de participação eletiva (conseguir um cônjuge): *“O meu projeto de vida não é só arranjar um trabalho, é arranjar uma namorada fazer uma vida normal. Passear muito, porque a vida não é só trabalhar”*.

E, o utente, J-PR, para além de querer realizar tratamento às substâncias ilícitas e conseguir um trabalho, manifesta vontade de reatar os laços de filiação: *“1: Sobriedade; 2: Reatar com a minha família; 3: Quando terminar aquele processo é definir aí para que lado profissional é que eu vou focar-me e trabalhar.”*

Conclusão

Este estudo teve o intuito de dar um contributo para o conhecimento da problemática das pessoas em situação de sem-abrigo, que apesar de atrair um crescente interesse científico, político e social, carece ainda de aprofundamento científico e empírico.

A presente dissertação teve como o principal objetivo dar resposta à questão de partida inicial:

“Quais os fatores críticos que contribuem para contrariar o processo de rutura com os laços sociais de indivíduos que se encontram em situação de sem-abrigo?”.

Portanto, como já foi referido anteriormente, *“os fatores que mais frequentemente conduzem à situação de sem-abrigo situam-se nas áreas da saúde, desemprego, problemas familiares e relacionais”* FEANTSA. Ou seja, mais do que carência de recursos existe um problema de cidadania em que o sem-abrigo ao longo da sua trajetória individual de vida acumula e reforça inúmeras rupturas e perdas.

Sendo que as causas que podem levar uma pessoa a encontrar-se envolvida na problemática social em questão, advêm de diversos fatores, nunca de uma monocausalidade.

Um dos pontos que podemos concluir a partir do estudo em relação às ruturas dos laços sociais tem a ver com o simples facto dos utentes esconderem aos seus próximos (nomeadamente, família), que se encontram nesta situação. Demonstram sentimentos como vergonha, medo de desiludir ou desapontar.

Devido a estes sentimentos que possam provocar aos membros das suas famílias a maioria dos utentes decidiram sair da sua terra natal, imigrando para outra cidade em Portugal. Passando a viver e a pernoitar em uma cidade fora da sua zona de conforto. Ocultando assim, a sua condição, permitindo o enfraquecimento dos laços de filiação e também dos laços de participação eletiva que têm até deixarem de ter qualquer suporte (familiar, amigos, cônjuges e outros membros da rede social pessoal informal).

Mais ainda, um dos fatores que levou à rutura tem a ver com os consumos ativos de substâncias lícitas e/ou ilícitas fizeram com que as relações, ficassem cada vez mais fragilizadas ao ponto de existir um rompimento dos laços. Deixando assim, de ter qualquer apoio externo a todos os níveis. Permitindo que estes utentes acabassem por ficar sós, sem qualquer suporte na rua.

Todos os entrevistados demonstraram ter uma rede social enfraquecida, devido ao contexto em que vivem ao isolamento racional, à rejeição do grupo de pares e a sentimentos de abandono por parte de laços criados anteriormente a esta situação. Levando à criação de sentimentos de medo em confiar no outro, a tentarem-se proteger para não se magoarem.

Em relação aos serviços, os utentes demonstraram uma facilidade de integração. No entanto, não são capazes de criar laços fortes, por os mesmos motivos referidos anteriormente, o medo de confiar no outro. Sendo, que existe diversos obstáculos para a intervenção junto desta população. Detalhadamente, a falta de respostas sociais e a morosidade das mesmas, as políticas sociais insuficientes, a motivação das pessoas em situação de sem-abrigo para a sua mudança. Em relação às respostas existentes as mesmas deveriam receber uma reforma da prática, sendo insuficientes e limitadoras, tendo em conta a reinserção bio-psico-social desta população. Dado que, muitas vezes o problema existente é resolvido, mas o facto de existir poucas respostas na reinserção

destes mesmos utentes, para reorganizar e refazer a sua vida acaba por surgirem recaídas na sua vida passada.

No entanto, existe pontos positivos na forma como é visto uma pessoa em situação de sem-abrigo que tem consumos ativos, com a chamada lei da descriminalização do consumo, Lei nº30/2000, de 29 de novembro, deixando de lado o preconceito que o equiparava a um criminoso, passando a considerá-lo como pessoa que precisa de ajuda. O modelo de apoio em comunidades terapêuticas permite em concreto dar resposta a esta situação.

Além disso, conseguimos perceber que existem laços que estão completamente quebrados e os utentes não demonstram interesse em reatar. No entanto, a grande maioria somente quer tentar reconstruir esses mesmos laços após conseguirem ultrapassar este processo.

Normalmente, a reconstrução dos laços sociais das pessoas em situação de sem-abrigo já é o produto bem-sucedido da intervenção dos profissionais em conjunto com a população-alvo. Para que esta situação ocorra é necessário que se trabalhe a relação interpessoal, a intervenção individualizada, o desejo por parte do utente para a mudança social e empatia por parte dos técnicos.

No entanto, os entrevistados demonstraram desejo na mudança da sua condição, de conseguir os consumos de substâncias psicoactivas, de reatar os laços de participação orgânica, ou seja, conseguirem um trabalho e também reconstruir laços de participação electiva, conseguirem um cônjuge.

Com tudo isto, podemos concluir que os fatores críticos que contribuem para contrariar o processo da rutura dos laços sociais das pessoas em situação de sem-abrigo tem a ver com o trabalho que se deve realizar com o utente, trabalhar a relação interpessoal. Trabalhar com o utente a parte das emoções, do medo dos próprios poderem ser julgados por membros que lhe são próximos. Apoio no tratamento das substâncias lícitas e/ou ilícitas, contrariando de imediato a perda total dos laços sociais em conjunto com os laços de participação orgânica, não perdendo totalmente a sua organização e conseguirem mais tarde um emprego.

Referências

- Amaro, Maria Inês (2004). "A Exclusão Social Juvenil em Portugal: pistas para reflexão", *Intervenção social*.
- Amaro, Maria Inês (2008). Os campos paradigmáticos do Serviço Social: proposta para uma categorização das teorias em presença. *Locus Soci@ I-Revista de Serviço Social, Política Social e Sociedade*.
- Amaro, Maria Inês (2015). "A Dimensão Relacional do Fenómeno da Pobreza Contemporânea: Desafiliação, Laço Social e Vida Urbana" em Fernando (org.), *Pobreza e Exclusão Social em Portugal. Contextos, Transformações e Estudos*. Vila Nova de Famalicão. Editora Húmus.
- Bahr, M. Howard (1973). *Skid Row: Na Introduction to disaffiliation*. Oxford University Press.
- Barnes, L. (1969). Proof of network theorems using matrices. *Int. J. elect. Engng Educ.*
- Barros, R. P.; Camargo, José Márcio; Mendonça, Rosane: Uma agenda de combate à pobreza no Brasil. IN: DIPES / IPEA.
- Barreto, Elias Rato (2000). "Vinculação e Relações de Objeto dos Sem-Abrigo: Um estudo exploratório" no âmbito do Mestrado em Psicologia Legal, do ISPA Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/975/1/DM%2520BARRE1.pdf>.
- Bento, R, & Barreto, A. (1996). *Os sem-abrigo nas ruas de Lisboa*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Bento, António, Elias Barreto (2002). *Sem-Amor Sem-Abrigo*. Climepsi Editores.
- Bott, Elizabeth (1990) *Family and Social Network*. Taurus.

- Bourdieu, Pierre. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk.
- Bryman, Alan (2012) *Social Research Methods*. Oxford University Press Inc., Nova York.
- Bruto da Costa, Alfredo (1998), *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações, S.A.
- Capucha, Luís, (2005). *Desafios da Pobreza*. Oeiras. Celta Editora.
- Carmo, R. M., Costa, A. B., Baptista, I., Perista, P., & Carrilho, P. (2008). *Um Olhar Sobre a Pobreza Vulnerabilidade e Exclusão Social no Portugal Contemporâneo*. Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Castel, Robert (1995), *Les Métamorphoses de la question sociale*, Paris, Gallimard.
- Castel, R. (2000). *As armadilhas da exclusão*. In: Belfiore-Wanderley, M.; Bógus, L.; Yazbek, M.C. (Org.). *Desigualdade e a questão social*. 2ed. São Paulo: EDUC.
- Coelho, A. d. (Julho de 2016). *Pobreza e Exclusão Social*, de Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/15416/1/Anabela%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Ribeiro%20Coelho.pdf>.
- Crespo, A. P., & Gurovitz, E. (Julho de 2002). *A Pobreza como um Fenómeno Multidimensional*, de Scielo: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v1n2/v1n2a03>
- Egg, E. A. (1995). *Introdução ao Trabalho Social*. (A. D. Paulo, Ed.) Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil: Vozes Ltda.
- Leão, J. L. (Outubro de 2014). *Estratégias espaciais de sobrevivência urbana vividas pelos sem-abrigo na cidade do Porto*, de Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal:

http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/33497/1/Tese_Jorge%20Lu%C3%ADs%20Blom%20Carneiro%20Le%C3%A3o_2014.pdf

Gaulejac, Vincent et Léonetti, Isabel Taboada (orgs.) (1995), *La Lutte des places*, Paris, Desclée de Brouwer.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Guerra, I., & Pinto, T. C. (2015). *Da Pobreza à Vulnerabilidade: Transformações Identitárias e no Agir Coletivo*.

F. Diogo, A. Castro, & P. Perista, *Pobreza e Exclusão Social em Portugal: Contextos, Transformações e Estudos* (pp. 167-182). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, Lda.

Faleiros, Vicente de Paula (1997). *Estratégias em Serviço Social*. São Paulo, Cortez.

Faleiros, Vicente de Paula (2013). *Desafios de cuidar em Serviço Social: uma perspectiva crítica*. R. Katál, Florianópolis.

Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Guadalupe, S. (2016). *Intervenções em Rede: Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*. Coimbra: Coimbra University Press.

Hespanha, Pedro (2008). "Políticas sociais: Novas abordagens, novos desafios". *Revista Ciências Sociais*, 39 (1). Disponível em: <http://periodics.ufc.br/index.php/revcienso/article/view/517>

Instituto da Segurança Social, I.P. (2005) *Estudo dos Sem-Abrigo*. Grafilinha, Lda

Lopes, M. A. (2016). *Os Pobres, os Ricos e a Caridade na Literatura Religiosa Portuguesa dos Séculos XCII, XVIII e XIX*, de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/31430/1/Lopes%2c%20>

M.Antonia.Literatura%20Religiosa.Pobres.pdf<https://estudogeral.sib.u c.pt/bitstream/10316/31430/1/Lopes%2c%20M.Antonia.Literatura%20 Religiosa.Pobres.pdf>.

Lúcio, J., Marques, F., Almeida, L., & Carvalho, R. (2009). Estratégias para Auxiliar os Sem-Abrigo na Cidade de Lisboa. Lisboa: FCSH.

Malik, K. (2014). Relatório do Desenvolvimento Humano 2014 - Sustentar o Progresso Humano: Reduzir as Vulnerabilidades e Reforçar a Resiliência. New York: PNUD.

Marques, M. F. (Março de 2012). A Revisão Da Estratégia De Apoio Aos Sem-Abrigo: O Caso De Lisboa, de Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal: <http://hdl.handle.net/10362/7288>.

Menezes, F. L. (2012). Percursos Sem-Abrigo (Histórias das Ruas de Paris, Lisboa e Londres). Lisboa: Editora Mundos Sociais. R. Katál., Florianópolis.

Mioto, R. C. Tamaso, & Nogueira, V.M. Ribeiro (2013). Política Social e Serviço Social: os desafios da intervenção profissional.

Paugam, S. (1991) La disqualification sociale, essai sur la nouvelle pauvreté, Paris, Presses Universitaires de France, col. 'Sociologies', 3ème édition revue et augmentée.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1995). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Dunod, Paris: Gravidá.

Rosa, V., & Abreu, S. G. (4 de Novembro de 2015). A Rutura dos Laços Sociais nas Narrativas da Pessoa em Situação de Sem-Abrigo, pp. 158-161, de <http://hdl.handle.net/11067/1730>.

Semedo, N. L. (2012). Perspetiva do Sem-Abrigo para o Futuro, de Repositório Científico Acesso Aberto de Portugal: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5884/1/PERSPETIVA%20DO%20SEM-ABRIGO%20PARA%20O%20FUTURO.pdf>.

Tavares, A. S. (Setembro de 2013). *Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal*, de Pobreza, Exclusão Social e Desenvolvimento Social: o Caso do Programa Rede Social em Almada.

Triviños, Augusto N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Yazbek, M. C. (Julho de 2010). Serviço Social e pobreza, de Scielo: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n2/01.pdf>.

Anexos

Anexo 1 – Consentimento Informado

Consentimento Informado

O meu nome é Cristiana Louzada e estou a realizar uma dissertação no âmbito do Mestrado em Serviço Social, no ISCTE-IUL, com a orientação da Doutora Professora Maria Inês Amaro. As temáticas abordadas relacionam-se com os fatores que contribuem para contrariar o processo de rutura dos laços sociais nas pessoas em situação de sem-abrigo.

Solicita-se, deste modo, a sua participação através de uma entrevista. Não existem respostas corretas ou incorrectas. O importante é que as respostas sejam sinceras, uma vez que são fundamentais para o sucesso deste estudo. Poderá desistir a qualquer momento da sua participação neste estudo, caso seja essa a sua vontade.

Qualquer dúvida poderá ser esclarecida com a ajuda da investigadora. Os dados recolhidos serão tratados e apresentados com total confidencialidade e anonimato. Se assim o desejar, após o término da investigação, poderá ser-lhe fornecida uma breve informação sobre os resultados da mesma, solicitando-os através do correio eletrónico: santoslouzada@hotmail.com, ou deslocando-se ao ISCTE-IUL, localizada não Largo de Santos-o-Novo Calçada Cruz da Pedra nº 44 1900-173 Lisboa.

Ao assinar este consentimento, declara que tomou conhecimento das indicações dadas anteriormente e que aceita colaborar livre e voluntariamente nesta investigação.

Data: _____ de _____ 2019

Assinatura: _____

Muito Obrigado pela sua colaboração 😊

Anexo 2 – Guião das entrevistas (utentes/técnicos)

Quadro 5 - Guião das entrevistas para os utentes

Questões	Objetivo(s) Específico(s)
1. Identifica-se como estando numa situação de sem-abrigo?	Perceber a perceção que cada um tem da sua situação.
2. Como chegou a esta situação?	Compreender o trajeto do utente.
3. Há quanto tempo se encontra em situação de sem-abrigo?	Apurar qual o tempo de permanência na situação de sem-abrigo.
4. O que é que o levou a sair desta situação?	Perceber o que fez sair da situação de sem-abrigo.
5. Quais as fases mais marcantes na sua vida? (positivo e negativo)	Perceber o que marcou na vida da pessoa em situação de sem-abrigo.
6. Para si o que é a vida na rua?	Perceber o que é para o mesmo viver na rua.
7. Na sua família existe alguém na mesma situação que você?	Perceber se existe alguém na família que tenha passado ou esteja em situação de sem-abrigo.
8. Mantém contacto com membros da sua família?	Averiguar como se encontram os laços familiares.
9. Caso não tenha o que levou a rutura dos laços com os seus membros da família?	Entender as causas da rutura dos laços com os seus membros familiares.
10. Caso não tenha gostaria de voltar a reatar esses laços?	Perceber se quer ou não reatar os laços.
11. Os membros da sua família sabem que se encontra nesta situação?	Perceber se a família tem conhecimento sobre esta situação.
12. Obtém alguma forma de ajuda por parte de familiares? Se sim, sente-se em dívida com eles? Quando isso acontece?	Perceber o tipo de apoio que tem e como se sente quando o recebe.
13. Neste momento, o seu grupo de amigos é formado por quem?	Conter qual é a rede do utente que estabilizou.
14. Tem amigos neste momento? Que o apoiam e o ajudam?	Compreender como se encontram os laços sociais.

.15. Se não tiver... o que é que aconteceu para não ter?	Entender as causas da rutura dos laços sociais.
.16. Quais os valores que procura nas pessoas para serem amigas?	Compreender quais os valores que mais considera.
.17. Para si quais seriam os passos que usaria para reatar amizades que teve no passado e pessoas que fazem parte da família?	Perceber como o utente pensa que seria a melhor forma de reatar laços.
.18. Como teve conhecimento da Comunidade Vida e Paz?	Perceber qual foi o percurso para chegar à instituição.
.19. Qual a sua relação com a instituição?	Entender os laços de cidadania.
.20. Como foi a sua integração com as restantes pessoas do grupo onde se encontra?	Compreender as etapas do utente para a sua integração num novo grupo social.
.21. Qual a relação que criou com o seu técnico de referência? E com os restantes membros técnicos da instituição?	Entender a sua ligação com os técnicos da Comunidade Vida e Paz.
.22. Como tem sido a adaptação ao espaço físico?	Entender como esta a ser adaptação num novo meio físico (viver como PSSA e passar a viver num ambiente mais fechado, numa instituição)
.23. Como considera que deveria acontecer para haver uma mudança positiva na sua vida?	Compreender o que levaria para mudar a sua situação.
.24. Qual o seu projeto para a sua vida futura?	Perceber quais os planos e o que tenciona fazer e realizar na sua vida futura.
.25. Gostaria de me contar mais alguma coisa?	Liberdade para o utente falar.

Quadro 6 - Guião de Entrevistas para os técnicos.

Questões	Objetivo(s) Específico(s)
1. Quais são as suas habilitações literárias?	Deslindar que habilitações literárias do técnico.
2. Há quanto tempo trabalha na instituição?	Apurar o tempo de permanência do técnico na CVPaz.
3. No seu ponto de vista o que é para si uma pessoa em situação de sem-abrigo?	Averiguar a opinião do técnico.
4. Para si quais são os fatores principais que levam a estas pessoas ficarem nesta situação de vulnerabilidade?	A partir da prática do técnico entender os fatores críticos que levam as pessoas a ficarem em situação de sem-abrigo.
5. O que leva às pessoas pedirem ajuda?	Perceber o seu ponto de vista.
6. Quais os principais obstáculos que encontra na intervenção com esta população?	Perceber os pontos negativos existentes junto da intervenção.
7. O que considera das respostas sociais existentes?	Entender o ponto de vista do técnico.
8. O que deveria mudar para que a intervenção seja realizada com maior eficácia?	Entender quais seriam as mudanças para existirem melhorias na intervenção.
9. Qual o ponto forte da intervenção junto desta população?	Perceber o ponto forte da intervenção,
10. O que pode levar ao abandono do projeto iniciado com o utente?	Entender o que leva ao abandono do projeto.
11. Pensa que a rutura dos laços sociais podem ser um dos fatores principais?	Averiguar se a rutura dos laços sociais pode ser um fator para ficar em PSSA.

12. Como caracteriza os laços que estes utentes têm com os indivíduos que o rodeiam?	Perceber como estes se relacionam com o seu meio.
13. Pensa que estes utentes costumam ter laços sociais fortes?	Perceber a intensidade dos laços.
14. A maioria destes utentes tem algum apoio externo? (família, amigos)	Averiguar os laços de filiação e de participação eletiva.
15. Qual a relação que estes utentes criaram com os técnicos da CVPaz? Consigo?	Entender os laços de cidadania dos utentes.
16. Para si como se processa a reconstrução desses mesmos laços?	Entender o ponto de vista do técnico.

Anexo 3 – Entrevistas (utentes)

(utente JR-FN – Entrevista realizada dia 30 de Julho)

2. Eu cheguei à situação de sem-abrigo, porque me separei. Naquela altura a casa era da rapariga com quem eu vivia... o que é que acontece? Tive que sair de lá e depois eu tive um desgosto muito grande e acabei por me meter na bebida. Na qual eu perdi tudo, vendi tudo, vendi o carro, gastei o dinheiro todo no casino, fiquei sem nada, fiquei sem emprego. Como eu era empresário, como individual, não tive direito ao fundo de desemprego. Então fiquei sem nada, sem dinheiro, não podia alugar nenhum quarto, nada... deixei-me arrastar pela bebida e acabei de viver na rua.
3. Anos, muitos anos... talvez uns 15 anos...
4. Não me deu de clique nenhum, eu estava completamente fora de mim, fora do meu ego, do meu normal. O que me deu foi que fui parar ao hospital por causa do álcool. E, fez-me ir parar a uma instituição, à vitae de xabregas. E da vitae falaram-me aqui no espaço aberto ao diálogo e deram-me a oportunidade de ir para o apartamento. Agora estou-me a levantar, a levantar a minha autoestima... estou a tentar um emprego.
5. No positivo, tive sempre até me separar, a minha vida foi sempre muito boa. Trabalhei sempre e ganhei sempre muito dinheiro. Não me faltava absolutamente nada, diria uma vida acima da média do normal... essa foi a fase positiva. A negativa foi o depois, deixei-me ir, o álcool apoderou-se de mim e a cabeça não funcionava. Só pensava em beber.
6. A vida de rua é terrível, a vida de rua não é aconselhável a ninguém. É muito difícil ficar na rua, para já nos deparamos com situações, com gente que estão muito habituados a estas coisas e só fazem mal às pessoas, portanto a vida de rua não é fácil, um gajo tem que ter muito cuidado e muita força para ultrapassar isto.
7. Não, não existe ninguém. Nisso está tudo bem graças a deus.
8. Com todos, também com a minha ex-mulher. Comunicamo-nos por mensagens, facebook. Não há rancor, absolutamente nenhum... as coisas sucederam e teve que ser assim.

- 11.** Eu tentei sempre escolher esta situação à minha família, para não terem nenhum desgosto. Eles estavam habituados a verem-me sempre bem. Mas vão tendo conhecimento através de pessoas que me viam e contava do tipo: O JR está com uma grande bebedeira.
- 12.** Não, não tenho. Nunca tive e nunca pedi.
- 13.** O meu grupo de amigos são vocês aqui no espaço aberto ao diálogo, são a minha família. São vocês que estão a cuidar de mim e que me deram a mão para me levantar.
- 16.** Procuo sinceridade.
- 17.** Eu não quero reatar as amizades que eu tinha do antes. Porque as minhas amizades eu não vou voltar a ter porque as pessoas com quem eu lidava naquela altura estavam na sociedade muito bem vistas, eram tudo pessoas da televisão, pessoas bem-postas na vida. Isto já não vou conseguir, bem não é que não vai conseguir. Mas muitos já morreram e já não tenho muito interesse. Tenho interesse agora a fazer uma vida para a frente e outras amizades e se voltar aparecer pessoas de trás claro que vou dizer que sim. Serão bem-vindas.
- 19.** A relação que tenho acho que sim que é boa. A não ser que haja uma mentira por de trás. Mas da minha parte não há e não parece ser do vosso género.
- 20.** É compreender a situação de cada um e pronto. Às vezes dou conselhos e não gosto de dar conselhos, porque estou na mesma situação e não tenho a minha situação resolvida. Mas se me pedirem eu dou, mas sempre para o bom caminho.
- 21.** Espetacular, muito bem com ele. Aliás ao fim-de-semana costuma sempre ir tomar o cafezinho comigo.
- 22.** Bom.
- 23.** Arranjar um trabalhinho e a partir daí a mudança está na minha cabeça, se tiver cabeça para isso...

24. O meu projeto de vida não é só arranjar um trabalho, é arranjar uma namorada fazer uma vida normal. Passear muito, porque a vida não é só trabalhar.
25. O meu interesse é que possam acreditar em mim, na minha luta que é uma luta difícil. Claro sem a vossa ajuda não consigo. Não gostaria voltar para a rua, nem para a Vitae.

(utente J-PR – Entrevista realizada dia 30 de Julho)

1. Sim, a 100%.
2. Recaída no álcool e na droga.
3. Já há cerca de 3 meses agora.
5. Deixa tentar ver uma positiva. Primeiro (ri-se), euh... se calhar antes de recair, de vir para Lisboa. Quando estava na América, de estar com a minha sobrinha. De ir à escola dela, de a ver a fazer as coisas que ela gosta. Ela gosta de jogar futebol, de dançar. Tinha uma ligação muito fixe com a miúda e isso para mim foi muito bom. Sentir mesmo ser tio. Foram meses fixes. Negativas? Eh pah no quero nomear muito, mas se calhar olhando para trás, bah mais recente... foi ter decidido ter recaído de usar um copo, e depois de usar um copo usar outras coisas e esqueci-me. Esqueci-me não... deixei todos os compromissos para trás, família, tudo mais...
6. Não é vida. Sobrevives... eh pah não é vida para nenhuma pessoa, tanta coisa que uma pessoa pode fazer. Estar na rua eh pah tem vários stresses. É tipo teres alguém que te pode fazer mal, se te vai roubar, não saber o que é que vou fazer no dia seguinte, não tens nenhum plano, ou estrutura. A cabeça dificilmente fica tranquila. Eh pah até me aguentei bem, mas há momentos que batem e começas a dizer f***-se situações que poderias perfeitamente ter evitado. Tendo feito as coisas um bocado diferente.
7. Não do meu conhecimento.
8. No momento zero.
9. Foi desde que recaí. Primeiro fiquei sem telemóvel no meio disso e depois desde desse dia não voltei a ter contacto com eles até hoje. Há 3 meses.

10. Muito, cada dia agora penso mais como é que hei-de de fazer isso, mas quero muito.
11. A minha família na verdade não tem nenhuma notícia minha. Se calhar não sonhem, nem tem nenhuma ideia.
13. Amigos? Eh pah digo-te a verdade tenho algumas pessoas com quem partilho alguns momentos. Mas assim amigos não tenho.
14. Há uns poucos que sim, dois deles são cá do centro já um bocadinho mais velhos que falo com eles de uma forma um bocado diferentes do que com os outros. Pressinto que eles me entendem e eu a eles, a nossa relação é genuína, não há maldade. Porque eles estão a fazer as coisas deles para mudar a vida deles e estão afastar-se das outras coisas. E, não falamos dessas outras coisas. Então até agora quando comecei a trabalhar foi então “J” está tudo bem? O trabalho como é que vai? E, trocamos umas conversas assim sempre que nos vemos.
16. Honestidade, que sejam genuínos.
17. Familiares! Que é o mais que gostava de reatar num futuro próximo. Se calhar preciso de algumas luzes. Porque sinceramente já pensei: fogo, não pode ser assim tão difícil, pego no telemóvel e depois penso e quando ligar o que é que vou dizer? Se calhar preciso de conversar com alguém sobre isso. Se calhar para me orientar um bocado. Se calhar é mesmo da minha cabeça que me está a impedir.
18. os panfletos. Estava no Cais do Sodré e passava lá a carrinha todas as noites e decidi vir. Já lá vai um mês e pouco.
19. Boa, tipo vim cá e fui recebido. No momento, estaria mesmo aflito tipo exacerbado estar na rua. Vim para cá, porque pelo menos estava fora da rua, podia falar com pessoas. Um bocadinho mais sossegado. O centro deu-me essa oportunidade nesse momento. O que me toca fazer que é ir para Comunidade, tinha ouvido falar mas depois de falar com alguém daqui percebi efetivamente como é que são os passos que tenho que dar. Eh pah para aquilo que vinha por agora está tudo a ser feito. Depois o resto é o tempo, o processo é um bocadinho longo para chegar lá. Só isso é que cansa

um bocadinho, mas focando na CVPaz aquilo que foi dito tem sido feito. Então não tenho queixas.

20. Hum... eh pah... no geral foi fácil, não senti que tive dificuldades na integração.
21. o meu técnico com o TEC5 é fixe, ele é porreiro. Vem sempre ter comigo, troca uma palavra. É um gajo fixe. O resto na verdade não tenho muita interação com eles, um bocadinho o TEC1, o resto não muito.
22. Tranquilo.
23. Eh pah primeiro é entrar para comunidade. Embora eu já saiba porque já fiz no passado comunidades, que não é só comunidades que vai mudar e ficar mudado. Mas é iniciar este processo já com essa noção. De sentir a necessidade de mudar, viver a vida de outra maneira, mas a querer mesmo fazer e ser mais criativo no processo. Tenho tendência a ficar cómodo, a fazer devagarinho e já vi que assim não resulta. Tenho que puxar um bocado por mim.
24. 1: Sobriedade; 2: Reatar com a minha família; 3: Quando terminar aquele processo é definir aí para que lado profissional é que eu vou focar-me e trabalhar.
25. Queres saber mais alguma coisa? (ri-se) eh pah...não sei o quê?(ri-se) eu quero é estar fixe, esta situação já está a ser demasiada. Quero é mudar e é para mudar!

(utente MR-PN – Entrevista realizada dia 30 de Julho)

1. Sim, identifico-me como estando em situação de sem-abrigo.
2. Puseram-me fora de casa, tive que ir para a rua. Entrevistador: Quem é que o pôs na rua? Família? Amigos? Não, a minha mãe.
3. Há 3 meses.
5. Positivas quando estava em casa da minha mãe, tinha trabalho, tinha tudo. E, as negativas foram quando pus-me no álcool. A partir daí, tudo começou a descambar, fiquei desempregado, a minha mãe pôs-me fora de casa e estou nesta situação toda.

6. Uí! O que é vida de rua? Não é fácil, temos os amigos que temos na rua são os sem-abrigo. Pois as pessoas da sociedade mandam-nos para trás. Nós somos como lixo. Eu não era assim, mas pronto. Agora estou a passar por isto. Estou a ver o que é o lado bom e mau da vida.
7. Não.
8. O meu irmão, de vez em quando telefono para ele.
10. Não, não vale a pena. A minha mãe tudo bem, agora o resto não vale a pena.
11. Alguns sabem, outros não. Também não tenho nada a dizer da minha vida a eles.
12. Nada, zero.
13. Neste momento, a Comunidade (CVPaz), 4 ou 5 que estão na Vitae é com eles com quem falo e mais alguns que conheça.
14. Não, também estão na mesma situação que eu (ri-se). É complicado ajudar-me.
16. Honestidade e sinceridade. O resto vem depois.
17. Não quero, não vale a pena. Já os conheço de ginjeira, por isso pode estar tudo bem e depois é vai-te embora. Eu não sou o primeiro, aconteceu também aos meus primos. Por isso, não vale a pena.
18. Através das carrinhas dos voluntários da CVPaz.
19. é boa, não tenho razão de queixa.
20. Bem, não houve problema nenhum.
21. Relação de amizade, o meu técnico é a TEC3 e corre tudo muito bem.
22. Normal, fácil... é melhor aqui que na Vitae. Lá em baixo é mais complicado, também há mais gente, estão lá pessoas eu não as conheço e passo por lá. Lá há mais confusão. Mas pronto é melhor do que dormir na rua.
23. É ir para a Comunidade (CT) e sair de lá novo.
24. Arranjar um trabalho, ter uma casa e organizar a minha vida.

25. Não tenho mais nada para contar.

(utente SL-FR – Entrevista realizada dia 30 de Julho)

1. Sim.

2. Foi através de uma separação. Não reagi bem à separação e para abafar um bocadinho. Refugiei-me na droga.

3. 4/5 anos.

5. As positivas foi o nascimento do meu filho, mas não foi na rua estava ainda com a minha mulher. As negativas foi o tempo que estive na rua. Agora estou em Xabregas (Centro de Acolhimento), mas amanhã já vou embora para o Vale de Açor (CT).

6. É má, muito má. Já não tenho estofo para isto, para aguentar estar na rua. Mal consigo andar, por isso é que vou-me internar. Só quero é sossego e paz.

7. Não só tenho um irmão que é alcoólico, mas não está nesta situação.

8. Não.

9. Orgulho, não dar a entender que estava assim. Apesar deles saberem, né?

10. Talvez. Se tivesse numa fase melhor, mais empenhado, quando sair desta situação.

11. Acho que não.

12. Não nenhuma.

13. Agora por ninguém, não tenho amigos, não tenho ninguém. Conhecidos, mais nada.

15. Foi as mudanças, as mudanças de sítios, mudanças de lugar e agora vejo aqui em baixo (Vitae) aquilo é cada um por si, não há amizade, não há conforto.

16. Verdadeiras, mais nada.

17. Não sei, acho que não reatava com ninguém. Por saberem do meu passado iriam estar sempre de pé atrás.

18. Foi através do meu técnico da vitae.
19. Acho que é boa.
20. Foi boa, satisfatória.
21. é difícil estou apenas aqui há 3 dias e amanhã vou me embora. Não dá para criar muitos laços, mas até agora foram positivas.
22. Tem sido fácil com ajuda do TEC2 e a articulação daqui com o Vale de Açor.
23. A minha saúde melhorar e conseguir um trabalho. Era tão bom.... Era mesmo bom, bom, bom...
24. Devia ser esse, ter o meu trabalhinho, o meu dinheirinho, o meu cantinho, a minha casinha....
25. Não, está tudo é só isso.

(utente VT-FB – Entrevista realizada dia 30 de Julho)

1. Sim

2. Euh... portanto posso responder longamente? Entrevistador: Pode, claro.
Entrevistado: É assim, eu estava na Inglaterra a trabalhar há 14 anos, sou separado. Fui para a Inglaterra por motivos pessoais entre mim e a minha ex-mulher, somos separados. Optei por ir para lá trabalhar como cozinheiro e lavava pratos no 1º ano. E, depois fui aprendendo a cozinhar como cozinheiro, mais propriamente no aeroporto de Gatwick. Euh... mas eu já bebo há muito tempo, só que normal como as pessoas normais, mas acabei por me encontrar sozinho e comecei abusar e então bebia bebidas espirituosas, vodka, whisky. Ah... e então cheguei a um ponto que de manhã quando me levantava já começava a tremer, não conseguia enrolar um cigarro se quer... Tinha que ingerir álcool e pronto... cada vez mais abusar até que chegou ao ponto de começar a beber uma garrafa de 1 litro por dia. Entretanto Inglaterra é um país muito desenvolvido, mas não tem isto dos sem-abrigo, não existe lá. Nós vamos para um hospital ficamos 4 horas a soro e manda-nos para casa, olha já estás bom! O meu filho disse: vem pai, vem para Portugal e fazer um tratamento para recuperação. E, depois pedes um tempo sem vencimento. Ahh eu pedi, mas eles disseram-me não ou tu despedes-te ou nós despedimos-te porque se formos nós a despedir-

te nunca mais podes pedir trabalho aqui um dia. Tudo bem pronto foi a minha opção. Euh... tratamento para o álcool no dia 26/07 apanhei o avião vim para cá. Os meus filhos, 2 deles, um deles mora no Entroncamento, alugou uma casa pequenina está longe. E, o mais novo casou há pouco tempo, o mais velho está em obras e a minha também está com a casa que tem paredes assim bastantes largas, está arrombar aquilo tudo e de momento pronto... eu aceito que seja assim e não por não gostarem de mim. Pronto, eu aceito que seja assim, normalmente há sempre condições para um pai, mas pronto e foi isso que me fez vir para cá.

3. Desde do dia 26/07 fez há pouco tempo.

4. Ah... a nascença dos meus filhos, o nascimento deles foi bom. E, em certos momentos, bom... porque... vamos lá ver com a minha idade nos tempos antigos era só trabalhar, trabalhar, trabalhar... eu comecei a trabalhar com 12 anos e portanto, sabe como era aquilo não havia telemóveis e nada dessas coisas. E, eu com 13 anos já tinha cartão na caixa, já descontava. E, então momentos bons, o nascimento dos meus filhos foi a minha fase marcante. Negativas por exemplo discussões do dia-a-dia com a minha ex-mulher. Euh.. Nós terminamos e não fazia sentido... eu só chegava a casa e discutia, penso que não valia a pena. Chegava a casa e já estávamos a falar torto um para o outro. Quando íamos à rua, ela já não ia ao meu lado, ia atrás de mim. Por tantas coisas assim... euh... já não fazia sentido. Negativas? Foram algumas, tive um acidente muito grave na Inglaterra eu ia numa estrada principal ia de bicicleta para o trabalho fui atropelado, partiu-me o pé em mais locais, (mostra os locais onde estava partido) esta ponta ficou voltada para trás tenho uma chapa aqui, outra chapa aqui. Fiz operação para conseguir juntar todos os bocados dos ossos. E, esta situação é muito mais grave do que ter partido o pé, porque eu nunca me encontrei numa situação assim. Por tanto eu gosto estar aqui no Espaço, mas durmo na Vitae e a Vitae é terrível parece bichos humanos. Ahn... nós não podemos descuidar-nos um bocado com o braço uns nos outros que é logo “Então pah!” é a rigidez dos outros. Quem anda na rua já está habituado a isso e pronto eu queria sair desta situação já fiz os exames todos, já fui busca-los. Só que tenho azar que marquei uma consulta para Unidade de Alcoologia, claro que foi ele que me passou os exames e já fiz. Não fui eu que marquei foi a minha filha. Agora

marcou a TEC3 para mostrar os exames, mas só tenho consulta em Setembro. Vou ter que me mentalizar, a minha moral desceu bastante quando ouvi essa notícia, né? Porque estava à espera que fosse mais rápido porque quero ir para Comunidade. Para ver se o meu cérebro e cabeça, posso dizer que nunca mais bebi desde do dia 26/07 sério mesmo. vejo os aí, o motorista vai nos levar às 16h30min à porta da Vitae. Eu saio daquele local e vou para baixo dar uma volta, para não estar aí porque à porta estão a fumar drogas ou a beber aqueles pacotes de vinho de rasca vão comprar por 0.95€ e isso. Eu não posso estar ali a ver aquelas coisas. Por mim pode fazer mal à minha cabeça. A minha irmã vem todos os sábados não ali, eu vou ter até o Marques Pombal. Este sábado fui até ao Parque Eduardo VII almoçamos lá, digo-lhe a ela: não venhas ter aqui, isto é um local porco, um bocado assim. E, ela vai ter comigo, tem vindo todos os sábados lá. Os filhos nunca vieram visitar-me desde estou cá. E a minha irmã tem feito muito por mim, tem vindo visitar-me todos os sábados, agora não vai vir porque vai para o Algarve já tinha alugado um apartamento por 15 dias mais o meu cunhado.... Bem perdi a noção de onde estava na conversa... (ri-se).

6. é sujo.. a vida de rua é sermos roubados. Bah eu nunca estive nessa situação, de dormir na rua, mas eu vejo... estava há 14 anos fora de Portugal e não sabia que era isto. Ouvia falar nos sem-abrigo que andam na rua... não fazia uma pequeníssima ideia. Agora eu vejo o que é um sem-abrigo são chocados pela pessoa. Alguns pedem para comer é certo, talvez 5%. O resto pedem para beber e fumar droga e é nisso que é mau. Os sem-abrigo que andam na rua por vezes não procuram melhorias, a situação em que estão eles agrada-lhes, entende? É a minha maneira de ver os sem-abrigo.

7. que eu saiba não.

8. sim mais com a minha irmã pronto. Hoje dissemos no Messenger do Facebook “Bom dia” um para o outro. Como estas? Como é que não estás? E é assim.

11. Sim, sim. Todos não sei, mas os meus filhos sabem e a minha filha, a minha irmã sabe. Posteriormente, mais alguém saberá através eles, né? Nunca perguntei. Nunca foi o meu interesse saberem ou não. Isto é uma situação que eu e sou só eu o único culpado, né? Fui eu que provoquei esta situação a mim próprio. Só que da parte do meu filho mais velho não vejo ajuda, vejo críticas

bastante rígidas. É só criticar, criticar não vejo críticas construtivas é apenas deitar abaixo e depois às vezes é terrível. Eu até já disse para o meu filho mais velho se queres falar comigo, fala senão queres não fales. Tu é que sabes. Porque ele já se virou para mim: Às vezes dá vontade de deixar de falar contigo! Porque eu estou sempre avisar-te, dizer as coisas como devem ser e tu não fazer, a ultima vez foi que eu posso prolongar? Entrevistador: Sim, claro não há problema. Entrevistado: Portanto eu nasci em Odivelas, sempre lá vivi até ir para Inglaterra. Eu para ter a isenção para os medicamentos falei lá em baixo na Vitae, com a Dra. M., ela até me disse: Oh! Sr. "VT" não há problema eu passo um documento carimbado e assinado a dizer que eu morava lá desde 2018 e eu só entrei em 2019, portanto. Fez tudo muito bem! Eu chegarei aqui falei com a TEC3 ela disse-me dê o seu número de telemóvel que eu através da net consigo talvez porque se não vai-te que ir para o Centro de Saúde de Alameda que é onde pertence esta zona Xabregas. E, a TEC3 disse: sim, pode lá ir, tem que fazer a inscrição, marcar uma consulta, ir lá ao médico pedir a consulta para isenção, se dão ou não. Portanto você é um sem-abrigo que vive aqui na Vitae. Eles em princípio dão, mas isto pode demorar 1 ou 2 meses, mas já tem que estar a tomar os medicamentos. Tem que fazer os exames daqui a 2 semanas, eu tive que pagar 36€ de medicamentos, análises, ecografia, raio-x, exame ao coração, TAC, não sei quê... portanto essas coisas. No entanto, calhou em conversa de estar a falar com o meu filho mais velho e contei-lhe esta situação. Começou: Pai não tens nada que ir a Alameda, tu tens é que ir a Odivelas. E, eu disse vou para Odivelas? Se eles me mandarem um papel a dizer às tantas tenho que estar a x horas, que morada é que vou dar de Odivelas e ele aí não sei quantos. Não tem lógica ir a Odivelas senão tenho morada em Odivelas a doutora aconselhou-me bem.... Mas começou com cenas de nem me atrevo a falar contigo quanto mais digo as coisas e desde daí para cá, nunca mais mandou mensagem.

12. não é só a minha irmã que vem cá e compra-me um maços de cigarros.
12.1. Sinto, sinto muito, porque estão ajudar-me numa fase difícil eu já pedi ajuda por tanto eu quero ir para tomar para ficar mais perto possível de Odivelas. Porque quando sair da comunidade já ouvi dizer que sim que arranjo talvez um quarto em Odivelas e eu estou perto da minha mãe. Eu até disse uma coisa

muito engraçada: Mana (a gente trata-se por mano e mana) ela é dois anos mais nova que eu, vou fazer 61 em Setembro e disse assim, olha mana eu vou para Comunidade depois de algum tempo não posso ter visitas. Quando lá quiseres ir depois fazer visita e estive-lhe a explicar tudo. E, ela também e, depois sair da Comunidade vou pedir em Odivelas e procurar trabalho, porque não sei se vou voltar à Inglaterra, senão vou. A minha cabeça neste momento está confusa. Agora estou despedido depois arranjar quanto novamente, não é? Porque a pessoa não vai estar à minha espera. Eu estava a viver num quarto na Inglaterra. Ehn... eu só para uma casa estava a pagar 480 libras são 400€, né? Só de um quarto mais as despesas, água, luz, gás. E, então tenta arranjar um quartinho barato e um trabalhinho. Eu disse para a minha irmã depois de sair de lá eu vou supostamente para um quarto e eu não quero que tu avises quando chegares ao pé de mim, que quero... foi esta conversa que tive por a minha irmã. Eu quero que chegues ao pé de mim de surpresa para veres se ando a beber ou não. Entende? O que quis dizer? E, ela: ahh... boa mano é mesmo isso que vou fazer. Acaba por ser o meu travão por assim dizer.

14. Amigos, amigos... por assim dizer não tenho porque as amizades que tinha em Portugal ao longo destes 14 anos uns morreram mesmo (fisicamente, não foram afastados, né?) e outros mudaram de zona. Tenho algumas pessoas conhecidas, né? No Facebook, não é assim por dizer que são meus amigos. Portanto, em Inglaterra arranjar amigos é difícil também, não há ninguém conhecido. Em casa estavam uns ucranianos, não eram meus amigos. Eles tinham a vida deles e eu a minha, eram um casal. Ehu... resto dos ingleses tinha conhecidos lá, não eram amigos e tinha um polaco e polacas eram conhecidas. Encontrávamo-nos na rua porque na Inglaterra trabalhavam mais população madeirense, não tanto continental porque muitos vieram de Venezuela da África do Sul, quando ouve aqueles problemas, optaram por emigrar para a Inglaterra.

16. Sinceridade.

17. Hum... os passos que daria? Eu daria alguns, mas eu não sei onde moram percebe? São 14 anos. eu se encontra-se alguém, soubesse onde morava iria procura-los, como já não sei. Uns optaram por não ter Facebook procurei em principio e não consegui encontra-los. Portanto, mas se soubesse que existia uma pessoa do meu passado, né? Claro que iria lá, né? Quando venho cá de

férias a Portugal todos os anos, euh... eu procuro e não encontro, né? Vocês sabem fulano, assim, assim não já não mora aqui e tal.

18. Não fui eu que conheci foi a minha filha. Portanto, eu um dia 26 e foi no dia a seguir para cá. Sabe que com a bebida, a minha cabeça deslocou um bocado era os primeiros tempos que tive aqui não sabia o que é que andava a fazer. Se me dissessem volta para ali para esquerdo eu ia. Se me dissesse volta para a direita eu iria para a direita e depois estava a tomar 10 comprimidos diários. Euh agora já não estão terminei na sexta que o médico da vitae disse: Estás bom! Portanto vamos deixar isto para aqui. E, então foi à minha filha no dia 26 quando cheguei falamos, falamos... andamos à procura de uma pensão. Andava com livras e não conseguia trocar naquela hora da noite. Até que por fim conseguimos encontrar um quarto foi a minha filha que pagou 70€ por um quarto. E, entretanto assim que levantei de manhã fui trocar o dinheiro. Pronto... porque eu tinha levantado cerca de 550€. Eu obti para não me roubarem o dinheiro todo à TEC3. Ela vai me dando 20€ por semana para tabaco. E, assim vou pagando as minhas coisas, mas pronto. É tabaco, medicamentos é exames, o dinheiro não chega assim. Entretanto a minha filha não sei através de quem ela liga para mim e diz-me: pai vais ter à Rua Rui de Sousa, tal, tal, tal... procura pelo Espaço da Vida e Paz eu já falei com eles. Pronto foi o que é que aconteceu. Vim cá, apresentei-me aqui nesse dia, apanhei um táxi vinha com a mala cheia de roupa. Nesse dia a TEC3 disse para me apresentar na Vitae, lá em baixo e pronto fui na carrinha e aconteceu assim. Foi a minha filha.

19. É boa.

20. Foi boa, comecei a entende-los, uns passam o dia a pedir-me tabaco e eu estou sempre a negar (ri-se) não posso dar a eles para depois me faltar a mim. E, depois sou eu quem vai pedir. Não vale a pena.

21. é boa, falo bem com todos. Nunca me chamaram atenção por nada. Tem me ajudado.

22. Boa, excelente.

23. Deveria acontecer uma mudança radical, era assim euh... aceitar o programa que vai acontecer da Comunidade. E, eu ter um trabalhinho quando saísse.

24. é este, sou velha, mas ainda sinto forças para trabalhar, mas um trabalho que não seja nas obras. Nunca trabalhei e não sei né? E é pesado portanto para a minha idade 61 anos. um trabalho que conseguisse. Aliás a Comunidade tem 4 coisas, jardinagem, carpintaria... quero passar o meu tempo ocupado. Quero arranjar lá uma ocupação. Além das reuniões de grupo e não sei quê... fora não estar a pensar que estou tipo numa prisão, né? Ou coisas semelhantes.

25. euh... não está tudo. O que tenho é que a minha moral está em baixo por causa da consulta demorar algum tempo a ter.

(tente CR-MR – Entrevista realizada dia 02 de Agosto)

1. Sim.

2. Foi uma sequência de eventos. Primeiro comecei a consumir drogas e depois deixei ter dinheiro para pagar a renda, fiquei sem casa, estava a viver no carro e entretanto o carro avariou deixei de ter dinheiro para arranjar o carro e acabei, acabei por ir viver para a rua basicamente é isso.

3. Um ano... bah um ano e meio ao vivo.

5. Oh tantas não consigo responder a esta pergunta, bah a mais marcante pela negativa foram estes últimos 2 anos e pela positiva o resto da minha vida toda. Sinceramente a minha vida toda, pronto tirando os problemas normais de toda a gente têm, eu sempre fiz aquilo que me apetecia fazer, sempre fui relativamente feliz. Pela negativa assim Este último ano e meio foi a pior fase da minha vida, sim.

5. O que é que é vida de rua? Neste momento, presente para mim embora tenha onde dormir, considero-me um sem-abrigo, porque não tenho sítio onde possa relaxar não tenho um sítio, Sei lá... tenho, tenho que seguir ritmos de outras pessoas que não são os meus Ritmos que me são impostos. Tenho que comer aquilo que está.. está disponível para eu comer. Tenho que dormir às horas que me dizem que eu tenho que dormir, acordar as horas que tenho que acordar. Pronto é isso.. por isso para mim vida de rua é isso é termos que seguir os ritmos que a rua nos impõe que é um exemplo do nosso próprio ritmo. De fazer aquilo que queremos dependentes do daquilo que vai e não daquilo que queremos basicamente.

7. Não.

8. Sim não tão regular como eu gostava mas sim. Família de sangue, a minha irmã, a minha companheira é mais minha família de qualquer pessoa da minha família de sangue com ela mantenho contacto regular. Com a minha irmã não tanto como mantinha e tinha primeiro porque nos chateamos. Quando... comecei a meter-me na droga e isso a relação estragou-se um bocado, mas estamos a reatar contacto. Mas o resto da minha família é um pão a dois bicos eu não quero ligar-lhes e mentir, mas também não quero ligar e dizer a verdade para eles não ficarem preocupados. Apresentar aquela: olhos não veem, coração que não sente. Neste caso, ele disse que não quero estar a ligar para a minha mãe e estar-lhe a contar uma enxurrada de mentiras já sei se lhe ligar e tudo e contar a situação em que estou. Tenho medo que ela... ainda por cima ainda sofre dos nervos e isso, tenho medo lhe dê um chilique qualquer. Sei que lhe vou estar a preocupar imenso e vou-lhe tirar noites de sono. Por isso, prefiro não dar notícias e para a minha família sempre foi muito bom sinal, porque quando eles não ouviam de mim é porque eu estava bem (ri-se). Normalmente, era assim porque passei a minha vida a viajar, por isso quando eu não dava notícias por 6 ou 7 meses é porque estava algures na selva ou no meio do deserto. E, não podia dar notícias, por isso desligar contacto vamos pedir para contar que é que está a passar, o que é que tenho andado a fazer isso tudo. E, eu não quero mentir nesse caso eu é que eu não quero estar a contacta-los, por isso mesmo.

11. Não. A minha irmã sabe, o resto da minha família não. A minha mãe não contou nada, porque eu lhe pedi para não contar por estas razões que disse.

12. Não.

13. Por ninguém. Neste momento, não tenho ninguém que eu chame realmente de amigo.

15. Não está cá ninguém, não conheço ninguém aqui em Portugal. Estou cá há 2 anos, por isso conheço pouquíssimas gente e as pessoas que eu não conheço ninguém que eu realmente me identifico... bah minto tenho, tenho dois amigos bons, mas um está em comunidade e outro está no Algarve, pronto. De resto é tudo conhecimentos circunstâncias. Por isso, porque lá está a vida de rua, tenho pessoas que confraternizo, porque tenho que confraternizar. Eu não tenho nada em comum. E, amigos é alguém com quem partilhamos coisas e o espaço é a única coisa com as pessoas que estão à minha volta.

16. Respeito acima de tudo e lealdade. E, depois é um leque enorme... tenho amigos de todos os tipos, de todas as classes sociais, mas respeito e lealdade isso e sim. O resto pois há pessoas que são tão estúpidas que gosto delas por serem estúpidas e outras que são tão boas, que gosto delas por serem tão boas. Por isso, cada caso é um caso.

17. Os passos é o que estou a tomar ir o mais depressa possível e voltar a minha realidade. Pronto neste momento a minha realidade é esta, mas pronto voltar para o meio das pessoas que eu gosto e que gostam de mim também ando eu me sinto um livre, que é na Inglaterra. Eu nasci em Portugal, mas minha vida adulta passei-a lá quase toda os meus amigos de miúdo continuam cá em Portugal não tenho tanto contacto. Mas se eu for a minha terra estão lá mas é aquelas amizades de miúdo. Entretanto, todos nós crescemos damo-nos muito bem por aquilo que aconteceu há muito tempo, mas as pessoas com os meus amigos mesmo estão na Inglaterra ou no resto do mundo. Mas sobretudo na Inglaterra e tipo o nosso ponto de encontro era em minha casa. Nesse aspecto, para reatar as ligações é a voltar para lá ou comprar um melhor telefone, que nem se quer dá para ir para o Facebook mas pronto (ri-se). Neste momento, nem isso fica por aí.

18. hum... já nem me lembro. Passa palavra, quando estava na rua, as carrinhas passavam ao lado. Acho que a Comunidade foi com eles agora do espaço em si já não me lembro. Mas acho que como associação foi através das carrinhas.

19. é um sítio onde eu venha, mas lá está para não estar na rua. Um sítio onde me ajudem a tratar de certos problemas, basicamente é isso.

20. Bem acho eu, sei que grupo está sempre a mudar mas em geral Foi boa. Lá está embora, embora eu dissesse no início que ninguém é realmente amigo, porque sou muito diferente de toda a gente, mas ao mesmo tempo integro-me bem com qualquer tipo de pessoa. Eu não preciso de sentir um laço muito forte entre duas pessoas para se darem bem. Podem ter acabado de conhecer e darem-se bem, lá está desde que haja respeito. Normalmente dou-me bem com toda a gente... há pessoas que precisam de conhecer o ambiente primeiro para se integrar, eu não sou assim. A princípio para mim está tudo bem e depois eventualmente é que posso escolher coisas que não gosto sobre esta pessoa ou aquela... em princípio para mim toda a gente é bom com o potencial de ser mau. E, toda a gente é mau com o potencial de ser bom.

21. Para ser sincero não sei quem é o meu técnico referência. Normalmente, tenho falado mais com o TEC2 ou a TEC3, por isso não sei qual deles é que será, mas boa acho eu. Com os outros técnicos, não tenho muito contacto, lá está dependendo... dependendo das circunstâncias é isso.

22. Como é que tem sido adaptação? Eu ainda não estou adaptado, bah estou no sentido que me sinto confortável. Estou bem não, não estou mal com ninguém mas ao mesmo tempo custa-me imenso muito diferente daquilo que sempre fiz aquilo me interessa, por isso não tem não tem sido difícil estar aqui mas ao mesmo tempo é difícil porque eu sinto que estou cada vez, cada dia Sinto que a minha vida está a passar por mim e... nada está acontecer. Mas yah (ri-se).

23. É deixar Metadona... não sei que isso assim que conseguir estar livre da Metadona, as mudanças positivas acontecem que acontecendo isso eu posso ir embora e a partir daí as coisas irão correr bem outra vez. Entrevistador: Está com muito? Entrevistado: Não estou com 40, problema mas até nisso se eu não tivesse, se não tivesse a dormir num albergue. Se tivesse uma casa já tinha deixado a Metadona, porque fazia o desmame, mas é muito difícil quando não se está confortável, ainda ter aquele desconforto extra. Eu tenho medo que estar a tentar baixar a metadona quanto na situação que está tenho medo, que volte a recair, por isso... por isso nem quero estar com aventuras, quero fazer isto no procedimento normal e fazer a desabituação isso que é para não recair... para não correr mal. Se tivesse em casa, se tivesse na minha vida mesmo deixava sem medo como já fiz várias vezes mas na situação estou... não dá. Porque se estou em casa e durante a noite estou mal e doe-me as pernas... Sei lá levanto-me vou ver um bocado de televisão, faço um chá, tomo um banho. E, neste momento, não posso fazer isso. Tenho horas para me deitar estou num sítio, como estão as pessoas não posso estar no levanta e deita. Pronto no estou à vontade, por isso eu sei que não posso fazer isso. Mas eu deixando a Metadona sinto isso abre-me as portas outra vez, para ter uma vida normal.

24. Sair daqui. Neste momento, trabalho trabalho, mas não posso trabalhar porque estou no albergue, porque o meu trabalho implica fazer horas à noite e eu estando no albergue, não posso fazer essas horas por isso está-me a condicionar imenso. Depois é aquele ciclo eu sem trabalho, não consigo pagar o meu quarto ou uma casa, mas não estando numa casa, não vou conseguir meter o trabalho. Dizer que vamos no albergue e continuar a trabalhar, talvez

resulte para alguns tipo de trabalho durante o dia. Agora para o meu. Eu sou técnico de som, eu faço produção, eventos, concertos. Ainda no outro dia, da semana passada fui fazer o concerto dos Muse e saí às 3:00 da manhã e tive que dormir na rua. Porque já antes, já a semana anterior deixei passar um trabalho por causa disso, que eu não queria estar aqui na rua. Mas depois é aquela que eu também não quero que patrão me deixe de telefonar. Por isso, vou gerindo, vou dizer que não que não e depois de vez enquanto digo que sim para não ter no trabalho, mas sei que aquilo vai ser exigente a brava porque vou trabalhar a montar o espetáculo, que normalmente são um turno enorme. Depois vou estar cansado o suficiente quando chegar a altura de desmontar ou desmontar em vez de ir dormir, ou seja, estou cansado da montagem e depois ainda tenho que passar aquela noite na rua só posso dormir, no dia seguinte à noite. E, neste momento não ando bem fisicamente, não ando muito bem, nem quero estar a meter-me em muitas aventuras dessas. Mas lá está sempre tivesse uma casa podia estar a trabalhar e estando a trabalhar, a cabeça está no sítio isso facilitava muito mais o desmame da metadona. Por isso, são coisas tudo, que estão muito interligadas umas coisa outras. Basta uma das condições não estar boa que vai ter influência nas outras coisas.

25. Euhn... não (ri-se).

(utente ML-RM – Entrevista realizada dia 02 de Agosto)

1. Sim.
2. Consumos de drogas.
3. Há pouco tempo... primeiro fiquei com quarto, agora fiquei sem.
Entrevistador: e, há quanto tempo está sem quarto? Há um mês.
1. A minha passagem para Alemanha e para a suíça e o meu trabalho de estátua. O negativo são todas estas situações (ri-se) e outras destes tipos que já passaram. Com 52 anos já se conta coisas.
2. É dura não presta e é mau. Agora se tirarmos algum proveito de vida de rua como profissionais é uma coisa. Agora viver na rua é mau.
3. Não, acho que não, em princípio não. Pelo menos que eu tenha conhecimento.
4. Não, há muito tempo que não tenho.

5. A distância, cada um chega a uma certa idade, cada um para o seu lado e é normal. Entrevistador: e, são aqui de Lisboa? Não, são de Torres Vedras.
6. Hum... eles não estão terminados, estão é com falta de contacto. Quando chegar lá está tudo na mesma... a minha irmã também já é casada tem a vida dela, cada um tem a sua.
7. Não.
13. Tenho, alguns... um ou dois. O resto são conhecidos.
14. Ajudam são os meus amigos. Mas chega uma fase que não tens que contar só com os teus amigos, tens que contar mais contigo. Tens que ser inteligente, estares só a contar com os amigos não fazes nada.
16. Pessoas, está a falar do ser humano e o ser humano é abstrato como o caracol. Já me disse um grego na Suíça e é verdade, o ser humano é abstrato. Agora os valores que se quer é ser fiel e e amigos dos seus amigos.
17. Não sou muito amante dessas coisas. Viver no passado... quando lá passamos deixei marcado e eu como ser humano considero-me boa pessoa. Para já a distancia do trabalho, assim o obriga, não tem devido. Por consequente, eles estão na vida deles. Eles que tenham muita saúde e eu também. Quando vou quero sempre saber se está tudo bem com eles, como se tivesse lá sempre. Por acaso é uma coisa boa que eu tenho lá na minha terriola.
18. Através dos amigos e também foi o Google e procurei.
19. Boa, para mim é boa.
20. Einh.... Não foi difícil, adapto-me bem aqui... Agora lá em baixo é mais complicado, lá em baixo na Vitae é mais cómico. O segredo é ser inteligente, pões-te no teu cantinho e já está.
21. Boa, boa... porreirinha. Todos boas.. são lagartos, nasceram para serem segundeiros. Eu sou Benfiquista.
22. Normal.
23. Olha é ter juízo (ri-se)... Do resto eu tenho tudo. Sempre ganhei muito em Torres Vedras, na Suíça, na Holanda... desenrasco-me bem só tenho é que

trabalhar e ter vontade. Do resto é aqui na cabeça. Sou pedreiro, sou lenhador... sou poliglota em algumas coisas. Agora trabalhar com as novas ferramentas não, mas o antigo de há 52 anos sim desenrasco-me.

24. é agora acalmar-me um bocado, fazer uma terapia e depois ter juízo e continuar a trabalhar.

25. Não, necessariamente. Está tudo dito.

(utente RC-LP – Entrevista realizada dia 02 de Agosto)

1. Sim.

2. Não sei explicar.

3. Há 10 anos.

5. São os amigos que a gente faz, uns ficam outros vão.

6. É viver na rua, sei lá... pedir ajuda.

7. Não.

8. Mantenho com a minha mãe e irmã.

11. Sabem.

12. Tenho, quando eles podem ajudar ajudam. Não me sinto em dívida com eles.

13. Por eu, não tenho amigos.

15. Sei lá.

16. Sincera, humilde e verdadeira.

17. Melhorar de vida, mudar de vida iria ajudar a reatar amizades perdidas.

18. através da Vitae e de pessoas conhecidas.

19. É boa.

20. Foi Fácil.

21. é boa e com os restantes técnicos também é boa.

22. Sim.

23. é ir para uma das quintas e depois de um ano arranjar trabalho.

24. é ir para uma quinta e o meu objetivo é voltar para o meu antigo trabalho.

Entrevistador: Onde é que é o seu antigo trabalho? Rio de Mouro.

Entrevistador: O que é que fazia? Jardinagem e cuidava de pessoas com deficiência.

25. Não.

Anexo 4 – Entrevistas (técnicos)

(TEC1- Julho)

1. Quais são as suas habilitações literárias?

Tenho o mestrado em Psicologia Clínica.

2. Há quanto tempo trabalha na instituição?

Trabalho há 8 Meses, colaboro como voluntário há 9 anos.

3. No seu ponto de vista o que é para si uma pessoa em situação de sem-abrigo?

Uma pessoa que pernoita num espaço pelo qual não está a pagar, não tem condições mínimas ou onde é sujeita a maus tratos/exploração pelos proprietários.

4. Para si quais são os factores principais que levam a estas pessoas ficarem nesta situação de vulnerabilidade?

Desemprego, falta de rede social, doença física ou mental.

5. O que leva às pessoas pedirem ajuda?

Necessidade e muita coragem.

6. Quais os principais obstáculos que encontra na intervenção com esta população?

Burocracia, expectativas irrealistas dos utentes, doença mental passageira ou orgânica, falta de meios de resposta.

7. O que considera das respostas sociais existentes?

Estamos condicionados por respostas sociais de contingência que se tornaram respostas permanentes e conseqüentemente acabam por falhar porque não tinham estrutura a longo prazo. Exemplo: temos utentes que nunca irão deixar de ser dependentes de respostas sociais, não por vontade própria, não falo de

peessoas que se acomodaram, falo de pessoas inválidas cujo apoio dispensado é insuficiente para uma vida digna.

8. O que deveria mudar para que a intervenção seja realizada com maior eficácia?

Recursos humanos e económicos são a resposta óbvia. Os técnicos de intervenção estão numa profissão de desgaste rápido a que acresce terem de fazer o trabalho de dois ou três técnicos que não foram contratados. A matemática é simples: 1 Técnico = 1 Desgaste → 3 Técnicos = 3 Desgastes, por oposição a 1 Técnico = 3 Desgastes.

9. Qual o ponto forte da intervenção junto desta população?

Temos um sistema de alarme óptimo. O alarme social é perfeito. É feita uma sinalização com bastante eficácia quando surge a situação. Não temos recursos humanos para que para além de alguém ouvir o alarme, além lá possa ir e depois tenha meios para fazer algo acerca do caso. Nem falo da necessária concórdia do utente. Essa não controlamos.

10. O que pode levar ao abandono do projeto iniciado com o utente?

Morosidade, burocracia, falta de meios, *burnout* dos colegas, idiossincrasias do próprio utente e inclusive das suas famílias. Às vezes desiste-se de um projecto porque o utente tem um cão e não o pode levar consigo para a resposta.

11. Pensa que a rutura dos laços sociais podem ser um dos fatores principais?

A rutura dos laços sociais, sua inexistência, perversidade ou incapacidade de os criar é a causa e montra da psicopatologia.

12. Como caracteriza os laços que estes utentes têm com os indivíduos que o rodeiam?

Muitos serão capazes de criar laços com outros utentes. Até deveria ser mais fácil, se pensarmos que todos nos compatibilizamos mais com pessoas com as

quais temos pontos em comum. Podemos também pensar que numa sociedade em que as necessidades básicas não estão garantidas, se imponha uma lei social menos clemente, levando a laços mais instrumentalistas que afectivos. Adicionalmente, com toxicodependentes, vejo uma relação muito influenciada pelos consumos, onde o foco é externo a ambos e onde estas se desconhecem a si próprias sem a moderação das substâncias de escolha, enviesando o processo de se darem a conhecer, que é essencial ao estabelecimento de relações significativas. Reconheço facilmente a necessidade e procura de laços entre alguns utentes. Seria curioso comparar dinâmicas na sobriedade.

13. Pensa que estes utentes costumam ter laços sociais fortes?

Não vejo um qualquer grupo social poder segurar essa bandeira. Mas julgo que a adição é uma amante ciumenta.

14. A maioria destes utentes tem algum apoio externo? (família, amigos)

A maioria destes utentes terá uma figura, usualmente feminina, que ainda não desistiu deles. Os amigos substituem-se e renovam-se. São raros os amigos que assumem esse papel de apoio, a tendência será a de procurar pessoas de que possam esperar identificação à problemática actual. Outros sem-abrigo, toxicodependentes...

15. Qual a relação que estes utentes criaram com os técnicos da CVPaz? Consigo?

Partimos de um elo frágil para um de maior confiança à medida que o processo avança. Utesntes que já tiveram contacto com instituições que providenciam o mesmo género de apoio são mais propensos a instrumentalizar o técnico, usando técnicas como a manipulação e a vitimização. Por outro lado aqueles que chegam sem saber ao que vieram, expõem-se de forma gradual mas tendem a ligar-se mais a curto prazo. Partilho a opinião que a tónica deve ser assente na auto-responsabilização e que o papel do técnico será sempre secundário, promovendo o empowerment do principal interessado.

16. Para si como se processa a reconstrução desses mesmos laços?

Os utentes vêm ter connosco na pior fase da sua vida. A maioria com a família que ou já era disfuncional ou que se afastou do utente por uma questão de autopreservação. É enlouquecedor ver alguém que amamos a maltratar-se e a magoar-se. Algo de que os utentes têm noção, acrescentando culpa a tudo o resto. Os laços restabelecem-se com nova informação. Não já com palavras. Sem pressão, imposição, promessas, exposição ou apelos baratos à emoção. Daí que diga aos utentes que esqueçam para já o mundo para lá deles próprios. Que é um conselho enorme. O restabelecimento dos laços é o produto final de um percurso pessoal bem-sucedido. Quando os utentes estiverem bem, tudo o resto se virá a colocar no lugar

(TEC2 - Julho)

1. Quais são as suas habilitações literárias?

Tenho o 12º ano.

2. Há quanto tempo trabalha na instituição?

Trabalho há 21 anos, mas com um ano de interregno. Agora seguido há 12 anos.

3. No seu ponto de vista o que é para si uma pessoa em situação de sem-abrigo?

Uma pessoa que não tem onde viver.

4. Para si quais são os factores principais que levam a estas pessoas ficarem nesta situação de vulnerabilidade?

Consumos de substâncias e desemprego.

5. O que leva às pessoas pedirem ajuda?

O desespero do momento e a Esperança numa vida melhor.

6. Quais os principais obstáculos que encontra na intervenção com esta população?

As políticas sociais que são uma treta.

7. O que considera das respostas sociais existentes?

Poucas, com muita burocracia e nem sempre eficientes.

8. O que deveria mudar para que a intervenção seja realizada com maior eficácia?

Alterar as políticas sociais para apoios efectivos.

9. Qual o ponto forte da intervenção junto desta população?

Relação de empatia e encaminhamento do utente

10. O que pode levar ao abandono do projeto iniciado com o utente?

O tempo que demora e a burocracia até se concretizar o objectivo.

11. Pensa que a rutura dos laços sociais podem ser um dos fatores principais?

Também sim, claro.

12. Como caracteriza os laços que estes utentes têm com os indivíduos que o rodeiam?

Laços de interesses (com os pares) e relação de empatia com os técnicos

13. Pensa que estes utentes costumam ter laços sociais fortes?

Não

14. A maioria destes utentes tem algum apoio externo? (família, amigos)

Não

15. Qual a relação que estes utentes criaram com os técnicos da CVPaz? Consigo?

Os utentes criam uma relação de empatia/ajuda e de confiança

16. Para si como se processa a reconstrução desses mesmos laços?

Através da empatia/ajuda

(TEC3 - Julho)

1. Quais são as suas habilitações literárias?

Sou licenciada em Serviço Social.

2. Há quanto tempo trabalha na instituição?

Estou na Comunidade há pouco mais de 3 meses, entrei em Abril.

3. No seu ponto de vista o que é para si uma pessoa em situação de sem-abrigo?

No meu entender uma pessoa em situação de sem-abrigo é todo o individuo que fica sem teto, quer seja ficando na rua, em centro de acolhimento ou habitação precária.

4. Para si quais são os fatores principais que levam a estas pessoas ficarem nesta situação de vulnerabilidade?

Acho que podem se inúmeros os fatores que levam a estas situações, mas regra geral falamos de dependências, doenças do foro mental e ultimamente o desemprego. Depois forma-se uma “bola de neve” e depois todos estes fatores acabam por aparecer, inevitavelmente, porque são vistos como um escape a toda a situação.

5. O que leva às pessoas pedirem ajuda?

Aqui acho que só pode ser o desespero... a pessoa acaba por “bater no fundo” e esgotar todas as alternativas, não tendo suporte nem recursos para mais.

6. Quais os principais obstáculos que encontra na intervenção com esta população?

Como obstáculos posso apontar três, a falta de motivação, falta de iniciativa e a habituação ao contexto de rua. Se o utente não tiver uma motivação, um motivo que o faça retornar toda a situação, por muito que nós queiramos e façamos pela pessoa nunca vai dar certo. E a “vida de rua” também cria alguns hábitos e comodismos que são também difíceis de reverter.

7. O que considera das respostas sociais existentes?

Num nível global são adequadas, havendo alguns aspetos a melhorar, principalmente ao nível das respostas para população com duplo diagnóstico e penso que deveriam ser revistos alguns requisitos de admissão em certos serviços.

8. O que deveria mudar para que a intervenção seja realizada com maior eficácia?

No meu ponto de vista o problema é mesmo a parte da reinserção, assente numa lógica de prevenção de recaída. O problema existente é resolvido, mas depois tem de haver, nos primeiros tempos, um suporte para que cada pessoa se consiga reorganizar e refazer a sua vida.

9. Qual o ponto forte da intervenção junto desta população?

A meu ver a base da intervenção é o estabelecimento de uma relação de confiança e assertividade. Tem também de ser estabelecidos limites nessa relação para que não se torne demasiado “amigável” para que os utentes não sintam a liberdade de se acomodar.

10. O que pode levar ao abandono do projeto iniciado com o utente?

Muitas das vezes o tempo que leva todo o projeto a ser iniciado é o principal fator. O sentimento de impotência perante toda a política e burocracia que muitas vezes é necessária leva o utente à descreditação das instituições e respostas sociais.

11. Pensa que a rutura dos laços sociais podem ser um dos fatores principais?

Sim, claro que sim. A rutura dos laços sociais vem a par com o problema da exclusão social, muitas das vezes sentem-se excluídos, vivem o abandono dos laços sociais com suas famílias e amigos, há um sentimento de inutilidade e fracasso. Ou seja, há um corte destes indivíduos com a sociedade.

12. Como caracteriza os laços que estes utentes têm com os indivíduos que o rodeiam?

Acho que chega a uma fase em que estas pessoas perdem qualquer tipo de laços que possam ter, quer no seio familiar, grupo de amigos e em comunidade. A pouco e pouco vão desvalorizando o poder que os laços podem ter na reconstrução da sua própria vida, pois existe um paradoxo... no início há um corte dos laços pela própria família e sociedade, devido à mudança que se desenrola nestas pessoas, mas depois, na verdade, estes laços são a força e amparo essenciais para a alteração do seu estado.

13. Pensa que estes utentes costumam ter laços sociais fortes?

Já respondi um pouco a esta pergunta... penso que não. Porque há um corte total dos laços devido à situação de rua.

14. A maioria destes utentes tem algum apoio externo? (família, amigos)

Quase que arrisco a dizer que mais de 95% dos utentes não tem qualquer apoio, seja a que nível for. Infelizmente assim que há a recaída na vida de rua, a família principalmente deixa de querer ter contacto com a pessoa. Muitas das vezes os utentes falham a promessa e compromisso de melhorar e recuperar a sua vida que estas famílias deixam de acreditar em qualquer mudança.

15. Qual a relação que estes utentes criaram com os técnicos da CVPaz? Consigo?

No geral estabelecem uma boa relação, mas depende sempre de utente para utente, de feitio para feitio. Há utentes que ajudam e colaboram com os próprios técnicos na construção do seu projeto, depois há aqueles que boicotam qualquer intervenção que façamos. Mas há sempre uma relação de muito respeito e consideração.

Comigo...acho que ainda estou a construir aqui uma relação de confiança com os utentes, apesar de serem pessoas bastante acolhedoras mesmo sendo uma técnica nova, visto que os meus colegas já estão aqui no espaço há muitos anos, a relação é sempre diferente.

16. Para si como se processa a reconstrução desses mesmos laços?

Processa-se através da mudança de atitude do utente e da sociedade em geral. O utente mostrando vontade e motivação para a renovação da sua vida, fazendo mais por si para melhorar e alcançar resultados, reconectando-se regularmente com o motivo para essa mudança. No caso da sociedade, há que se deixar de olhar para o lado quando se vê alguém, na rua, fingindo que aquela situação não existe, e fazer daquele problema algo nosso.

(TEC4 - Agosto)

1. Quais são as suas habilitações literárias?

Licenciatura em Ciências Sociais

2. Há quanto tempo trabalha na instituição?

Há 4 meses.

3. No seu ponto de vista o que é para si uma pessoa em situação de sem-abrigo?

4. Para si quais são os factores principais que levam a estas pessoas ficarem nesta situação de vulnerabilidade?

Dependência a substâncias, problemas psiquiátricos, desemprego, quebra do vínculo familiar.

5.O que leva às pessoas pedirem ajuda?

Necessidade

6.Quais os principais obstáculos que encontra na intervenção com esta população?

A falta de uma resposta imediata, eles trabalham na lógica da urgência quando pedem ajuda, e nosso trabalho é processual.

7.O que considera das respostas sociais existentes?

Podem melhorar, melhores e mais espaços de acolhimento, por exemplo.

8.O que deveria mudar para que a intervenção seja realizada com maior eficácia?

Menos burocracia para conseguir respostas.

9.Qual o ponto forte da intervenção junto desta população?

Presença. Construir laços mesmo quando o PSSA não quer algo naquele momento.

10. O que pode levar ao abandono do projeto iniciado com o utente?

Demora das respostas.

11. Pensa que a rutura dos laços sociais podem ser um dos fatores principais?

Sim

12. Como caracteriza os laços que estes utentes têm com os indivíduos que o rodeiam?

São laços construídos muito rápido e que se desfazem muito rápido também.

13. Pensa que estes utentes costumam ter laços sociais fortes?

Alguns sim.

14. A maioria destes utentes tem algum apoio externo? (família, amigos)

Não.

15. Qual a relação que estes utentes criaram com os técnicos da CVPaz? Consigo?

Suporte, sabem que podem contar com a equipa, que somos pessoas sem preconceitos e que estamos aqui para ajudá-los, a apoiar nas decisões que tomarem.

16. Para si como se processa a reconstrução desses mesmos laços?

Nosso trabalho é contínuo, é uma construção diária, de confiança.

(TEC5 - Agosto)

1. Quais são as suas habilitações literárias?

Tenho Licenciatura e mestrado.

2. Há quanto tempo trabalha na instituição?

Cerca de 10 anos.

3. No seu ponto de vista o que é para si uma pessoa em situação de sem-abrigo?

A definição e si remete para a ausência de casa, ou habitação mas é uma definição escassa. Uma pessoa que se encontre em situação de sem-abrigo perde muito mais que um tecto, abrigo... perde o seu espaço simbólico, perde a sua privacidade, o seu lugar de segurança, a sua rede de vizinhança, entre outros..

4. Para si quais são os factores principais que levam a estas pessoas ficarem nesta situação de vulnerabilidade?

Nunca é monocausal. Existem sempre vários fatores que concorrem entre si. Contudo, a ausência de rede familiar ou uma rutura com esta acaba por definir uma posição de vulnerabilidade enorme e é um fator bastante decisivo.

5. O que leva às pessoas pedirem ajuda?

Situações como: abuso e dependência de substâncias psicoativas, problemas de documentação (imigrantes), desemprego, saúde física, necessidade de encontrarem um abrigo, ausência de qualquer laço formal (familiar) ou informal.

6. Quais os principais obstáculos que encontra na intervenção com esta população?

Inúmero os seguintes: inadequação dos instrumentos conceptuais de intervenção, principalmente, o conceito de sem-abrigo, redutor e que conduz em si a respostas também redutoras. As respostas sociais, como o alojamento, empregabilidade, documentação, como já dito, estão mal estruturadas. Burocracia, que se relaciona com maior valorização de procedimentos formais, ênfase em números e estatísticas e não numa relação com as pessoas. Más condições de trabalho dos profissionais, que se defrontam com situações constantes de precariedade, baixos salários e condições físicas nos locais de trabalho, desajustadas.

7. O que considera das respostas sociais existentes?

Insuficientes e muito limitadoras, tendo em conta o objetivo pretendido, a reinserção bio-psico-social.

8. O que deveria mudar para que a intervenção seja realizada com maior eficácia?

Olhar para os problemas que existem, e que estão enumerados na pergunta anterior.

9. Qual o ponto forte da intervenção junto desta população?

A lei da descriminalização dos consumos e modelo de apoio em comunidades terapêuticas, parece-me o mais eficaz, permite em concreto da resposta às situações de dependências; ajudas materiais de momento.

10. O que pode levar ao abandono do projeto iniciado com o utente?

Criação de falasas espetativas; falta de apoios concretos e de respostas potenciam um impulso ao invés de mitigarem as situações; falta de tempo dos técnicos para investir na relação com as pessoas; burocracia....

11. Pensa que a rutura dos laços sociais podem ser um dos fatores principais?

Sim, mas as razões nunca são monocausais.

12. Como caracteriza os laços que estes utentes têm com os indivíduos que o rodeiam?

Fragmentados; desconfiados; vulneráveis; submissos.

13. Pensa que estes utentes costumam ter laços sociais fortes?

É subjectivo. Mas para acabarem numa dependência de ajuda institucional, os laços, normalmente, já se quebraram.

14. A maioria destes utentes tem algum apoio externo? (família, amigos)

Normalmente, não. Ou são fragmentados, ou interrompidos, ou não existentes.

15. Qual a relação que estes utentes criaram com os técnicos da CVPaz? Consigo?

Essa pergunta deve ser feita aos utentes. Não acho que exista um consenso e discussão entre técnicos que possa dar uma ideia disso.

16. Para si como se processa a reconstrução desses mesmos laços?

Com disponibilidade e tentar dar o máximo sentido às suas palavras e pensamentos.
Sobretudo, não usar formulas para tentar encaixar em casa um.

Anexo 5 – Análise de conteúdo

Categoria	Entrevistados (utentes)	Conteúdo das entrevistas	Observações
<p>Estar em situação de sem-abrigo</p>	<p>JR-FN</p>	<p><i>“Eu cheguei à situação de sem-abrigo, porque me separei. Naquela altura a casa era da rapariga com quem eu vivia... o que é que acontece? Tive que sair de lá e depois eu tive um desgosto muito grande e acabei por me meter na bebida. Na qual eu perdi tudo, vendi tudo, vendi o carro, gastei o dinheiro todo no casino, fiquei sem nada, fiquei sem emprego.”</i></p> <p>(Linha 2, pág. 67)</p> <p>Para o utente a vida de rua é:</p> <p><i>“A vida de rua é terrível, a vida de rua não é aconselhável a ninguém. É muito difícil ficar na rua, para já nos deparamos com situações, com gente que estão muito habituados a estas coisas e só fazem mal às pessoas, portanto a vida de rua não é fácil, um gajo tem que ter</i></p>	<p>Chegou em situação de PSSA por causa da rutura dos laços com a sua ex-companheira, de seguida por problemas ligado às substâncias lícitas, o que originou o desemprego e por fim, a incapacidade de manter uma habitação com os seus próprios meios.</p> <p>Sentimento do utente de como é viver e estar na rua.</p>

		<i> muito cuidado e muita força para ultrapassar isto.” (Linha 22, pág. 67)</i>	
SL-FR	<p><i>“Foi através de uma separação. Não reagi bem à separação e para abafar um bocadinho. Refugiei-me na droga”. (Linha 4, pág. 73)</i></p> <p>Para o utente a vida de rua é:</p> <p><i>“É má, muito má. Já não tenho estofo para isto, para aguentar estar na rua. Mal consigo andar, por isso é que vou me internar. Só quero é sossego e paz.” (Linha 11, pág. 73)</i></p>	<p>Motivos: Separação (ruptura dos laços com a sua ex-companheira) e a seguir o consumo de substâncias ilícitas.</p> <p>O utente demonstra já cansaço de se encontrar nesta situação, juntamente com problemas de saúde (doença física).</p>	
CR-PR	<p><i>“Foi uma sequência de eventos. Primeiro comecei a consumir drogas e depois deixei ter dinheiro para pagar a renda, fiquei sem casa, estava a viver no carro e entretanto o carro avariou deixei de ter dinheiro para arranjar o carro e acabei, acabei por ir viver para a rua (...)” (Linha 11, pág. 80)</i></p>	<p>Os motivos pelo qual levaram a esta situação foram: problemas ligado às substâncias ilícitas e incapacidade de manter uma habitação com os seus próprios meios.</p>	

		<p>Para o utente a vida de rua é:</p> <p><i>“O que é que é vida de rua? Neste momento, presente para mim embora tenha onde dormir, considero-me um sem-abrigo, porque não tenho sítio onde possa relaxar não tenho um sítio, Sei lá... tenho, tenho que seguir ritmos de outras pessoas que não são os meus Ritmos que me são impostos. Tenho que comer aquilo que está disponível para eu comer. Tenho que dormir às horas que me dizem que eu tenho que dormir, acordar as horas que tenho que acordar. Pronto é isso.. por isso para mim vida de rua é isso é termos que seguir os ritmos que a rua nos impõe que é um exemplo do nosso próprio ritmo. De fazer aquilo que queremos dependentes do daquilo que vai e não daquilo que queremos basicamente.”</i></p> <p>(Linha 22, pág. 80)</p>	<p>Um conceito que se encontra subjacente a esta resposta é a desqualificação social – a dependência. Está também o conceito de pobreza em que o utente encontra-se sem poder na sociedade, destituído.</p>
--	--	---	---

	ML-RM	<p><i>“Consumos de drogas” (Linha 23, pág. 98)</i></p> <p>Para o utente a vida de rua é:</p> <p><i>“É dura não presta e é mau. Agora se tirarmos algum proveito de vida de rua como profissionais é uma coisa. Agora viver na rua é mau.” (Linha 29, pág. 84)</i></p>	<p>Consumos de substâncias ilícitas levaram o utente a esta situação.</p> <p>O utente responde esta situação porque trabalha na rua, como homem estatua – mostrando um lado mais positivo desta situação.</p>
	VT-FB	<p><i>“É assim...fui para a Inglaterra por motivos pessoais entre mim e a minha ex-mulher, somos separados (...) mas eu já bebo há muito tempo, só que normal como as pessoas normais, mas acabei por me encontrar sozinho e comecei abusar e então bebia bebidas espirituosas, vodka, whisky. Ah... e então cheguei a um ponto que de manhã quando me levantava já começava a tremer, não conseguia enrolar um cigarro se quer... Tinha que ingerir álcool e pronto... cada vez mais abusar até que chegou ao ponto de começar a</i></p>	<p>Causas: separação com a ex-mulher (ruptura dos laços de participação eletiva) e o problema ligado às substâncias lícitas.</p>

		<p><i>beber uma garrafa de 1 litro por dia. Entretanto Inglaterra é um país muito desenvolvido, mas não tem isto dos sem-abrigo, não existe lá. Nós vamos par um hospital ficamos 4 horas a soro e manda-nos para casa, olha já estás bom! O meu filho disse: vem pai, vem para Portugal e fazer um tratamento para recuperação. E, depois pedes um tempo sem vencimento. Ahh eu pedi, mas eles disseram-me: não, ou tu despedes-te ou nós despedimos-te porque se formos nós a despedir-te nunca mais podes pedir trabalho aqui um dia. Tudo bem pronto foi a minha opção. Euh... tratamento para o álcool no dia 26/07 apanhei o avião vim para cá. Os meus filhos, 2 deles, um deles mora no Entrocamento, alugou uma casa pequenina está longe. E, o mais novo casou há pouco tempo, o mais velho está em obras e a minha também está com a casa que tem paredes assim bastantes largas, está arrumar aquilo</i></p>	
--	--	--	--

		<p><i>tudo e de momento pronto... eu aceito que seja assim e não por não gostarem de mim. Pronto, eu aceito que seja assim, normalmente há sempre condições para um pai, mas pronto e foi isso que me fez vir para cá". (Linha 16, pág. 74)</i></p> <p>Para o utente a vida de rua é:</p> <p><i>"É sujo... a vida de rua é sermos roubados."</i> (Linha 17, pág. 76)</p>	<p>O utente demonstra o seu desagrado da situação.</p>
	<p>J-PR</p>	<p><i>"Recaída no álcool e na droga" (Linha 9, pág. 66)</i></p> <p>Para o utente a vida de rua é:</p> <p><i>"Não é vida. Sobrevives... eh pah não é vida para nenhuma pessoa, tanta coisa que uma pessoa pode fazer. Estar na rua eh pah têm vários stresses. É tipo teres alguém que te</i></p>	<p>Causas: Policonsumos levaram a esta situação.</p> <p>Utente demonstra a dificuldade em que se depara.</p>

		<i>pode fazer mal, se te vai roubar, não saber o que é que vou fazer no dia seguinte, não tens nenhum plano, ou estrutura. A cabeça dificilmente fica tranquila. Eh pah até me aguentei bem, mas há momentos que batem e comesças a dizer f***-se a situações que poderias perfeitamente ter evitado. Tendo feito as coisas um bocado diferente”.</i> (Linha 20, pág. 69)	
	RC-LP	<p>“<i>não sei explicar</i>” (Linha 9, pág. 86)</p> <p>Para o utente a vida de rua é:</p> <p>“<i>é viver na rua, sei lá... pedir ajuda...</i>” (Linha 12, pág. 86)</p>	A durabilidade da condição deste utente é crónica, uma vez, que o mesmo tem problemas com as substâncias ilícitas. E, encontra-se nesta situação há mais de 10 anos, o que acabou por se habituar a este modo de vida.
	MR-PN	<p>“<i>Puseram-me fora de casa, tive que ir para a rua (...) a minha mãe</i>” (Linha 24, pág. 71)</p> <p>Para o utente a vida de rua é:</p>	Rutura dos laços de filiação – sem vínculo familiar.

		<p><i>“Uí! O que é vida de rua? Não é fácil, temos os amigos que temos na rua são os sem-abrigo. Pois as pessoas da sociedade mandam-nos para trás. Nós somos como lixo. Eu não era assim, mas pronto. Agora estou a passar por isto. Estou a ver o que é o lado bom e mau da vida.”</i> (Linha 1, pág. 72)</p>	<p>O facto do utente dizer que a sociedade o manda para trás, demonstra aqui exclusão social, pobreza (sem poder na sociedade) e a desqualificação social, quando refere que <i>“nós somos como lixo”</i>, ou seja, demonstra a perda de proteção e do reconhecimento social e fragilidade. Também se percebe que existe desafiliação social (vulnerabilidade social).</p>
--	--	---	--

Quadro 7 – Análise de Conteúdo: Estar em situação de sem-abrigo (utentes)

Categoria	Entrevistados (Técnicos)	Conteúdo das entrevistas	Observações
Estar em situação de sem-abrigo	TEC1	<p><i>“Uma pessoa que não tem onde viver.”</i> (Linha 20, pág. 92)</p> <p>Fatores principais:</p> <p><i>“Consumos de substâncias e desemprego.”</i> (Linha 23, pág. 92)</p>	

	TEC2	<p><i>“Uma pessoa que pernoita num espaço pelo qual não está a pagar, não tem condições mínimas ou onde é sujeita a maus tratos/exploração pelos proprietários.” (Linha 8, pág. 89)</i></p> <p>Fatores principais:</p> <p><i>“Desemprego, falta de rede social, doença física ou mental.” (Linha 13, pág. 89)</i></p>	
	TEC3	<p><i>“No meu entender uma pessoa em situação de sem-abrigo é todo o individuo que fica sem teto, quer seja ficando na rua, em centro de acolhimento ou habitação precária.” (Linha 17, pág. 94)</i></p> <p>Fatores principais:</p> <p><i>“Acho que podem se inúmeros os fatores que levam a estas situações, mas regra geral falamos de dependências, doenças do foro mental e ultimamente o desemprego. Depois forma-se uma “bola de neve” e depois todos estes fatores acabam por aparecer, inevitavelmente, porque são vistos como um escape a toda a situação.” (Linha 24, pág. 94)</i></p>	

	TEC4	<p>Fatores principais:</p> <p><i>“Dependência a substâncias, problemas psiquiátricos, desemprego, quebra do vínculo familiar.”</i> (Linha 1, pág. 97)</p>	
	TEC5	<p><i>“A definição e si remete para a ausência de casa, ou habitação, mas é uma definição escassa. Uma pessoa que se encontre em situação de sem-abrigo perde muito mais que um teto, abrigo... perde o seu espaço simbólico, perde a sua privacidade, o seu lugar de segurança, a sua rede de vizinhança, entre outros.”</i> (Linha 22, pág. 99)</p> <p>Fatores principais:</p> <p><i>“Nunca é monocausal. Existem sempre vários fatores que concorrem entre si. Contudo, a ausência de rede familiar ou uma rutura com esta acaba por definir uma posição de vulnerabilidade enorme e é um fator bastante decisivo.”</i> (Linha 3, pág. 100)</p>	<p>Utilizou a definição do conceito da ENIPSA, no entanto, o técnico refere que esta definição acaba por ser escassa.</p>

Quadro 8 - Análise de Conteúdo: Estar em situação de sem-abrigo (técnicos)

Categoria	Subcategoria	Entrevistados (Utentes)	Conteúdo das entrevistas	Observações
Laços Sociais	Laços de Filiação	RC-LP	<p><i>“Mantenho com a minha mãe e irmã”</i> (Linha 14, pág. 86)</p> <p>Família tem conhecimento da situação:</p> <p><i>“Sabem”.</i> (Linha 15, pág. 86)</p> <p>Tem apoio da família e como é que se sente quando recebe:</p> <p><i>“Tenho, quando eles podem ajudar ajudam. Não me sinto em dívida com eles.”</i> (Linha 16, pág. 86)</p>	Ainda tem alguns vínculos com alguns membros da família.
		MR-PN	<p><i>“O meu irmão, de vez enquanto telefono para ele”</i> (Linha 6, pág. 72)</p> <p>Família tem conhecimento da situação:</p>	Vínculo familiar enfraquecido.

		<p><i>“Alguns sabem, outros não. Também não tenho nada a dizer da minha vida a eles.” (Linha 8, pág. 72)</i></p> <p>Tem apoio da família e como é que se sente quando recebe:</p> <p><i>“Nada, zero”. (Linha 9, pág. 72)</i></p>	
	J-PR	<p><i>“No momento, zero”. (Linha 28, pág. 69)</i></p> <p>Causas da rutura dos laços de filiação:</p> <p><i>“Foi desde que recaí. Primeiro fiquei sem telemóvel no meio disso e depois desde desse dia não voltei a ter contacto com eles até hoje. Há 3 meses.” (Linha 29, pág. 69)</i></p>	<p>Sem vínculo familiar</p> <p>Desafiliação social (enfraquecimento das redes de sociabilidade).</p> <p>Mais uma vez, mostra que não tem nenhum vínculo familiar.</p>

			<p>Família tem conhecimento da situação:</p> <p><i>“A minha família na verdade não têm nenhuma notícia minha. Se calhar não sonhem, nem tem nenhuma ideia”.</i> (Linha 30, pág. 69)</p>	
		<p>VT-FB</p>	<p><i>“Sim mais com a minha irmã pronto. Hoje dissemos no Messenger do Facebook “Bom dia” um para o outro. Como estas? Como é que não estás? E é assim.”</i> (Linha 26, pág. 76)</p> <p>Família tem conhecimento da situação:</p> <p><i>“Sim, sim. Todos não sei, mas os meus filhos sabem e a minha filha, a minha irmã sabe. Posteriormente, mais alguém saberá através eles, né? Nunca perguntei. Nunca foi o meu</i></p>	<p>Mantém ainda o contacto com a irmã.</p> <p>Mais uma vez, se vê aqui patente o conceito da desqualificação social vê-se a rutura dos laços sociais com o filho mais velho.</p>

		<p><i>interesse saberem ou não. Isto é uma situação que eu e sou só eu o único culpado, né? Fui eu que provoquei esta situação a mim próprio. Só que da parte do meu filho mais velho não vejo ajuda, vejo críticas bastante rígidas. É só criticar, criticar não vejo críticas construtivas é apenas deitar abaixo e depois às vezes é terrível. Eu até já disse para o meu filho mais velho se queres falar comigo, fala senão queres não fales.”</i> (Linha 1, pág. 77)</p> <p>Tem apoio da família e como é que se sente quando recebe:</p> <p><i>“Não é só a minha irmã que vem cá e compra-me um maço de cigarros.”</i> (Linha 29, pág. 77)</p>	<p>Tem apoio da irmã mais nova.</p> <p>Mostra desejo em mudar de vida ir para uma CT perto da irmã e após conseguir seguir a sua vida na cidade onde vive a irmã.</p>
--	--	---	---

			<p><i>“Sinto, sinto muito, porque estão a ajudar-me numa fase difícil eu já pedi ajuda por tanto eu quero ir para a tomada para ficar mais perto possível de Odivelas. Porque quando sair da comunidade já ouvi dizer que sim que arranjo talvez um quarto em Odivelas e eu estou perto da minha irmã.” (Linha 32, pág. 77)</i></p>	
		CR-MR	<p><i>“Sim não tão regular como eu gostava, mas sim. Família de sangue, a minha irmã, a minha companheira é mais minha família de qualquer pessoa da minha família de sangue com ela mantenho contacto regular. Com a minha irmã não tanto como mantinha e tinha primeiro porque nos chateamos. Quando... comecei a meter-me na droga e isso a relação estragou-se um bocado, mas estamos a reatar</i></p>	<p>Rutura dos laços com a irmã devido ao problema que tem ligado às substâncias ilícitas.</p>

			<p><i>contacto. Mas o resto da minha família é um pão a dois bicos eu não quero ligar-lhes e mentir, mas também não quero ligar e dizer a verdade para eles não ficarem preocupados. Apresentar aquela, olhos não veem, coração que não sente. Neste caso, ele disse que não quero estar a ligar para a minha mãe e estar-lhe a contar uma enxurrada de mentiras já sei se lhe ligar e tudo e contar a situação em que estou. Tenho medo que ela... ainda por cima ainda sofre dos nervos e isso, tenho medo lhe dê um chelique qualquer. Sei que lhe vou estar a preocupar imenso e vou-lhe tirar noites de sono. Por isso, prefiro não dar notícias e para a minha família sempre foi muito bom sinal, porque quando eles não ouviam de mim é porque eu</i></p>	
--	--	--	---	--

			<p><i>estava bem (ri-se). Normalmente, era assim porque passei a minha vida a viajar, por isso quando eu não dava notícias por 6 ou 7 meses é porque estava algures na selva ou no meio do deserto. E, não podia dar notícias, por isso desligar contacto vamos pedir para contar que é que está a passar, o que é que tenho andado a fazer isso tudo. E, eu não quero mentir nesse caso eu é que eu não quero estar a contacta-los, por isso mesmo.” (Linha 20, pág. 81)</i></p> <p>Família tem conhecimento da situação:</p> <p><i>“Não. A minha irmã sabe, o resto da minha família não. A minha mãe não contou nada, porque eu lhe pedi para</i></p>	<p>O utente demonstra que não conta esta situação à sua família, apenas sabe a irmã. Que é a pessoa com quem se</p>
--	--	--	--	---

			<p><i>não contar por estas razões que disse.” (Linha 22, pág. 81)</i></p> <p>Tem apoio da família e como é que se sente quando recebe:</p> <p>“<i>Não</i>”. (Linha 24, pág. 81)</p>	<p>encontra chateado pelo facto do utente ter-se metido no consumo de substâncias ilícitas.</p>
		JR-FN	<p><i>“Com todos, também com a minha ex-mulher. Comunicamo-nos por mensagens, facebook. Não há rancor, absolutamente nenhum... as coisas sucederam e teve que ser assim.” (Linha 29, pág. 67)</i></p> <p>Família tem conhecimento da situação:</p> <p><i>“Eu tentei sempre escolher esta situação à minha família, para não terem nenhum desgosto. Eles estavam habituados a verem-me sempre bem.</i></p>	<p>Continua ainda com os vínculos familiares.</p> <p>Pela resposta o utente demonstra vergonha, estigmatização negativa em relação à sua situação e</p>

		<p><i>Mas vão tendo conhecimento através de pessoas que me viam e contava do tipo: O JR está com uma grande bebedeira”. (Linha 1, pág. 68)</i></p> <p>Tem apoio da família e como é que se sente quando recebe:</p> <p><i>“Não, não tenho. Nunca tive e nunca ped”. (Linha 5, pág. 68)</i></p>	<p>desqualificação social (perca de proteção e do reconhecimento social e dependência).</p> <p>Não tem nenhum apoio.</p>
	SL-FR	<p><i>“Não”. (Linha 14, pág. 73)</i></p> <p>Causas da rutura dos laços de filiação:</p> <p><i>“Orgulho, não dar a entender que estava assim. Apesar deles saberem, né?” (Linha 15, pág. 73)</i></p> <p>Família tem conhecimento da situação:</p>	<p>Rutura por completa dos laços sociais de filiação.</p> <p>Medo dos familiares saberem da situação.</p>

			<p><i>“Acho que não”</i>. (Linha 18, pág. 73)</p> <p>Tem apoio da família e como é que se sente quando recebe:</p> <p><i>“Não nenhuma.”</i> (Linha 19, pág. 73)</p>	
		ML-RM	<p><i>“Não, há muito tempo que não tenho”</i>. (Linha 33, pág. 84)</p> <p>Causas da rutura dos laços de filiação:</p> <p><i>“A distância, cada um chega a uma certa idade, cada um para o seu lado e é normal. Entrevistador: e, são aqui de lisboa? Não, são de Torres Vedras”</i>. (Linha 1, pág. 85)</p> <p>Família tem conhecimento da situação:</p> <p><i>“Não”</i>. (Linha 6, pág. 85)</p>	<p>Sem vínculos familiares.</p> <p>O distanciamento provocou a rutura dos laços.</p>

Quadro 9 – Análise de Conteúdo: Laços de Filiação (utentes)

Categoria	Subcategoria	Entrevistados (Utentes)	Conteúdo das entrevistas	Observações
<p>Laços Sociais</p>	<p>Laços de Participação Eletiva</p>	<p>CR-MR</p>	<p>Rede do utente:</p> <p><i>“Por ninguém. Neste momento, não tenho ninguém que eu chame realmente de amigo.”</i> (Linha 25, pág. 81)</p> <p>Apoio da mesma rede, se não tiver o que aconteceu:</p> <p><i>“Não está cá ninguém, não conheço ninguém aqui em Portugal. Estou cá há 2 anos, por isso conheço pouquíssimas gente e as pessoas que eu não conheço ninguém que eu realmente me identifico... bah minto tenho, tenho dois amigos bons, mas um está em comunidade e outro está no Algarve, pronto. De resto é tudo conhecimentos circunstâncias. Por isso, porque lá está a</i></p>	<p>Redes de sociabilidade nulas.</p>

			<p><i>vida de rua, tenho pessoas que confraternizo, porque tenho que confraternizar. Eu não tenho nada em comum. E, amigos é alguém com quem partilhamos coisas e o espaço é a única coisa com as pessoas que estão à minha volta” (Linha 33, pág. 81)</i></p>	
		<p>ML-RM</p>	<p>Rede do utente:</p> <p><i>“Tenho alguns... um ou dois. O resto são conhecidos.” (Linha 7, pág. 85)</i></p> <p>Apoio da mesma rede, se não tiver o que aconteceu:</p> <p><i>“Ajudam são os meus amigos. Mas chega uma fase que não tens que contar só com os teus amigos, tens que contar mais contigo. Tens que ser inteligente, estares só a contar</i></p>	<p>Enfraquecimento das redes de sociabilidade – Desafiliação social.</p>

			<i>com os amigos não fazes nada.” (Linha 9, pág. 85)</i>	
		SL-FR	<p>Rede do utente:</p> <p><i>“Agora por ninguém, não tenho amigos, não tenho ninguém. Conhecidos, mais nada.” (Linha 20, pág. 73)</i></p> <p>Apoio da mesma rede, se não tiver o que aconteceu:</p> <p><i>“Foi as mudanças, as mudanças de sítios, mudanças de lugar e agora vejo aqui em baixo (Vitae) aquilo é cada um por si, não há amizade, não há conforto.”(Linha 23, pág. 76)</i></p>	<p>Redes de sociabilidade nulas</p> <p>Justifica a forma do porquê não ter qualquer vínculo social.</p>
		JR-FN	<p>Rede do utente:</p> <p><i>“O meu grupo de amigos são vocês aqui no espaço aberto ao diálogo, são a minha família. São vocês que estão a cuidar de mim</i></p>	<p>Desafiliação social – enfraquecimento das redes de sociabilidade. Tem apenas apoio dos técnicos do EAD.</p>

			<i>e que me deram a mão para me levantar.” (Linha 6, pág. 71)</i>	
		VT-FB	<i>“Amigos, amigos... por assim dizer não tenho porque as amizades que tinha em Portugal ao longo destes 14 anos uns morreram mesmo (fisicamente, não foram afastados, né?) e outros mudaram de zona. Tenho algumas pessoas conhecidas, né? No Facebook, não é assim por dizer que são meus amigos. Portanto, em Inglaterra arranjar amigos é difícil também, não há ninguém conhecido. Em casa estavam uns ucranianos, não eram meus amigos. Eles tinham a vida deles e eu a minha, eram um casal. Ehu... resto dos ingleses tinha conhecidos lá, não eram amigos e tinha um polaco e polacas eram conhecidas. Encontrávamo-nos na rua porque na Inglaterra trabalhavam mais população madeirense, não tanto continental porque</i>	Desafiliação social – enfraquecimento das redes de sociabilidade. Dificuldade em criar ligações.

			<p><i>muitos vieram de Venezuela da África do Sul, quando ouviu aqueles problemas, optaram por emigrar para a Inglaterra.”</i> (Linha 6, pág. 81)</p>	
		<p>J-PR</p>	<p>Rede do utente:</p> <p><i>“Amigos? Eh pah digo-te a verdade tenho algumas pessoas com quem partilho alguns momentos. Mas assim amigos não tenho.”</i> (Linha 5, pág. 73)</p> <p>Apoio da mesma rede, se não tiver o que aconteceu:</p> <p><i>“Há uns poucos que sim, dois deles são cá do centro já um bocadinho mais velhos que falo com eles de uma forma um bocado diferentes do que com os outros. Pressinto que eles me entendem e eu a eles, a nossa relação é genuína, não há maldade. Porque</i></p>	<p>Desafiliação social – enfraquecimento das redes de sociabilidade</p>

			<p><i>eles estão a fazer as coisas deles para mudar a vida deles e estão a afastar-se das outras coisas. E, não falamos dessas outras coisas. Então até agora quando comecei a trabalhar foi então “J” está tudo bem? O trabalho como é que vai? E, trocamos umas conversas assim sempre que nos vemos.”</i> (Linha 7, pág. 73)</p>	
		MR-PN	<p>Rede do utente:</p> <p><i>“Neste momento, a Comunidade (CVPaz), 4 ou 5 que estão na Vitae é com eles com quem falo e mais alguns que conheça.”</i> (Linha 11, pág. 75)</p> <p>Apoio da mesma rede, se não tiver o que aconteceu:</p>	<p>Desafiliação social – enfraquecimento das redes de sociabilidade</p>

			<i>“Não, também estão na mesma situação que eu (ri-se). É complicado ajudar-me.” (Linha 3, pág. 75)</i>	
		RC-LP	Rede do utente: <i>“Por eu, não tenho amigos.”(Linha 17, pág. 89)</i>	Redes de sociabilidade nula.

Quadro 10 – Análise de Conteúdo: Laços de Participação Eletiva (utentes)

Categoria	Entrevistados (Técnicos)	Conteúdo das entrevistas	Observações
Laços Sociais	TEC 1	Caraterização dos laços: <i>“Muitos serão capazes de criar laços com outros utentes. Até deveria ser mais fácil, se pensarmos que todos nos compatibilizamos mais com pessoas com as quais temos pontos em comum. Podemos também pensar que numa sociedade em que as necessidades básicas não estão garantidas, se imponha uma lei social menos clemente, levando a laços mais instrumentalistas que afetivos. Adicionalmente, com toxicod dependentes, vejo uma relação muito influenciada pelos consumos, onde o foco é externo</i>	De acordo, com o técnico os laços são mais de interesse que propriamente afetivos.

		<p><i>a ambos e onde estas se desconhecem a si próprias sem a moderação das substâncias de escolha, enviesando o processo de se darem a conhecer, que é essencial ao estabelecimento de relações significativas. Reconheço facilmente a necessidade e procura de laços entre alguns utentes. Seria curioso comparar dinâmicas na sobriedade.”</i> (Linha 6, pág. 93)</p> <p>Laços Fortes?:</p> <p><i>“Não vejo um qualquer grupo social poder segurar essa bandeira. Mas julgo que a adição é uma amante ciumenta.”</i> (Linha 11, pág. 94)</p> <p>Apoio externo:</p> <p><i>“A maioria destes utentes terá uma figura, usualmente feminina, que ainda não desistiu deles. Os amigos substituem-se e renovam-se. São raros os amigos que assumem esse papel de apoio, a tendência será a de procurar pessoas de que possam esperar identificação à</i></p>	
--	--	---	--

		<i>problemática atual. Outros sem-abrigo, toxicodependentes...</i> (Linha 14, pág. 94)	
	TEC 2	<p>Caraterização dos laços:</p> <p><i>“Laços de interesses (com os pares) e relação de empatia com os técnicos”</i> (Linha 18, pág. 96)</p> <p>Laços fortes?:</p> <p><i>“Não.”</i> (Linha 20, pág. 96)</p> <p>Apoio externo:</p> <p><i>“Não.”</i> (Linha 1, pág. 97)</p>	<p>De acordo, com o técnico os laços são mais de interesse que propriamente afetivos.</p> <p>Os laços são fracos e não tem qualquer apoio externo – opinião do técnico.</p>
	TEC 3	<p>Caraterização dos laços:</p> <p><i>“Acho que chega a uma fase em que estas pessoas perdem qualquer tipo de laços que possam ter, quer no seio familiar, grupo de amigos e em comunidade. A pouco e pouco vão desvalorizando o poder que os laços podem ter na reconstrução da sua própria vida, pois existe um paradoxo... no início há um corte dos laços pela própria</i></p>	<p>O técnico refere que os laços estão enfraquecidos e quebrados.</p>

		<p><i>família e sociedade, devido à mudança que se desenrola nestas pessoas, mas depois, na verdade, estes laços são a força e amparo essenciais para a alteração do seu estado.” (Linha 15, pág. 99)</i></p> <p>Laços fortes?:</p> <p><i>“Já respondi um pouco a esta pergunta... penso que não. Porque há um corte total dos laços devido à situação de rua.” (Linha 24, pág. 99)</i></p> <p>Apoio externo:</p> <p><i>“Quase que arrisco a dizer que mais de 95% dos utentes não tem qualquer apoio, seja a que nível for. Infelizmente assim que há a recaída na vida de rua, a família principalmente deixa de querer ter contacto com a pessoa. Muitas das vezes os utentes falham a promessa e compromisso de melhorar e recuperar a sua vida que estas</i></p>	<p>Como o técnico refere que não há vínculos sociais dificulta a mudança social.</p>
--	--	---	--

		<i>famílias deixam de acreditar em qualquer mudança</i> ”. (Linha 29, pág. 99)	
	TEC 4	Caraterização dos laços: <i>“São laços construídos muito rápido e que se desfazem muito rápido também.”</i> (Linha 24, pág. 101) Laços fortes?: <i>“Alguns sim.”</i> (Linha 2, pág. 102) Apoio externo: <i>“Não.”</i> (Linha 4, pág. 102)	Redes de sociabilidade enfraquecidos.
	TEC 5	Caraterização dos laços: <i>“Fragmentados; desconfiados; vulneráveis; submissos.”</i> (Linha 14, pág. 104) Laços fortes?:	Existe uma rutura dos laços de acordo, com o técnico. E, que o facto de pedirem apoio aos serviços é porque as relações que os utentes criaram no passado, encontram-se quebradas.

	<p><i>“É subjetivo. Mas para acabarem numa dependência de ajuda institucional, os laços, normalmente, já se quebraram.”</i> (Linha 16, pág. 104)</p> <p>Apoio externo:</p> <p><i>“Normalmente, não. Ou são fragmentados, ou interrompidos, ou não existentes.”</i> (Linha 18, pág. 104)</p>	
--	---	--

Quadro 11 – Análise de Conteúdo: Laços Sociais (Técnicos)

Categoria	Entrevistados (Utentes)	Conteúdo das entrevistas	Observações
Relacionamento entre profissionais e utentes	CR-MR	<p>Conhecimento da CVPaz:</p> <p><i>“hum... já nem me lembro. Passa palavra, quando estava na rua, as carrinhas passavam ao lado. Acho que a Comunidade foi com eles, agora do espaço em si já não me lembro. Mas acho que como associação foi através das carrinhas.”</i> (Linha 19, pág. 85)</p> <p>Relação com a CVPaz:</p>	<p>Mesmo que a integração seja fácil para o utente, entretanto, não consegue criar ligações fortes com as restantes pessoas que o rodeiam.</p>

		<p>“é um sítio onde eu venha, mas lá está para não estar na rua. Um sítio onde me ajudem a tratar de certos problemas, basicamente é isso.” (Linha 21, pág. 85)</p> <p>Relação com os utentes do EAD:</p> <p><i>“Bem acho eu, sei que grupo está sempre a mudar, mas em geral Foi boa. Lá está embora, embora eu dissesse no início que ninguém é realmente amigo, porque sou muito diferente de toda a gente, mas ao mesmo tempo integro-me bem com qualquer tipo de pessoa. Eu não preciso de sentir um laço muito forte entre duas pessoas para se darem bem. Podem ter acabado de conhecer e darem-se bem, lá está desde que haja respeito. Normalmente dou-me bem com toda a gente... há pessoas que precisam de conhecer o ambiente primeiro para se integrar, eu não sou assim. A princípio para mim está tudo bem e depois eventualmente é que posso escolher coisas que não gosto sobre esta pessoa ou aquela... em princípio</i></p>	
--	--	--	--

		<p><i>para mim toda a gente é boa com o potencial de ser mau</i>". (Linha 31, pág. 85)</p> <p>Relação com os técnicos do EAD:</p> <p><i>"Para ser sincero não sei quem é o meu técnico referência. Normalmente, tenho falado mais com o TEC2 ou a TEC3, por isso não sei qual deles é que será, mas boa acho eu. Com os outros técnicos, não tenho muito contacto, lá está dependendo... dependendo das circunstâncias é isso."</i> (Linha 1, pág. 86)</p>	
	JR-FN	<p>Conhecimento da CVPaz:</p> <p><i>"...fui parar ao hospital por causa do álcool. E, fez-me ir parar a uma instituição, à vitae de xabregas. E da vitae falaram-me aqui no espaço aberto ao diálogo..."</i> (Linha 12, pág. 70)</p> <p>Relação com a CVPaz:</p>	Integrou-se bem na instituição e com o ambiente.

		<p><i>“A relação que tenho acho que sim que é boa. A não ser que haja uma mentira por de trás. Mas da minha parte não há e não parece ser do vosso género.”</i> (Linha 18, pág. 71)</p> <p>Relação com os utentes do EAD:</p> <p><i>“É compreender a situação de cada um e pronto. Às vezes dou conselhos e não gosto de dar conselhos, porque estou na mesma situação e não tenho a minha situação resolvida. Mas se me pedirem eu dou, mas sempre para o bom caminho.”</i> (Linha 20, pág. 71)</p> <p>Relação com os técnicos do EAD:</p> <p><i>“Espetacular, muito bem com ele. Aliás ao fim-de-semana costuma sempre ir tomar o cafezinho comigo.”</i> (Linha 24, pág.71)</p>	
	RC-LP	Conhecimento da CVPaz	Sentiu facilidade integrar-se no EAD.

		<p><i>“Através da Vitae e de pessoas conhecidas.”</i> (Linha 21, pág. 89)</p> <p>Relação com a CVPaz:</p> <p><i>“É boa.”</i> (Linha 22, pág. 89)</p> <p>Relação com os utentes do EAD:</p> <p><i>“Foi fácil.”</i> (Linha 23, pág. 89)</p> <p>Relação com os técnicos do EAD:</p> <p><i>“É boa e com os restantes técnicos é boa.”</i> (Linha 24, pág. 89)</p>	
	MR-PN	<p>Conhecimento da CVPaz</p> <p><i>“Através das carrinhas dos voluntários da CVPaz.”</i> (Linha 19, pág. 75)</p> <p>Relação com a CVPaz:</p>	

		<p><i>“É boa, não tenho razão de queixa.”</i> (Linha 20, pág. 75)</p> <p>Relação com os utentes do EAD:</p> <p><i>“Bem, não houve problema nenhum.”</i> (Linha 20, pág. 75)</p> <p>Relação com os técnicos do EAD:</p> <p><i>“Relação de amizade, o meu técnico é a TEC3 e corre tudo muito bem.”</i> (Linha 21, pág. 75)</p>	
	J-PR	<p>Conhecimento da CVPaz</p> <p><i>“os panfletos. Estava no Cais do Sodré e passava lá a carrinha todas as noites e decidi vir. Já lá vai um mês e pouco.”</i> (Linha 22, pág. 73)</p> <p>Relação com a CVPaz:</p> <p><i>“Boa, tipo vim cá e fui recebido. No momento, estaria mesmo aflito tipo exacerbado estar na rua. Vim para cá, porque pelo menos estava fora da rua, podia falar</i></p>	Facilidade de integrar-se no EAD.

		<p><i>com pessoas. Um bocadinho mais sossegado. O centro deu-me essa oportunidade nesse momento. O que me toca fazer que é ir para Comunidade, tinha ouvido falar, mas depois de falar com alguém daqui percebi efetivamente como é que são os passos que tenho que dar. Eh pah para aquilo que vinha por agora está tudo a ser feito. Depois o resto é o tempo, o processo é um bocadinho longo para chegar lá. Só isso é que cansa um bocadinho, mas focando na CVPaz aquilo que foi dito tem sido feito. Então não tenho queixas.” (Linha 24, pág. 73)</i></p> <p>Relação com os utentes do EAD:</p> <p><i>“Hum... eh pah... no geral foi fácil, não senti que tive dificuldades na integração.” (Linha 27, pág. 73)</i></p> <p>Relação com os técnicos do EAD:</p> <p><i>“o meu técnico com o TEC5 é fixe, ele é porreiro. Vem sempre ter comigo, troca uma palavra. É um gajo fixe.</i></p>	
--	--	--	--

		<i>O resto na verdade não tenho muita interação com eles, um bocadinho o TEC1, o resto não muito.” (Linha 5, pág. 74)</i>	
	VT-FB	<p>Conhecimento da CVPaz:</p> <p><i>“Não fui eu que conheci foi a minha filha. Portanto, eu no dia 26 a seguir um dia que vim para cá. Sabe que com a bebida, a minha cabeça deslocou um bocado era os primeiros tempos que tive aqui não sabia o que é que andava a fazer. Se me dissessem volta para ali para esquerdo eu ia. Se me dissesse volta para a direita eu iria para a direita e depois estava a tomar 10 comprimidos diários. Euh agora já não estão terminei na sexta que o médico da vitae disse: Estás bom! Portanto vamos deixar isto para aqui. E, então foi à minha filha no dia 26 quando cheguei falamos, falamos... andamos à procura de uma pensão. Andava com livras e não conseguia trocar naquela hora da noite. Até que por fim conseguimos encontrar um quarto foi a minha filha que pagou 70€ por um</i></p>	Adaptação fácil no local.

		<p><i>quarto. E, entretanto, assim que levantei de manhã fui trocar o dinheiro. Pronto... porque eu tinha levantado cerca de 550€. Eu optei para não me roubarem o dinheiro todo à TEC3. Ela vai me dando 20€ por semana para tabaco. E, assim vou pagando as minhas coisas, mas pronto. É tabaco, medicamentos é exames, o dinheiro não chega assim. Entretanto a minha filha não sei através de quem ela liga para mim e diz-me: pai vais ter à Rua Rui de Sousa, tal, tal, tal... procura pelo Espaço da Vida e Paz eu já falei com eles. Pronto foi o que é que aconteceu. Vim cá, apresentei-me aqui nesse dia, apanhei um táxi vinha com a mala cheia de roupa. Nesse dia a TEC3 disse para me apresentar na Vitae, lá em baixo e pronto fui na carrinha e aconteceu assim. Foi a minha filha.”</i></p> <p>(Linha 3, pág. 82)</p> <p>Relação com a CVPaz:</p> <p>“É boa.” (Linha 23, pág. 82)</p>	
--	--	---	--

		<p>Relação com os utentes do EAD:</p> <p><i>“Foi boa, comecei a entende-los, uns passam o dia a pedir-me tabaco e eu estou sempre a negar (ri-se) não posso dar a eles para depois me faltar a mim. E, depois sou eu quem vai pedir. Não vale a pena.” (Linha 24, pág. 82)</i></p> <p>Relação com os técnicos do EAD:</p> <p><i>“é boa, falo bem com todos. Nunca me chamaram atenção por nada. Tem me ajudado.” (Linha 27, pág. 82)</i></p>	
	SL-FR	<p>Conhecimento da CVPaz:</p> <p><i>“Foi através do meu técnico da vitae.” (Linha 1, pág. 77)</i></p> <p>Relação com a CVPaz:</p> <p><i>“Acho que é boa.” (Linha 2, pág. 77)</i></p>	Pouco tempo, para ainda ter conseguido criar laços sociais.

		<p>Relação com os utentes do EAD:</p> <p><i>“Foi boa, satisfatória.” (Linha 3, pág. 77)</i></p> <p>Relação com os técnicos do EAD:</p> <p><i>“é difícil estou apenas aqui há 3 dias e amanhã vou me embora. Não dá para criar muitos laços, mas até agora foram positivas.” (Linha 4, pág. 77)</i></p>	
	ML-RM	<p>Conhecimento da CVPaz:</p> <p><i>“através dos amigos e também foi o Google e procurei.” (Linha 21, pág. 88)</i></p> <p>Relação com a CVPaz:</p> <p><i>“Boa, para mim é boa.” (Linha 22, pág. 88)</i></p> <p>Relação com os utentes do EAD:</p> <p><i>“Einh.... Não foi difícil, adapto-me bem aqui... Agora lá em baixo é mais complicado, lá em baixo na Vitae</i></p>	Facilidade em se adaptar no EAD, contrariamente da Vitae.

		<p><i>é mais cómico. O segredo é ser inteligente, pões-te no teu cantinho e já está.” (Linha 24, pág. 88)</i></p> <p>Relação com os técnicos do EAD:</p> <p><i>“Boa, boa... porreirinha. Todas boas. são lagartos, nasceram para serem segundeiros. Eu sou Benfiquista.” (Linha 26, pág. 88)</i></p>	
--	--	--	--

Quadro 12 – Análise de Conteúdo: Relacionamento entre profissionais e utentes (utentes)

Categoria	Subcategoria	Entrevistados (Técnicos)	Conteúdo das entrevistas	Observações
Processo de Intervenção	Obstáculos na Intervenção	TEC1	<p><i>“Burocracia, expectativas irrealistas dos utentes, doença mental passageira ou orgânica, falta de meios de resposta.” (Linha 18, pág. 92)</i></p> <p>O que pode levar ao abandono do projeto de intervenção:</p> <p><i>“Morosidade, burocracia, falta de meios, burnout dos colegas, idiosincrasias do</i></p>	Falta de respostas sociais e morosidade das mesmas.

			<i>próprio utente e inclusive das suas famílias. Às vezes desiste-se de um projeto porque o utente tem um cão e não o pode levar consigo para a resposta.” (Linha 17, pág. 93)</i>	
		TEC2	<p><i>“As políticas sociais que são uma treta.” (Linha 3, pág. 96)</i></p> <p>O que pode levar ao abandono do projeto de intervenção:</p> <p><i>“O tempo que demora e a burocracia até se concretizar o objetivo.” (Linha 6, pág. 96)</i></p>	Políticas sociais insuficientes.
		TEC3	<i>“Como obstáculos posso apontar três, a falta de motivação, falta de iniciativa e a habituação ao contexto de rua. Se o utente não tiver uma motivação, um motivo que o faça retornar toda a situação, por muito que nós queiramos e façamos pela pessoa nunca vai dar certo. E a “vida de rua” também cria alguns hábitos e comodismos que são também difíceis de reverter.” (Linha 11, pág. 99)</i>	O maior obstáculo na intervenção de acordo, com a técnica tem a ver com a pessoa, se realmente está ou não motivada.

			<p>O que pode levar ao abandono do projeto de intervenção:</p> <p><i>“Muitas das vezes o tempo que leva todo o projeto a ser iniciado é o principal fator. O sentimento de impotência perante toda a política e burocracia que muitas vezes é necessária leva o utente à desacreditação das instituições e respostas sociais.”</i> (Linha 6, pág. 100)</p>	
		TEC4	<p><i>“A falta de uma resposta imediata, eles trabalham na lógica da urgência quando pedem ajuda, e nosso trabalho é processual.”</i> (Linha 12, pág. 102)</p> <p>O que pode levar ao abandono do projeto de intervenção:</p>	Falta de respostas sociais.

			<p><i>“Demora das respostas.” (Linha 23, pág. 102)</i></p>	
		<p>TEC5</p>	<p><i>“Inúmero os seguintes: inadequação dos instrumentos conceptuais de intervenção, principalmente, o conceito de sem-abrigo, redutor e que conduz em si a respostas também redutoras. As respostas sociais, como o alojamento, empregabilidade, documentação, como já dito, estão mal estruturadas. Burocracia, que se relaciona com maior valorização de procedimentos formais, ênfase em números e estatísticas e não numa relação com as pessoas. Más condições de trabalho dos profissionais, que se defrontam com situações constantes de precariedade, baixos salários e condições físicas nos locais de trabalho, desajustadas.” (Linha 19, pág. 104)</i></p> <p>O que pode levar ao abandono do projeto de intervenção:</p>	<p>Más condições laborais, inadequação de respostas.</p>

			<i>“Criação de falsas expectativas; falta de apoios concretos e de respostas potenciam um impulso ao invés de mitigarem as situações; falta de tempo dos técnicos para investir na relação com as pessoas; burocracia....”</i> (Linha 12, pág. 105)	
	Respostas existentes	TEC1	<i>“Estamos condicionados por respostas sociais de contingência que se tornaram respostas permanentes e conseqüentemente acabam por falhar porque não tinham estrutura a longo prazo. Exemplo: temos utentes que nunca irão deixar de ser dependentes de respostas sociais, não por vontade própria, não falo de pessoas que se acomodaram, falo de pessoas inválidas cujo apoio dispensado é insuficiente para uma vida digna.”</i> (Linha 21, pág. 93)	Condicionados às respostas existentes, falta de mais respostas sociais.
		TEC2	<i>“Poucas, com muita burocracia e nem sempre eficientes.”</i> (Linha 7, pág. 97)	Poucas respostas e ineficientes.
		TEC3	<i>“Num nível global são adequadas, havendo alguns aspetos a melhorar, principalmente ao</i>	Respostas existentes deveria receber uma

			<i>nível das respostas para população com duplo diagnóstico e penso que deveriam ser revistos alguns requisitos de admissão em certos serviços.” (Linha 19, pág. 99)</i>	reforma a nível da prática de acordo com o técnico.
		TEC4	<i>“Podem melhorar, melhores e mais espaços de acolhimento, por exemplo.” (Linha 15, pág. 102)</i>	Aumentar respostas sociais neste campo específico.
		TEC5	<i>“Insuficientes e muito limitadoras, tendo em conta o objetivo pretendido, a reinserção bio-psico-social.” (Linha 1, pág. 105)</i>	Respostas sociais insuficientes.
	Mudanças que deveria haver para intervenção	TEC1	<i>“Recursos humanos e económicos são a resposta óbvia. Os técnicos de intervenção estão numa profissão de desgaste rápido a que acresce terem de fazer o trabalho de dois ou três técnicos que não foram contratados. A matemática é simples: 1 Técnico = 1 Desgaste → 3 Técnicos = 3 Desgastes, por oposição a 1 Técnico = 3 Desgastes.” (Linha 5, pág. 94)</i>	Demasiado trabalho para apenas uma pessoa. Necessário por mais técnicos a trabalhar.
		TEC2	<i>“Alterar as políticas sociais para apoios efetivos.” (Linha 10, pág. 97)</i>	Reforma nas políticas sociais.

		TEC3	<i>“No meu ponto de vista o problema é mesmo a parte da reinserção, assente numa lógica de prevenção de recaída. O problema existente é resolvido, mas depois tem de haver, nos primeiros tempos, um suporte para que cada pessoa se consiga reorganizar e refazer a sua vida.” (Linha 26, pág. 99)</i>	Falta de “follow up”. O acompanhamento depois de conseguir a resposta para o utente.
		TEC4	<i>“Menos burocracia para conseguir respostas.” (Linha 18, pág. 102)</i>	
		TEC5	<i>“Olhar para os problemas que existem, e que estão enumerados na pergunta anterior.” (Linha 5, pág. 105)</i>	
	Pontos fortes da Intervenção	TEC1	<i>“Temos um sistema de alarme ótimo. O alarme social é perfeito. É feita uma sinalização com bastante eficácia quando surge a situação. Não temos recursos humanos para que para além de alguém ouvir o alarme, além lá possa ir e depois tenha meios para fazer algo acerca do caso. Nem</i>	Uma boa identificação das situações dos PSSA.

			<i>falo da necessária concórdia do utente. Essa não controlamos.” (Linha 11, pág. 94)</i>	
		TEC2	<i>“Relação de empatia e encaminhamento do utente.” (Linha 12, pág. 97)</i>	Intervenção individualizada – relação técnico/utente.
		TEC3	<i>“A meu ver a base da intervenção é o estabelecimento de uma relação de confiança e assertividade. Tem também de ser estabelecidos limites nessa relação para que não se torne demasiado “amigável” para que os utentes não sintam a liberdade de se acomodar.” (Linha 32, pág. 99)</i>	Intervenção individualizada – relação técnico/utente.
		TEC4	<i>“Presença. Construir laços mesmo quando o PSSA não quer algo naquele momento.” (Linha 20, pág. 102)</i>	Estabelecimento de laços entre técnico/utente.
		TEC5	<i>“A lei da descriminalização dos consumos e modelo de apoio em comunidades terapêuticas, parece-me o mais eficaz, permite em concreto da resposta às situações de dependências; ajudas materiais de momento.” (Linha 8, pág. 105)</i>	Respostas para pessoas com problemas ligados às substâncias lícitas e ilícitas.

Quadro 13 – Análise de Conteúdo: Relacionamento entre profissionais e utentes

Categoria	Entrevistados (Utentes)	Conteúdo das entrevistas	Observações
<p>Reconstrução dos laços sociais</p>	<p>ML-RM</p>	<p>Desejo ou não de reatar laços:</p> <p><i>“Hum... eles não estão terminados, estão é com falta de contacto. Quando chegar lá está tudo na mesma... a minha irmã também já é casada tem a vida dela, cada um tem a sua.”</i> (Linha 20, pág. 88)</p> <p>Passos para reatar laços usados pelo utente:</p> <p><i>“Não sou muito amante dessas coisas. Viver no passado... quando lá passamos deixei marcado e eu como ser humano considero-me boa pessoa. Para já a distância do trabalho, assim o obriga, não tem devido. Por consequente, eles estão na vida deles. Eles que tenham muita saúde e eu também. Quando vou quero sempre saber se está tudo bem com eles, como se</i></p>	<p>Não manifesta interesse em reconstruir seus laços passados.</p>

		<i>tivesse lá sempre. Por acaso é uma coisa boa que eu tenho lá na minha terriola.</i> ” (Linha 1, pág. 89)	
	SL-FR	<p>Desejo ou não de reatar laços:</p> <p><i>“Talvez. Se tivesse numa fase melhor, mais empenhado, quando sair desta situação.”</i> (Linha 19, pág. 76)</p> <p>Passos para reatar laços usados pelo utente:</p> <p><i>“Não sei, acho que não reatava com ninguém. Por saberem do meu passado iriam estar sempre de pé atrás.”</i> (Linha 2, pág. 77)</p>	Antes de reatar laços espera não estar nesta situação.
	VT-FB	<p>Passos para reatar laços usados pelo utente:</p> <p><i>“Hum... os passos que daria? Eu daria alguns, mas eu não sei onde moram percebe? São 14 anos. eu se se encontra alguém, soubesse onde morava iria procurá-los, como já não sei. Uns optaram por não ter Facebook procurei em princípio e não consegui encontrá-los. Portanto, mas se soubesse que existia uma pessoa do</i></p>	Usaria as redes sociais, como o Facebook para conseguir falar com as pessoas.

		<i>meu passado, né? Claro que iria lá, né? Quando venho cá de férias a Portugal todos os anos, euh... eu procuro e não encontro, né? Vocês sabem fulano, assim, assim não já não mora aqui e tal.”</i> (Linha 6, pág. 82)	
J-PR	<p>Desejo ou não de reatar laços:</p> <p><i>“Muito, cada dia agora penso mais como é que hei-de fazer isso, mas quero muito.”</i> (Linha 3, pág. 72)</p> <p>Passos para reatar laços usados pelo utente:</p> <p><i>“Familiares! Que é o mais que gostava de reatar num futuro próximo. Se calhar preciso de algumas luzes. Porque sinceramente já pensei: fogo, não pode ser assim tão difícil, pego no telemóvel e depois penso e quando ligar o que é que vou dizer? Se calhar preciso de conversar com alguém sobre isso. Se calhar para me orientar um bocado. Se calhar é mesmo da minha cabeça que me está a impedir.”</i> (Linha 18, pág. 73)</p>	<p>Manifesta vontade de reatar os laços de filiação. No entanto, admite que precisa de ajuda de um técnico.</p>	
MR-PN	Desejo ou não de reatar laços:	Sente rancor do passado e por isso não quer reatar laços.	

		<p><i>“Não, não vale a pena. A minha mãe tudo bem, agora o resto não vale a pena.” (Linha 9, pág. 75)</i></p> <p>Passos para reatar laços usados pelo utente:</p> <p><i>“Não quero, não vale a pena. Já os conheço de ginjeira, por isso pode estar tudo bem e depois é vai-te embora. Eu não sou o primeiro, aconteceu também aos meus primos. Por isso, não vale a pena.” (Linha 19, pág. 75)</i></p>	
	RC-LP	<p>Passos para reatar laços usados pelo utente:</p> <p><i>“Melhorar de vida, mudar de vida iria ajudar a reatar amizades perdidas.” (Linha 9, pág. 90)</i></p>	
	JR-FN	<p>Passos para reatar laços usados pelo utente:</p> <p><i>“Eu não quero reatar as amizades que eu tinha do antes. Porque as minhas amizades eu não vou voltar a ter porque as pessoas com quem eu lidava naquela altura estavam na sociedade muito bem vistas, eram tudo pessoas da televisão, pessoas bem-postas na vida. Isto já não vou conseguir, bem não é que não vai conseguir. Mas muitos já morreram e já não tenho muito interesse.</i></p>	<p>Não mostra interesse em voltar a reatar esses laços que foram quebrados no passado.</p>

		<p><i>Tenho interesse agora a fazer uma vida para a frente e outras amizades e se voltar a aparecer pessoas de trás claro que vou dizer que sim. Serão bem-vindas.” (Linha 10, pág. 71)</i></p>	
	<p>CR-MR</p>	<p>Passos para reatar laços usados pelo utente:</p> <p><i>“Os passos é o que estou a tomar ir o mais depressa possível e voltar a minha realidade. Pronto neste momento a minha realidade é esta, mas pronto voltar para o meio das pessoas, que eu gosto e que gostam de mim também ando eu me sinto um livre, que é na Inglaterra. Eu nasci em Portugal, mas minha vida adulta passei-a lá quase toda os meus amigos de miúdo continuam cá em Portugal não tenho tanto contacto. Mas se eu for a minha terra estão lá, mas é aquelas amizades de miúdo. Entretanto, todos nós crescemos damo-nos muito bem por aquilo que aconteceu há muito tempo, mas as pessoas com os meus amigos mesmo estão na Inglaterra ou no resto do mundo. Mas sobretudo na Inglaterra e tipo o nosso ponto de encontro</i></p>	<p>O desejo é tratar do problema com as substâncias ilícitas, melhorar a realidade onde vive e voltar para a Inglaterra onde tem os seus contactos.</p>

		<i>era em minha casa. Nesse aspeto, para reatar as ligações é a voltar para lá ou comprar um melhor telefone, que nem se quer dá para ir para o Facebook, mas pronto (ri-se). Neste momento, nem isso fica por aí.” (Linha 20, pág. 85)</i>	
--	--	---	--

Quadro 14 – Análise de Conteúdo: Reconstrução dos laços sociais (utentes)

Categoria	Entrevistados (Técnicos)	Conteúdo das entrevistas	Observações
Reconstrução dos laços sociais	TEC1	<i>“Os utentes vêm ter connosco na pior fase da sua vida. A maioria com a família que ou já era disfuncional ou que se afastou do utente por uma questão de autopreservação. É enlouquecedor ver alguém que amamos a maltratar-se e a magoar-se. Algo de que os utentes têm noção, acrescentando culpa a tudo o resto. Os laços restabelecem-se com nova informação. Não já com palavras. Sem pressão, imposição, promessas, exposição ou apelos baratos à emoção. Daí que diga aos utentes que esqueçam para já o mundo para lá deles próprios. Que é um conselho enorme. O restabelecimento dos laços é o produto final de um percurso pessoal bem-sucedido. Quando os utentes</i>	O técnico refere que este processo já é o produto final bem-sucedido da intervenção com o utente.

		<i>estiverem bem, tudo o resto se virá a colocar no lugar.” (Linha 4, pág. 96)</i>	
	TEC2	<i>“Através da empatia/ajuda ” (Linha 6, pág. 98)</i>	Intervenção individualizada.
	TEC3	<i>“Processa-se através da mudança de atitude do utente e da sociedade em geral. O utente mostrando vontade e motivação para a renovação da sua vida, fazendo mais por si para melhorar e alcançar resultados, reconectando-se regularmente com o motivo para essa mudança. No caso da sociedade, há que se deixar de olhar para o lado quando se vê alguém, na rua, fingindo que aquela situação não existe, e fazer daquele problema algo nosso.” (Linha 22, pág. 101)</i>	Mudança Social.
	TEC4	<i>“Nosso trabalho é contínuo, é uma construção diária, de confiança.” (Linha 17, pág. 103)</i>	Trabalho da relação interpessoal.
	TEC5	<i>“Com disponibilidade e tentar dar o máximo sentido às suas palavras e pensamentos. Sobretudo, não usar formulas para tentar encaixar em cada um.” (Linha 9, pág. 106)</i>	Empatia.

Quadro 15 – Análise de Conteúdo: Reconstrução dos laços sociais (técnicos)

Categoria	Entrevistados (Utentes)	Conteúdo das entrevistas	Observações
Mudança Social	CR-MR	<p>O que fazer para a mudança:</p> <p><i>“É deixar Metadona... não sei que isso assim que conseguir estar livre da Metadona, as mudanças positivas acontecem que acontecendo isso eu posso ir embora e a partir daí as coisas irão correr bem outra vez. Entrevistador: Está com muito? Entrevistado: Não estou com 40, problema, mas até nisso se eu não tivesse, se não tivesse a dormir num albergue. Se tivesse uma casa já tinha deixado a Metadona, porque fazia o desmame, mas é muito difícil quando não se está confortável, ainda ter aquele desconforto extra. Eu tenho medo que estar a tentar baixar a Metadona quanto na situação que está tenho medo, que volte a recair, por isso... por isso nem quero estar com aventuras, quero fazer isto no procedimento normal e fazer a desabituação isso que é para não recair... para não correr mal. Se</i></p>	<p>Consegue-se ver as seguintes situações: Desqualificação social (dependência e fragilidade); desfiliação social (precarização laboral) e problemas a nível de saúde física. E, demonstra desejo de esta situação mudar.</p>

		<p><i>tivesse em casa, se tivesse na minha vida mesmo deixava sem medo como já fiz várias vezes, mas na situação estou... não dá. Porque se estou em casa e durante a noite estou mal e doe-me as pernas... Sei lá levanto-me vou ver um bocado de televisão, faço um chá, tomo um banho. E, neste momento, não posso fazer isso. Tenho horas para me deitar estou num sítio, como estão as pessoas não posso estar no levanta e deita. Pronto no estou à vontade, por isso eu sei que não posso fazer isso. Mas eu deixando a Metadona sinto isso abre-me as portas outra vez, para ter uma vida normal.” (Linha 27, pág. 86)</i></p> <p>Projeto de vida:</p> <p><i>“Sair daqui. Neste momento, trabalho, mas não posso trabalhar porque estou no albergue, porque o meu trabalho implica fazer horas à noite e eu estando no albergue, não posso fazer essas horas por isso</i></p>	
--	--	---	--

		<p><i>está-me a condicionar imenso. Depois é aquele ciclo eu sem trabalho, não consigo pagar o meu quarto ou uma casa, mas não estando numa casa, não vou conseguir meter o trabalho. Dizer que vamos no albergue e continuar a trabalhar, talvez resulte para alguns tipos de trabalho durante o dia. Agora para o meu. Eu sou técnico de som, eu faço produção, eventos, concertos. Ainda no outro dia, da semana passada fui fazer o concerto dos Muse e saí às 3:00 da manhã e tive que dormir na rua. Porque já antes, já a semana anterior deixei passar um trabalho por causa disso, que eu não queria estar aqui na rua. Mas depois é aquela que eu também não quero que patrão me deixe de telefonar. Por isso, vou gerindo, vou dizer que não que não e depois de vez enquanto digo que sim para não ter no trabalho, mas sei que aquilo vai ser exigente a brava porque vou trabalhar a montar o espetáculo, que normalmente são um turno enorme. Depois vou estar cansado o suficiente quando chegar a altura de desmontar ou desmontar</i></p>	
--	--	---	--

		<p><i>em vez de ir dormir, ou seja, estou cansado da montagem e depois ainda tenho que passar aquela noite na rua só posso dormir, no dia seguinte à noite. E, neste momento não ando bem fisicamente, não ando muito bem, nem quero estar a meter-me em muitas aventuras dessas. Mas lá está sempre tivesse uma casa podia estar a trabalhar e estando a trabalhar, a cabeça está no sítio isso facilitava muito mais o desmame da metadona. Por isso, são coisas tudo, que estão muito interligadas umas coisas com as outras. Basta uma das condições não estar boa que vai ter influência nas outras coisas.” (Linha 12, pág. 87)</i></p>	
	ML-RM	<p>O que fazer para a mudança:</p> <p><i>“Olha é ter juízo (ri-se)... Do resto eu tenho tudo. Sempre ganhei muito em Torres Vedras, na Suíça, na Holanda... desenrasco-me bem só tenho é que trabalhar e ter vontade. Do resto é aqui na cabeça. Sou pedreiro, sou lenhador... sou poliglota em</i></p>	<p>Mostra desejo em deixar as substâncias ilícitas e conseguir um trabalho. Demonstra vontade de reconstruir os laços de participação orgânica.</p>

		<p><i>algumas coisas. Agora trabalhar com as novas ferramentas não, mas o antigo de há 52 anos sim desenrasco-me.</i>” (Linha 16, pág. 89)</p> <p>Projeto de vida:</p> <p><i>“é agora acalmar-me um bocado, fazer uma terapia e depois ter juízo e continuar a trabalhar.”</i> (Linha 21, pág. 89)</p>	
	RC-LP	<p>O que fazer para a mudança:</p> <p><i>“é ir para uma das quintas e depois de um ano arranjar trabalho.”</i> (Linha 15, pág. 90)</p> <p>Projeto de vida:</p> <p><i>“é ir para uma quinta e o meu objetivo é voltar para o meu antigo trabalho. Entrevistador: Onde é que é o seu antigo trabalho? Rio de Mouro. Entrevistador: O</i></p>	<p>Mostra desejo em deixar as substâncias ilícitas e conseguir um trabalho. Demonstra vontade de reconstruir os laços de participação orgânica.</p>

		<i>que é que fazia? Jardinagem e cuidava de pessoas com deficiência.” (Linha 16, pág. 90)</i>	
JR-FN	<p>O que fazer para a mudança:</p> <p><i>“Arranjar um trabalhinho e a partir daí a mudança está na minha cabeça, se tiver cabeça para isso...”</i> (Linha 28, pág. 71)</p> <p>Projeto de vida:</p> <p><i>“O meu projeto de vida não é só arranjar um trabalho, é arranjar uma namorada fazer uma vida normal. Passear muito, porque a vida não é só trabalhar.”</i> (Linha 1, pág. 72)</p>	<p>Desejo de reivindicar os seus direitos. E reconstruir os laços de participação eletiva (conseguir uma cónjuge) e os laços de participação orgânica (trabalho).</p>	
J-PR	<p>O que fazer para a mudança:</p> <p><i>“Eh pah primeiro é entrar para comunidade. Embora eu já saiba porque já fiz no passado comunidades, que não é só comunidades que vai mudar e ficar mudado. Mas é iniciar este processo já com essa noção. De sentir a necessidade de mudar, viver a</i></p>	<p>Manifesta vontade de tratar do problema que tem ligado às substâncias ilícitas, reatar os laços de filiação (família) e reatar os laços de participação orgânica (conseguir um trabalho).</p>	

		<p><i>vida de outra maneira, mas a querer mesmo fazer e ser mais criativo no processo. Tenho tendência a ficar cómodo, a fazer devagarinho e já vi que assim não resulta. Tenho que puxar um bocado por mim.</i>” (Linha 11, pág. 74)</p> <p>Projeto de vida:</p> <p><i>“1: Sobriedade; 2: Reatar com a minha família; 3: Quando terminar aquele processo é definir aí para que lado profissional é que eu vou focar-me e trabalhar.”</i> (Linha 18, pág. 74)</p>	
	MR-PN	<p>O que fazer para a mudança:</p> <p><i>“É ir para a Comunidade (CT) e sair de lá novo.”</i> (Linha 1, pág. 76)</p> <p>Projeto de vida:</p>	<p>Vontade de tratar dos problemas ligados ao álcool e reatar laços de participação orgânica (conseguir um trabalho).</p>

		<i>“Arranjar um trabalho, ter uma casa e organizar a minha vida.”</i> (Linha 2, pág. 76)	
SL-FR	O que fazer para a mudança: <i>“A minha saúde melhorar e conseguir um trabalho. Era tão bom.... Era mesmo bom, bom, bom...”</i> (Linha 11, pág. 77) Projeto de vida: <i>“Devia ser esse, ter o meu trabalhinho, o meu dinheirinho, o meu cantinho, a minha casinha....”</i> (Linha 13, pág. 77)	Desejo de tratamento às substâncias ilícitas e reatar laços de participação orgânica.	
VT-FB	O que fazer para a mudança: <i>“Deveria acontecer uma mudança radical, era assim euh... aceitar o programa que vai acontecer da Comunidade. E, eu ter um trabalhinho quando saísse.”</i> (Linha 8, pág. 83) Projeto de vida:	Desejo de tratamento às substâncias lícitas e reatar laços de participação orgânica.	

		<p><i>“é este, sou velha, mas ainda sinto forças para trabalhar, mas um trabalho que não seja nas obras. Nunca trabalhei e não sei né? E é pesado, portanto para a minha idade 61 anos. Um trabalho que conseguisse. Aliás a Comunidade tem 4 coisas, jardinagem, carpintaria... quero passar o meu tempo ocupado. Quero arranjar lá uma ocupação. Além das reuniões de grupo e não sei quê... fora não estar a pensar que estou tipo numa prisão, né? Ou coisas semelhantes.” (Linha 15, pág. 83)</i></p>	
--	--	--	--

Quadro 16 – Análise de Conteúdo: Mudança Social